



DESDE 8 DE ABRIL DE 2000

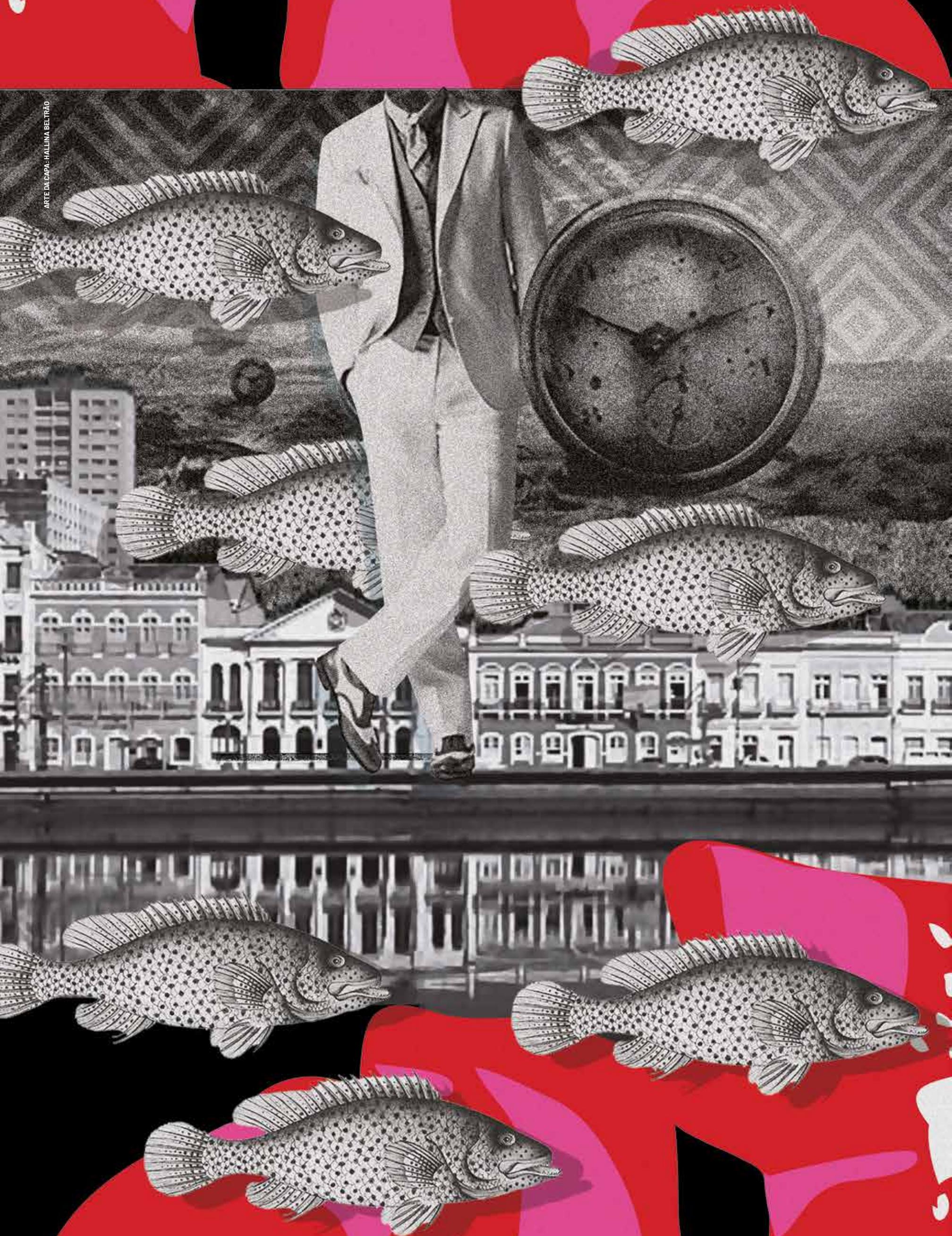
rascunho

261

Jan. 2022

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

ARTE DA CAPA: HALLINA BELTRÃO



**eduardo ferreira**

TRANSLATO

A HORA DOS FATOS NUS

A hora da estrela sobressai entre as obras de Clarice Lispector por motivos vários, dentre os quais o de supostamente narrar fatos exteriores, nus e crus. Discorre sobre a pobreza, a pequena tragédia individual, a invisibilidade da protagonista. Vai muito além disso, claro. E, em especial na seção introdutória, na qual o “autor” Rodrigo S. M. explica as razões, a forma e a substância de sua escritura, lemos diversas reflexões sobre linguagem e literatura. É nisso que pretendo me deter aqui.

O modo de expressão e sua vinculação com a verdade ou a realidade ocupa boa parte do início do romance. Está em jogo aqui uma forma de tradução: exprimir em palavras a realidade dos fatos e, mais do que isso, verdadeiramente a maneira como os fatos impactam a mente do escritor. Como fazer isso? Rodrigo S. M. vive a angústia de sentir-se

obrigado a escrever, como forma talvez de desafio, sem se sentir escritor. E se debate nessa angústia ao longo do livro.

Quanto ao modo de expressão, Rodrigo S. M. pretende usar uma linguagem simples, próxima talvez à fala cotidiana: “Pretendo, como já insinuei, escrever de modo cada vez mais simples [...] é trabalho de carpintaria [...] Escrever em traços vivos e ríspidos de pintura”. Parece fácil? Duvidoso, já que a simplicidade nem sempre se alcança facilmente, e escrever como se fala é exercício de difícil consecução e de ainda mais difícil aceitação pelo leitor.

O “autor” conscientemente recusa a linguagem difícil, a adjetivação e o floreado, mas, ao mesmo tempo, admite transigir, assustado diante do abismo da simplicidade e da nudez: “Escrevo sobre o mínimo parco enfeitando-o com púrpura, joias e esplendor. É assim que se escreve? Não, não é acumulando e

sim desnudando. Mas tenho medo da nudez, pois ela é a palavra final”.

Quanto ao conteúdo, a ideia é exprimir fatos. Apenas isso. Rodrigo S. M., ao longo do trecho introdutório do livro, parece ir tomando consciência da dificuldade da empreitada: “O que me proponho contar parece fácil e à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo. Com mãos de dedos duros enlameados apalpar o invisível na própria lama”.

Traduzir em texto a verdade, a realidade ou os fatos, por mais que se queira simplificar a linguagem, é questão complexa. Talvez ainda mais que a tradução de texto em texto. Rodrigo S. M. admite o problema: “A verdade é sempre um contato interior e inexplicável [...] A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique”.

O “autor” reconhece que o texto vai além, muito além, das palavras: “Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira”. E reconhece que as palavras não apenas deixam de manifestar tudo o que se quer. Pior: exprimem aquilo que não necessariamente se quer, ou que sequer se pensou: “... para escrever não importa o quê o meu material básico é a palavra. Assim é que esta história será feita de palavras que se agrupam em frases e destas se evolui um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases”.

Como identificar, expressar ou traduzir esse sentido secreto? Será algo consciente ou inconsciente, deliberado ou aleatório? Nada é explícito o suficiente para deslindar essa questão, e o tradutor terá de haver-se só com o texto e suas emanações — as quais, a propósito, podem vincular-se menos ao texto mesmo e mais às intervenções idiossincráticas, conscientes ou não, do leitor-tradutor.

Não é fácil traduzir, assim como não é fácil escrever. Rodrigo S. M. sintetiza essa angústia e suas dádivas: “É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados”.

**rinaldo de fernandes**

RODAPÉ

UM ÉPICO DO NOSSO TEMPO

A terra em pandemia (Mondrongo, 2020), do baiano Aleilton Fonseca, é, em língua portuguesa, provavelmente o principal poema deste período lúgubre. A força do poema, o vaticínio que ele formula, já está na epígrafe, nos versos agudos extraídos das *Metamorfoses* de Ovídio: “E amanhã não seremos o que fomos, / nem o que somos”. No futuro, qualquer cidadão do mundo que queira obter informações sobre a pandemia do coronavírus, vendo-a da ótica de um brasileiro, terá no poema de Aleilton uma das fontes mais preciosas. Trata-se, de fato, de um poema sólido, na forma, recortada em refinada intertextualidade (além de Ovídio, Thomas Mann, Baudelaire, Descartes; a Bíblia, mitologia grega), e no teor, carregado de imagens definitivas do nosso tempo. A ori-

gem e a disseminação do vírus mundo afora; a alteração no cotidiano das cidades; a recomposição dos orçamentos das nações; o imperativo do investimento em saúde pública; a derrocada das economias; a insanidade de governantes impiedosos. O vírus se alastrando pelo mundo ganha do poeta este registro aterrador: “Ainda não te enxergam fatal. E tu aportas em Singapura. / Pequim cancela as festas. O Ano Novo Lunar já não traz alegria. / Em teu nome, erguem-se templos de campanha, servos de branco para te conter. / Qual turista em férias, passas em Hong Kong, vais do Canadá ao Nepal. / A China proíbe passeios na muralha, e tu já circulas em Sri Lanka. / Espanha, Portugal e França resgatam os seus filhos na cidade de Wuhan”. Aqui se chega a um eixo central do poema — as imagens do Brasil e do

seu presidente despropositado, improvidente. E, sobretudo, impiedoso, conduzindo o país a um verdadeiro genocídio. E, aflitivas, irrompem as imagens da pandemia propagando-se pelo país: “E tu vais aqui te alastrar. E breçar o samba, e matar a bola/ E parar a dança e ocupar os campos e ruas e avenidas para nos matar. / Dos condomínios para as favelas; das mansões para os barracos, / Das madames às domésticas; dos patrões aos empregados, / Dos clientes aos funcionários, dos filhos aos pais, dos netos aos avós, / De vizinho a vizinho: — o sopro da morte, de pulmão a pulmão: / De repente é aquela corrente pra frente, parece que todo o Brasil deu a mão”. Poesia comprometida ao extremo. Contestadora do bolsonarismo (o presidente brasileiro é batizado de “o indigitado”) é a seção “O desfile das infâmias”. Vale a pena reproduzir uma de suas estrofes: “E brandiam tochas e farpas. Agrediam as portas da Justiça, / A velha senhora, acuada e temerosa, diante do vil linchamento. / Incendiários do apocalipse tropical, seguidores do indigitado, / contaminar as ruas e os dias com secreções mentais. / A arma entre o indicador e o polegar atira contra a razão. / O vírus atravessa por entre seus gritos, em vil comunhão. / Quais dessas criaturas irão sucumbir à própria loucura? / Pobres defensores da besta, meros viventes da terra plana. / Caricatos cavaleiros da discórdia, da balbúrdia, da dissolução, / Atores da farsa dos servos da legião, os pactários do caos!”. O tom de crônica histórica do poema atenua a dicção por vezes elevada, até retumbante. E se Castro Alves teve na escravidão o seu impulso para condenar, no *Navio Negreiro*, uma situação de imensa injustiça, Aleilton Fonseca não só expõe, em *A terra em pandemia*, impasses/inquietações incrustadas neste momento na alma do planeta, mas também esbraveja contra a incivilidade/insanidade que representa, para o Brasil, a Era Bolsonaro — equiparada no poema à insolente/desaforada Era Trump.

**rascunho**
O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

desde 8 de abril de 2000

Rascunho é uma publicação mensal da Editora Letras & Livros Ltda.
CNPJ: 03.797.664/0001-11
Caixa Postal 18821
80430-970 / Curitiba - PR

rascunho@rascunho.com.br
 www.rascunho.com.br
 twitter.com/@jornalrascunho
 facebook.com/jornal.rascunho
 instagram.com/jornalrascunho
 [whatsapp \(41\) 99109.4352](https://whatsapp.com/99109.4352)

EDITOR

Rogério Pereira

EDITOR-ASSISTENTE

Luiz Rebinski

EDITORA DE POESIA

Mariana Ianelli

EDITOR DE FICÇÃO

Samarone Dias

DIRETOR DE ARTE

Alexandre De Mari

REDAÇÃOJoão Lucas Dusi
Raissa Micheluzzi**DESIGN**

Thapcom.com

IMPRESSÃO

Press Alternativa

COLONISTAS

Alcir Pécora
Eduardo Ferreira
Fabiane Secches
João Cezar de Castro Rocha
José Castello
José Castilho
Luiz Antonio de Assis Brasil
Maira Lacerda
Nelson de Oliveira
Nilma Lacerda
Noemi Jaffe
Ozias Filho
Raimundo Carrero
Rinaldo de Fernandes
Rogério Pereira
Tércia Montenegro
Wilberth Salgueiro

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

André Caramuru Aubert
Clarissa Macedo
Clayton de Souza
Cristiano Santiago Ramos
Diana Junkes
Divanize Carbonieri
Edma de Góis
Elton Uliana
Gilberto Tadeu Nable
Gisele Eberspächer
Haron Gamal
Iara Machado Pinheiro
Leila Miccolis
Lew Welch
Mário Câmara
Otávio de Moura Brandão
Rufo Quintavalle

ILUSTRADORES

Aline Daka
Dê Almeida
Denise Gonçalves
Eduardo Souza
Fabio Miraglia
FP Rodrigues
Hallina Beltrão
Joana Velozo
Maira Lacerda
Oliver Quinto
Tereza Yamashita

eu, o leitor

cartas@rascunho.com.br

No Twitter

As vinhas da ira, de John Steinbeck, é um livro! [sobre a coluna de Raimundo Carrero no *Rascunho* #260].

Darwin Oliveira

Que inveja infinita dos mineiros! [sobre a notícia de que "O grande mentecapto", de Fernando Sabino, virou ópera e vai ser apresentado em Belo Horizonte].

Claudio Machado

No Instagram

Preciso adquirir **O deus das avencas** [resenhado no *Rascunho* #259]. Amo tudo que o Daniel Galera escreve.

Maria Aparecida Alves Soares

A entrevista com Javier Cercas, publicada no *Rascunho* de novembro de 2021, está imperdível. Não conhecia o autor, mas gostei demais. E fiquei bem interessada em ler **Terra alta**.

Juliana Guerra

A Academia Brasileira de Letras vai acabar tendo de tudo, menos autores de ficção. Nada a ver. Tantos escritores bons nesse país e a ABL escolhe atriz, músico e médico. Só declínio para a classe literária do país [sobre a eleição de Fernanda Montenegro, Gilberto Gil e Paulo Niemeyer Filho].

Sandro Santos

O *Rascunho* é maravilhoso. Só literatura. Artigos incríveis, indicações de livros.

Risomar Fasanaro

Quero muito ler a entrevista com o Antônio Torres [publicada no *Rascunho* #260]. Assinando agora!

Taylane Cruz

Ana Elisa Ribeiro é sempre precisa [sobre a crônica "Poesia, romance e diversidade editorial"].

Jr. Bellé

No Facebook

Quero andar com a Mariana Ianelli no recreio. Alguém me apresenta?

Dalva Maria Soares

O problema que temos hoje não é discordar ou concordar com "lugar de fala", mas entender que cada um está compreendendo o termo de uma forma diferente [sobre fala de Patrícia Melo no *Paiol Literário*: "Literatura e lugar de fala são duas coisas incompatíveis"]. O lugar de fala na discussão sociológica é importante (cada minoria deve poder falar por si). O lugar de fala no MERCADO editorial é importante (por que há tão poucos negros publicados? Precisamos de mais histórias sobre sexo gaúcho contadas por homens brancos?). O lugar de fala na literatura, em si, não é importante (a literatura é um campo aberto para a imaginação). Concordo com ela, porque a questão dos lugares de fala está apenas deslocada e inflamada. Mas ela tem seu papel, em especial numa sociedade como a brasileira.

Sérgio Filho

A eleição do Merval Pereira para a presidência da Academia Brasileira de Letras é inacreditável! Essa instituição está boa de fechar.

Hid Batista

O *Rascunho* tem 21 anos?! Vida longa ao jornal!

Paulo Velloso

Os franceses não são bobos nem nada! Eles sabem QUEM eleger para uma cadeira na Academia [sobre Mario Vargas Llosa ter sido eleito imortal da Academia Francesa].

José Maurício Guimarães



6

Entrevista
Ivan Angelo



12

João Cabral:
íntimo
desconhecido
Cristiano
Santiago Ramos



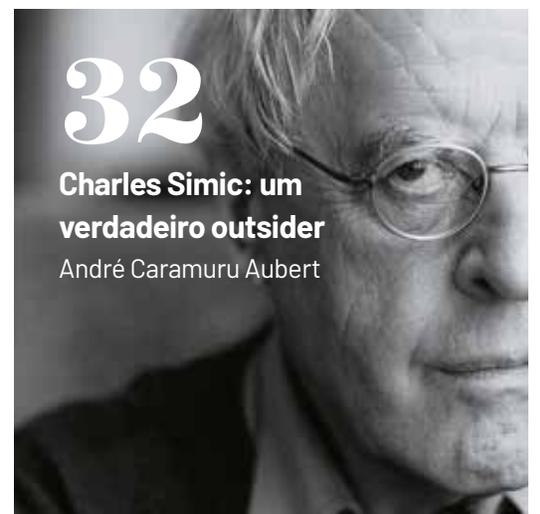
19

Inquérito
João Paulo Cuenca



24

Paiol Literário
Cida Pedrosa



32

Charles Simic: um
verdadeiro outsider
André Caramuru Aubert



9

Terrapreta,
de Rita Carelli
Haron Gamal



42

Conto: Austin
Marina Navarro Lins



21

As artes no
reino das selfies
Alcir Pécora



44

Poemas
Lew Welch



35

Belo mundo, onde você
está, de Sally Rooney
Otávio de Moura Brandão



arte da capa:
HALLINA
BELTRÃO



36

Contos morais,
de J. M. Coetzee
Lara Machado Pinheiro

pu
bli
que!

- Diagramação
- Ilustrações exclusivas
- Capas
- Revisão
- Edição
- Fechamento de arquivo
- Ebook, Epub e Mobi
- Impressão
(com tiragem sob medida para seu projeto)



**Fazemos seu
livro/ebook**


thapcom
design + ideias

 (41) 99933-4883

www.thapcom.com

**josé castello**

A LITERATURA NA POLTRONA

O QUE JÁ ERA NÃO É MAIS

Caminho pela beira do mar. As ondas cobrem meus pés, mas não aliviam o calor. Copacabana ferve. Avisto um vendedor de mate. Ele acaba de atender a um casal e, distraído, segue seu caminho. Ainda ouço quando, voltando a cabeça de repente, ele diz, como que em uma despedida: “O que já era não é mais”.

Sereno, sorrindo, o homem volta a olhar para a frente e se afasta. A frase me paralisa e, com isso, a distância entre nós aumenta. Desisto do mate. Volta e meia, frases alheias me golpeiam. São dardos, talvez facas, atravessam meu presente e o rasgam. Essas frases grudam. A frase do vendedor, dita em um tom entre o deboche e a tristeza, me sangra.

Sento-me diante do mar, esquecido do calor e da sede, e me ponho a pensar. De que falava o vendedor? É um homem de meia idade, com a pele vermelha e uma disposição de menino. Quanto pesa o galão de mate que ele carrega? Sei que um botijão de gás pesa 25 quilos. Parece que um galão cheio de mate pesa o dobro. O mate pode já estar no fim. Ainda assim, de onde o homem tira tanto entusiasmo?

Volto à frase que ele me deixou. Talvez fale da juventude que se foi. De um casamento fracassado. De uma vida anterior em um trabalho mais leve. De todo modo, fala do presente — do que não é mais. Tendemos a acreditar que só o passado nos foge. Difícil é aceitar que o presente nos escapa também. Ocorre-me, contudo, que só do que não é mais, ou do que dele sobra, dos restos que deixou, nós podemos viver.

Levanto-me. Preciso reagir. Resolvo seguir as pegadas do homem na areia, talvez eu ainda o alcance. Parece tarde demais. Vivo, eu também, a experiência do que já passou. Fico ali, de pé, observando a areia branca, metido no buraco que o tempo cava. Preso no vão do que não é mais. “O senhor está se sentindo bem?” — um rapaz se aproxima e me pergunta. Sou sincero, por que mentir? “Não, não estou bem.” Mas acrescento: “Ainda assim, você não pode fazer nada”. O rapaz me encara com espanto. Mostra preocupação. Insiste: “O senhor tem certeza?” Como insisto que sim, mesmo desconfiado, ele se vai.

Diante do “não é mais”, nada podemos fazer. Ou ainda podemos? Pensando ao contrário: tudo o que podemos fazer diante do não é mais é partir de uma ausência. Não importa saber ou interrogar o que já era. Se já era, não interessa mais. É o que penso, um pouco trêmulo apesar do calor, e confuso, bastante confuso. Preciso, sim, de um copo de mate. E já.

Avanço alguns passos em direção ao Leme. Não era nessa direção que eu ia, mas para lá o autor da frase maldita me leva. Não sigo mais o homem, que não encontrarei, eu sigo sua frase. Não posso deixar que me escape. Alguns metros à frente, no entanto, eu avisto o vendedor. Serve a uma senhora muito gorda e suas crianças. A avó e os netos, talvez. Dá gargalhadas, sorri, continua feliz. O que “já não é mais”, entendo agora, lhe dá esperanças. Da ausência, ele tira vida.

Resolvo me aproximar. Peço um copo de mate. Outro. Dou goles fartos. Depois, satisfeito, ainda faço tempo. Não sei o que dizer, mas estou ali para dizer. O homem, que é bondoso, me ajuda: “O senhor parece aflito. A praia não relaxa?” Digo, então, que também eu perdi muitas coisas. Tantas coisas, nem sei mais. Quando nelas penso, vejo só um borrão, ou talvez uma galáxia. Uma vastidão que me engole. Por fim, confesso: “Ouvi o que você disse ainda agora para aquele casal. Fiquei impressionado”. Não parece me entender. Esclareço: “Aquele coisa de que o que já era não é mais”.

Ilustração: **Joana Velozo**

O homem ri. Ri muito. “O senhor tem uma ótima memória. Nem eu mesmo me lembro do que disse para aqueles dois.” Dá mais algumas gargalhadas, feliz. Conclui: “Se eu disse isso, já não importa. Já não é mais também”. Acomoda o galão de mate na areia, mostra que está disposto a conversar. Tranquilo, espera que eu fale. Como nada consigo dizer, volta a me ajudar: “Talvez o senhor precise de férias”. Pensa um pouco e completa: “A idade pesa. Pesa mais do que um galão de mate”.

Pergunta o que faço. Do que vivo. Diz que tenho cara de médico. Digo que não, que não sou médico, digo que escrevo. “Então é um escritor”, completa. “São duas coisas diferentes”, eu o corrijo. “Quem escreve nem sempre é escritor, embora pense ser.” Agora ele dá uma gargalhada longa. O riso atenua sua perplexidade. “O senhor deve ser daqueles que se impressionam com

frases.” Aconselha-me, então, a não levar as palavras tão a sério. Aprendeu isso no tempo em que trabalhou como caixa de um supermercado. Foi difícil, muito difícil. “Diziam tantas coisas”, ele recorda. “Falavam tanto.”

Na época, sofria muito com as palavras e reprovava a si mesmo. Castigava-se. De nada adiantou, foi demitido. Se levamos as palavras muito a sério, elas nos machucam, me diz. Cansado de tanto falatório e acusações, decidiu sobreviver como vendedor de mate na areia. Caminhando na praia, entendeu melhor que tudo passa, tudo fica para trás, nada importa. “Meu avô me dizia que, mais importante que o sol, é o vento”, ele recorda. “O vento que a tudo carrega e a tudo limpa.”

Seu pai, que também vende biscoitos na praia, seguindo a sentença do avô, lhe diz que o vento é o bafo de deus. Não sabe se acredita em deus, mas acredita no vento. Acredita em seu ba-

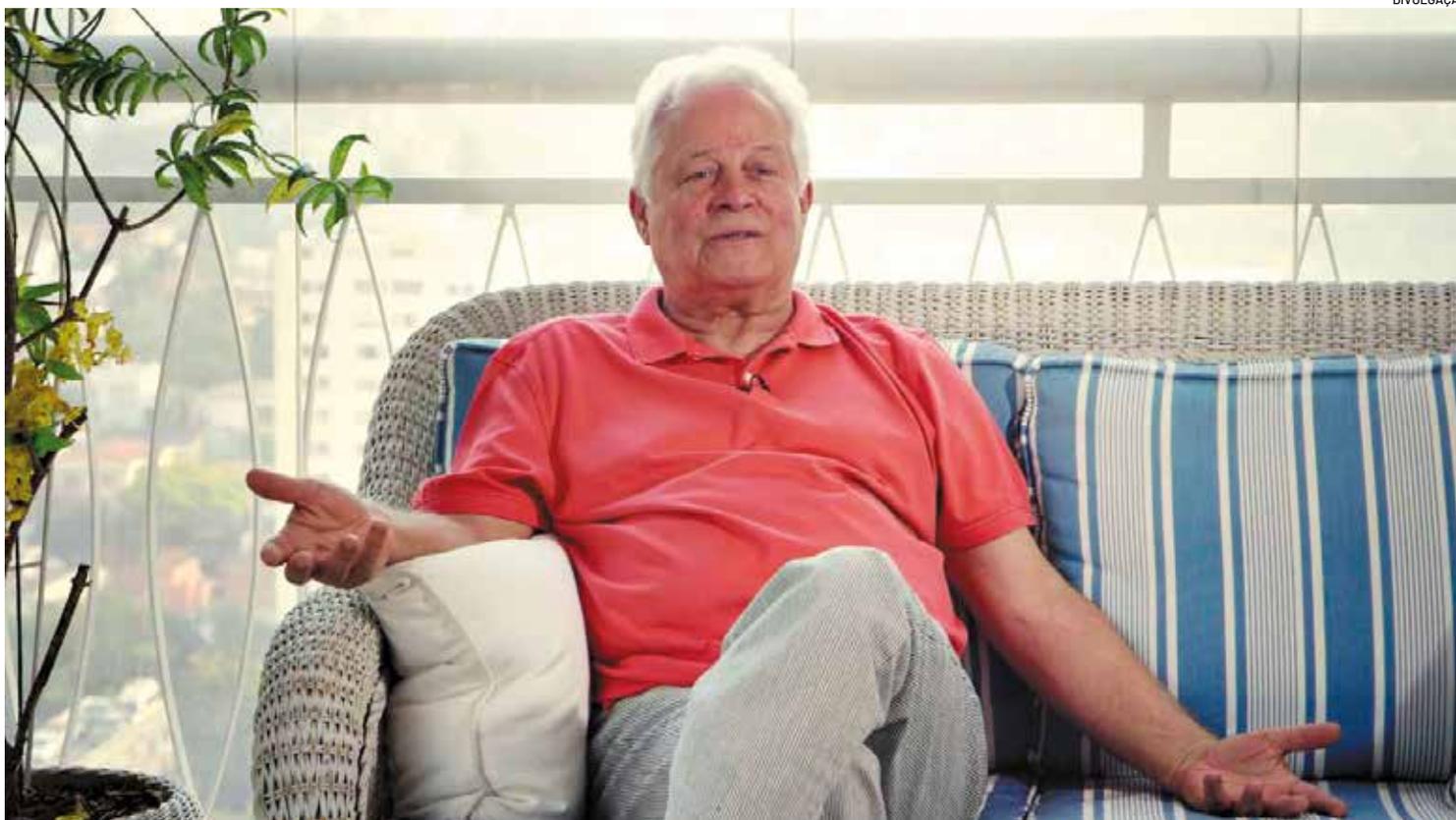
fo, que carrega os grãos de areia e apaga o presente no mesmo momento em que ele acontece. “O vento é uma borracha. Ele empurra o presente para o passado.” Pensa um pouco mais e completa: “O presente é uma borracha”.

De repente, o homem se despede com um sorriso manso. Não me conhece. Não tem a menor ideia de quem sou. Ainda assim, se entrega. E não teme. Sobretudo: não teme porque sabe que tudo se desfaz, mesmo o pior. Fico pensando nesse homem da areia, um sábio que carrega seu galão sob o sol e é feliz com isso.

Sempre vi os vendedores de praia como se fossem uma pessoa só. O mesmo galão, o mesmo chapéu, o mesmo homem. Agora ele me ensina: cada um deles é uma pessoa. Só agora me dou conta de que esqueci de perguntar seu nome. Apesar de tudo, eu ainda o vejo como um uniforme, e não um homem. Tenho muito a aprender. **📖**

entrevista 

IVAN ANGELO



DIVULGAÇÃO

Indagações atemporais

Ivan Angelo celebra mais de seis décadas voltadas à escrita, lança a coletânea *Sex shop* e prevê novas publicações inéditas

MÁRWIO CÂMARA | RIO DE JANEIRO - RJ

Em seus mais de 60 anos de carreira literária, o mineiro Ivan Angelo consolidou-se como um dos principais escritores do Brasil, seja pela versatilidade ante os gêneros textuais até aqui trabalhados, como pela capacidade minuciosa de registrar através da palavra os costumes, as sutilezas e as complexidades da sociedade brasileira.

Passando por diferentes veículos de imprensa, fez fama no jornalismo e, sobretudo, na literatura, capitaneando obras-primas, a exemplo de *A festa*, um poderoso mosaico ficcional sobre a opressão, publicado durante os tempos da Ditadura Militar, seguida de *A casa de vidro* e *A face horrível*.

Contemplado com alguns prêmios literários, incluindo o Jabuti e o APCA, o escritor mineiro de Barbacena parece não estar disposto a parar de produzir, a exemplo de seu recente livro *Sex shop, miscelânea libidinosa*, que traz diferentes textos sobre sexo que

navegam entre o conto, o poema e o ensaio; além de um romance que pretende publicar em breve.

Em entrevista concedida por e-mail ao *Rascunho*, Ivan Angelo reconstituiu alguns dos principais momentos de sua vida e carreira, partindo da infância e juventude em Minas Gerais, dos primeiros escritos à investida para a imprensa, seguindo para os seus interesses estéticos no campo da prosa de ficção e da crônica. Além disso, recupera o passado vivido na Ditadura e reflete sobre o atual momento do país.

• **Como surge o interesse pelos livros e, sobretudo, pelo ofício da criação literária? Em que momento o senhor se viu pego pela escrita, encontrando na palavra o seu lugar no mundo?**

Não sei se vou soar antigo, mas é isso: a possibilidade do livro surge no momento em que se aprende a ler. Não digo soletrar, mas ler e entender uma frase. De-

pois de uma frase vem outra e aí já é uma narrativa. Quando você começa a achar aquilo bonito, você se torna um apreciador. Quando quer fazer aquilo também e quer que apreciem, você quer criar. Quando decide que é aquilo que você quer fazer e se aplica para lidar plasticamente com as palavras, você está no caminho de se tornar um escritor. Aí é preciso escrever um livro. Comigo foi assim, o mundo das histórias escritas me pegou criança. Por isso é que eu posso soar antigo: hoje, as narrativas de ficção que se encontram nos aplicativos de celular, nos jogos, na televisão são concorrentes muito fortes para os livros de histórias, e então aprender a ler não antecipa necessariamente o livro de ficção literária, seja como leitor, seja como criador.

• **O senhor atuou durante muitos anos na imprensa. De que forma o jornalismo também influenciou no seu trabalho de escritor?**

O jornalismo foi um meio de vida de um jovem sem profissão que não sabia fazer nada senão escrever. Isso aconteceu com todos os escritores brasileiros que trabalharam em jornal, do século 19 para cá, até regulamentarem a profissão. Eu tinha desistido de estudar engenharia, publicava uns contos, traduções e perfis em jornais de Belo Horizonte, aí me ofereceram um emprego. Acho que foram os escritores, de um modo geral, que influenciaram para melhorar a linguagem dos jornais e revistas. Só depois dos anos de 1960 e 70, foi que a linguagem sofisticada e as técnicas inovadoras de alguns jornalistas norte-americanos influenciados pelos melhores escritores de lá passaram a influenciar os jornalistas e alguns escritores de cá. Eu procurei pistas também e principalmente no cinema, nos mestres da língua, nas composições da pintura, nos escritores estrangeiros, nos gibis, por que não? Quem para de procurar não se renova.

• **Como foi a sua vivência literária em Minas Gerais. O senhor chegou a fazer parte dos grupos que existiram nos anos 1940 e 1950?**

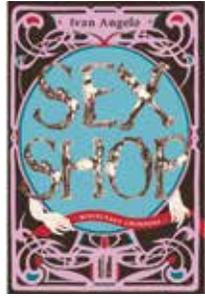
Em Minas, o escritores sempre gostaram dessa coisa de turma, desde que as cidades se estruturaram como centros de mineração, de comércio, de convívio social. Os principais nomes do Arcadismo mineiro, Gonzaga, Claudio, Alvarenga, eram uma turma, não? No início do século passado tinha a turma do Drummond. Depois tivemos a turma da revista *Edifício*, da revista *Tendência*, da revista *Complemento*, que foi a minha, da *Estória*, da *Ptyx* e tantas outras. *Complemento*, lançada em 1956, foi bem diferente das outras por ser multiarte, reunia poetas, ficcionistas, artistas plásticos e críticos de arte, músicos, diretores e atores e críticos de teatro, mestres de dança e bailarinos, críticos de cinema e cineastas *to be*. No topo das competências dessa turma, que eram várias, temos hoje o Silvano Santiago, militante da literatura em tempo integral, o principal intelectual brasileiro da atualidade.

• **O início do senhor foi com as narrativas curtas. Como se deu o ingresso na literatura como autor?**

Publiquei, aliás, publicamos um livro de contos que se chamou *Duas faces*, metade do livro escrita por mim e a outra metade escrita pelo Silvano Santiago. Estreamos juntos como ficcionistas com esse livro, em 1961, 60 anos atrás. Quando o escrevemos tínhamos 23 anos. A fim de conseguirmos a publicação, pois éramos dois desconhecidos, nos comprometemos com a Editora Itatiaia a vender antecipadamente 200 exemplares. Corremos listas entre parentes e amigos e o livro que estava pronto em 1959 saiu em 1961.

• **A festa, considerado pela crítica seu principal livro, é uma obra que fica entre o limiar do romance *puzzle* e dos contos. Como foi escrevê-lo?**

Um livro como esse evidentemente se constrói a partir de um projeto. Projetei *A festa* em 1963. Eu queria que um livro de contos se transformasse de repente num romance. A ideia inicial era esta: todo mundo que se encontra numa festa tem uma história anterior, tem a vida que viveu antes daquele momento na festa. O meu projeto era construir essas histórias anteriores (os contos) e misturar seus personagens numa festa, e depois, na parte de se chamaria “depois da festa”, mostrar o que a festa modificou nas suas trajetórias. Entre as duas partes eu tinha programado um *tour de force* literário que seria “a festa”, não uma descrição de uma festa, mas um longo *travelling* dentro da festa, falas, garçons, reflexos, olhares direcionando a “câmera”, saltando o assunto de uma pessoa para outra, procurando fazer um sentido baseado nas suas histórias passadas, os contos. Tudo isso sem um



Sex shop, miscelânea libidinosa

IVAN ANGELO
Faria e Silva
148 págs.



Data daqueles tempos [da ditadura militar] um sentimento que eu tenho de que as pessoas que passam por mim são capazes de atos abomináveis no escuro de suas almas.”



Em *A casa de vidro* eu quis mostrar que aqueles comportamentos opressivos e cruéis não eram frutos da ditadura militar, já estavam na nossa história, desde a colônia. Então, aquilo não era uma circunstância, era uma constância.”

narrador na terceira pessoa! Bom, aí veio o golpe militar de 64, veio a censura, eu parei o projeto com três contos escritos, aliás parei qualquer projeto literário, passei a trabalhar só com jornalismo e publicidade. Depois me mudei para São Paulo, para ajudar a fazer o estimulante e inovador *Jornal da Tarde*, e nessa toada fui até 1973, 1974. Decidido a falar daqueles tempos de espantos e impossibilidades, retomei o projeto do romance, atualizando o tempo da ação, levando os personagens a se moverem no ambiente contaminado pelos horrores da ditadura. Eliminei a parte da festa, aquele *travelling* de que eu falei, e levei uns 20 meses para terminar. Estava pronto no final de 1975, saiu em 1976.

• **O senhor vivenciou um dos momentos mais nefastos da história do país: a ditadura militar. Que tipo de situação o senhor viveu naquele contexto que marcou a sua subjetividade como homem e artista?**

O pior foi a morte cruel de colegas de trabalho e de parentes de colegas, foi a invasão e depredação do espetáculo teatral *Roda viva*, do qual participavam alguns amigos meus, a caçada a um amigo integrante de grupo da luta armada, ser levado para interrogatório por homens mascarados armados de metralhadora, o constrangimento de ter censores na redação do jornal onde eu trabalhava, mas nada comparável com a morte sob tortura de outros tantos conhecidos. Data daqueles tempos um sentimento que eu tenho de que as pessoas que passam por mim são capazes de atos abomináveis no escuro de suas almas.

• **A casa de vidro foi publicado em 1979, após o sucesso de A festa. Li que o senhor escreveu esse romance para corrigir algumas questões colocadas na obra anterior. Aconteceu isso mesmo?**

Sim. É o meu livro mais bem realizado, quero dizer, cujo resultado é mais próximo do que eu quis fazer. A linguagem é mais elaborada, o estilo é mais luxurioso. E no entanto é um livro que eu volta e meia penso em mexer, no sentido de exigir menos do leitor. Quanto a corrigir questões d’*A festa*, sim, de certa forma. O leitor poderia ter ficado com a noção de que aquele Brasil d’*A festa* era assim por causa da ditadura militar. Não, não era! Em *A casa de vidro* eu quis mostrar que aqueles comportamentos opressivos e cruéis não eram frutos da ditadura militar, já estavam na nossa história, desde a colônia. Então, aquilo não era uma circunstância, era uma constância.

• **O recém-lançado Sex shop, miscelânea libidinosa me parece uma provocação, visto que, embora estejamos no chamado “país do Carnaval”, as polarizações mostram o quão conservadora a sociedade bra-**

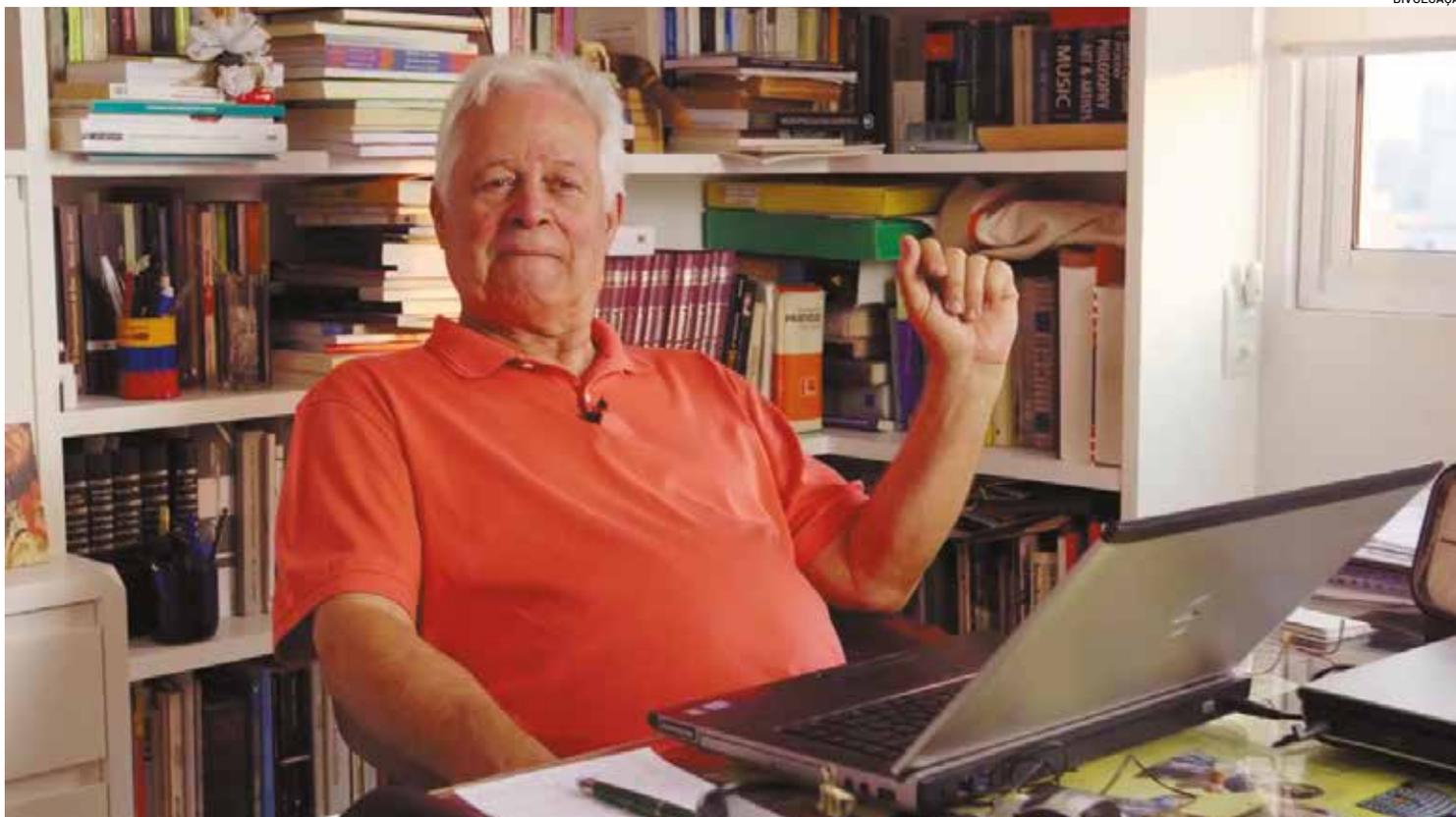
sileira continua sendo. Ao mesmo tempo, um livro de textos sobre sexo neste momento político é extremamente provocador, como A festa foi nos tempos da ditadura.

O Brasil é uma vasta sex shop. O shortinho é o traje nacional das moças das comunidades, seja na versão quase virilha seja na versão vende bumbum. Nas universidades predomina o short coxinha e a blusa frente única sem nada embaixo. Garotos sem camisa no campus. Nos shows televisionados, cantoras de sucesso mostram seus predicados não vocais. Os “artistas” homens apertam-se nas calças, camisas têm de mostrar as últimas voltas dos colares e pingentes cafonas. As câmeras não se retiram discretamente nas cenas de sexo das novelas e filmes. Nas praias, o fio não é dental. Então, sex shop é uma metáfora. Quanto ao conteúdo, tem coisas de hoje, brincadeiras que eu chamei de poeminhas safiados, como este, por exemplo: “chega de rachadinha/ diz o deputado/ agora eu vou/ chupar laranjas”. Tem contos, um inédito, muito criativo, outros de pouquíssima circulação; tem ensaios e artigos que publiquei no que se chamava antigamente de “revista de mulher pelada”, e tem descrições digamos poéticas de partes do corpo feminino. É um livro divertido. Se tem alguma coisa de provocador e político é bater de frente com os hipócritas.

• **De que forma o senhor enxerga o Brasil de hoje, dentro de um cenário pandêmico, de culto ao ódio, do cancelamento virtual, das polarizações, do descrédito à ciência, do desmonte da cultura e de todos os tipos de anomalias retrógradadas do discurso?**

O pior é pensar que essa gente que está dando esse tom bárbaro ao nosso tempo brasileiro sempre esteve aí, é aquela mesma gente que apoiou o golpe de 64 e sustentou o regime do ódio e da truculência por tanto tempo. Foi abafado na redemocratização e voltou ao protagonismo ajudado pelos hipócritas, assenhoreando-se não só do poder, também de símbolos nacionais, as cores verde e amarela, a bandeira, como se representassem eles o povo, a nação, e usando instrumentos de fala sub-reptícios como as redes sociais. A pandemia serviu para desorientar e desencorajar ainda mais a sociedade, paralisando as pessoas, ou direcionando-as para surtos de movimentos bem-comportados, sem bandeiras, quase envergonhados, enquanto os propagandistas do ódio se movem ruidosos em suas motocicletas agitando símbolos roubados. Nesse arrastão bárbaro eles levam para o buraco nossas conquistas sociais, nossos cuidados com o meio ambiente, nossas conquistas de renda popular, o valor da ciência e do conhecimento, porque eles não precisam disso, têm bens materiais, têm dinheiro, posições. Só um poder





também sub-reptício irá instaurar em breve a sensatez: o voto. Mas não nos iludamos, essa gente que sempre esteve por aí continuará por aí, conspirando.

• **Sinto que o papel do intelectual brasileiro tem mudado muito nas últimas décadas. Se a literatura ontem, por exemplo, teve alguma força motora capaz de influenciar o “modus operandi” de uma sociedade, hoje, mesmo que ela dialogue com o seu tempo, seu papel político, por exemplo, tem se tornado um tanto quanto passivo. Sente essa mudança, levando em conta o mundo de outrora e o atual?**

Essa é uma discussão que está presente no mundo, principalmente na Europa. O ocaso do intelectual como um decifrador dos impasses e propositor de caminhos. Se não faz mais sentido a velha luta de classes, se a sociedade se tornou tão complexa que a política não resolve as crises, o que fazer? Os discursos, no sentido de fala com ideias, estão pulverizados de tal maneira que nenhum deles passa a ter importância, alcance. Tudo é ruído, nada é fala. Então, não creio, como você diz, que o papel da literatura tenha se tornado um tanto passivo. Os escritores continuam na luta, continuam de luta. O que acontece é que a literatura é uma vozinha entre tantas na balbúrdia das comunicações, reproduzidas por milhares de mídias, e essa saturação, esse excesso, é que a torna menos eficaz no seu papel político, apesar de manter a sua significância artística. Mas chegamos àquele momento em que falar é importante.

• **Além de ficcionista, o senhor também é respeitado pelo exímio trabalho como cronista. Saindo da prosa de ficção e partindo para a crônica, esse gênero que fica entre os limites da literatura e do jornalismo, como tal produção começa e de que forma o senhor passa a se sentir também confortável para atuar como cronista?**

A crônica é o exercício da literatura como estilo. Você se desafia a escrever bem aquele texto, que quase não tem outro objetivo. Não é contar um caso, confessar uma emoção, retratar um segmento da sociedade, louvar uma dama — é escrever bem, explorar o desafio do assunto sem afrouxar o rigor da linguagem. Já falei que é como escrever um poema, nos melhores casos. Pois não é?

• **Alguns de seus livros também são voltados ao público infantojuvenil. Como é escrever para crianças e adolescentes? O senhor tem contato com esses leitores?**

Um dos meus livros de que mais gosto foi classificado como romance juvenil, solução que a editora deu para colocá-lo numa prateleira do mercado. É um romance em torno de um menino, chama-se **Pode me beijar se quiser**. Muitos escritores escreveram sobre meninos sem que seus livros fossem considerados literatura para jovens. Mas deixa pra lá. Esse livro tem uma estrutura como eu gosto de trabalhar: são treze contos, estruturados e acabados. Mas compõem uma história, marcam a evolução de um personagem, propõem a solução de um enigma. Para evitar ruídos urbanos, localizei as ações numa fazenda. Escrevi dois livros realmente para crianças, **O vestido luminoso da princesa**, tipo um conto de fadas em que as fadas não resolvem nada, e **Damião e Mariinha**, uma história rimada. Estou terminando um livro de diálogos filosóficos para crianças, chamado **Conversinhas com algum avô**. Já tive, sim, conversas com crianças sobre livros, sempre proveitosas, mais para mim do que para elas, acredito.

• **O senhor costuma ler os autores brasileiros contemporâneos?**

Sempre leio, procuro selecionar os de ficção entre os premiados, que é uma forma de



O Brasil é uma vasta sex shop.”



O pior é pensar que essa gente que está dando esse tom bárbaro ao nosso tempo brasileiro sempre esteve aí, é aquela mesma gente que apoiou o golpe de 64 e sustentou o regime do ódio e da truculência por tanto tempo.”



O que acontece é que a literatura é uma vozinha entre tantas na balbúrdia das comunicações, reproduzidas por milhares de mídias, e essa saturação, esse excesso, é que a torna menos eficaz no seu papel político, apesar de manter a sua significância artística.”

escolha talvez injusta com os outros, mas o que eu posso fazer? Leio bastante história e tentativas de entender o mundo contemporâneo. Nesse segmento, as coleções de ensaios coordenadas pelo filósofo Adauto Novaes sobre o tema *Mutações* são excelentes. O mote poderia ser essa ideia intrigante e preciosa de Paul Valéry, de que o futuro já não é como era.

• **Além de *Sex shop*, podemos esperar um novo livro de ficção?**

Depois de muitos anos, voltei a escrever um romance, chama-se **O inferno não é igual para todos**. Estou escrevendo com um entusiasmo antigo, confiante nos dois papéis da literatura na sociedade em que ela se insere: o político e o artístico. Tenho pronto um livro de histórias policiais, narrado de modo inusitado, cada história é uma conversa, um diálogo. Chama-se **O assassino brincava com bonecas**. Tenho pronto também um livro de crônicas sobre o amor, suas delícias e desencontros, chamado **Corações a galope**. Outro que está pronto, não sei se de interesse restrito, sobre Minas Gerais, seus lugares e seu estilo, chamado **Anjos nos caminhos de Minas**. Finalmente, pronto, um livro de artigos, ensaios, palestras e críticas, escritos ao longo desses 60 anos de atividade literária, ao qual dei um título irônico, **Voo de pássaro**. Todos à espera de editores.

• **Qual é a sua visão ante o futuro do nosso país? Do que nós brasileiros precisamos nos conscientizar?**

Vou citar de novo o Valéry: o futuro já não é como era. Não é fácil olhar para o futuro de um país que, ao contrário do que se propôs Juscelino Kubitschek, de avançar cinquenta anos em cinco, recuou quarenta anos em quatro. Precisamos recuperar valores civilizados, educação, cidadania, civilidade, solidariedade, compaixão — porque recuperação política, econômica e social é trabalho para mais de uma geração. 🗣️

Entre incêndios e tempestades, o renascer

No romance **Terrapreta**, Rita Carelli parte de uma morte inesperada para narrar o frutífero encontro entre uma personagem órfã e indígenas

HARON GAMAL | RIO DE JANEIRO - RJ

Na primeira parte do romance **Terrapreta**, chamada *Tempestade*, há o seguinte trecho:

Ali, no Alto Xingu, as meninas entram em reclusão depois da primeira menstruação e só saem no Kuarup, a grande festa dos mortos que acontece entre julho e setembro. Se a menina ficou menstruada em abril, ou maio, ótimo, ela deve sair em agosto, mas se menstrou em junho ou julho, por exemplo, o período de reclusão pode ser considerado insuficiente para o aprendizado e ela só sairá na festa do ano seguinte.

Entre os indígenas retratados no romance e a nossa cultura, de origem portuguesa e europeia, há um fosso quase intransponível. Outra referência no romance é a falta de conexão da cultura urbana, predominante no Brasil, com a cultura desses brasileiros autóctones, tão difícil de ser aceita por uma parte considerável da população. Caso não fosse assim, teríamos muito mais a aprender: “Na mata todas as referências se perdem, tudo o que você pode ter aprendido na vida urbana torna-se inútil e, uma vez perdida, mais cedo ou mais tarde vai acabar se dando conta de que está andando em círculos”.

Aqui, já dá para perceber que em matéria de sobrevivência física e espiritual, a cultura branca não supera a das civilizações indígenas. Falta-nos conhecimento para lidar com a natureza, com suas manifestações favoráveis ou contrárias aos seres humanos. Alguém poderia perguntar se este é um romance-tese sobre culturas indígenas. Não, não é esse o foco da narrativa, não é apenas isso o enredo, mas serve para mostrar que não se pode hierarquizar culturas. Em consequência, não se pode menosprezar nenhuma delas, com invasões às suas terras ou alimentando o fogo que incendeia suas florestas.

O livro, no entanto, vai além. A cultura indígena, tão defendida no texto, é também o pretexto para uma boa história, quase uma aula de como deve ser este gênero chamado romance.

Perdas e ganhos

O livro inicia-se tendo como foco uma adolescente de quinze anos que, alguns quartos de hora após chegar à escola, recebe a triste notícia de que sua mãe (que ainda havia pouco a transportara de carro) está morta. O motivo: um enfarto fulminante. Daí em diante, a vida da menina muda radicalmente.

A narrativa transita entre São Paulo, o Parque Nacional do Xingu, em Mato Grosso, e Paris — cidade onde, dez anos depois, Ana está estudando na Sorbonne. Em cada um destes trechos, encontram-se muitas questões. A primeira delas é sobre perdas.

A adolescente morava com a mãe, tinha sua escola, uma vida organizada; de repente, tudo vem abaixo, precisa abandonar até mesmo sua cidade. Passa a morar com o pai, um homem meio nômade, um antropólogo que faz pesquisas de campo para a universidade. Ele a leva para o Xingu, onde os dois vivem durante um período. Neste ponto, as perdas observadas são da cultura indígena, cada vez mais espremida territorialmente pela ambição dos fazendeiros. Mas, pelo menos para Ana, há ganhos. Ela passa a ter uma experiência sobre a qual jamais imaginava.

A descoberta da vida em meio à natureza, pouco a pouco, desperta na jovem, reflexões e sentimentos novos. Como é possível a vida numa aldeia indígena, os nativos dominando a natureza com seus próprios saberes, muitos deles milenares?

Dicotomias

A autora nos apresenta, a partir deste momento, muitas histórias, os costumes e soluções que os indígenas possuem, muitas vezes superiores aos dos habitantes das cidades, presos a convenções que, na maioria das vezes, entendemos como verdades quase absolutas.

Várias dicotomias são apresentadas. Além do contraste entre aldeia e cidade, há a oposição entre vida e morte, entendida pelos nativos de um modo muito diferente da que estamos acostumados. Não demora, Ana descobre suas fraquezas, a vida vazia que levava até então, e passa a admirar os habitantes locais. Eles, apesar de muito parecidos com ela, surpreendem-na a todo momento.

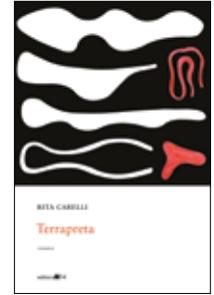
Importante nesta altura do campeonato, em pleno século 21, a consciência da necessidade de preservação das florestas. Nos arredores do parque, os rios transformaram-se em filetes d’água, a pesca para as tribos é insuficiente, os animais desaparecendo e a vida das populações autóctones tornando-se quase impossível. Tudo isso em meio a um governo que estimula a destruição da natureza, não aplacando os incêndios, fazendo os índios aguardarem em vão pela chegada dos bombeiros.

Espírito e cultura

O romance é composto em três partes, havendo a inserção de um diário escrito por Ana durante sua estada no Xingu, esquecido por lá e recuperado muito tempo depois, quando está na França.

Outro ponto positivo na narrativa é a delicadeza. Ela permeia toda a história, proporcionando ao leitor a participação num universo pleno de afetos. No Xin-

PATRICIA CANOLA



Terrapreta

RITA CARELLI
Editora 34
234 págs.

gu, apesar de viverem culturas diferentes, Ana consegue transmitir seus sentimentos aos novos amigos, pessoas com quem consegue relacionar-se num campo de sentidos que transcende as palavras. Por outro lado, quando está estudando em Paris, não tem a mesma troca com o namorado local, apesar de pertencerem à mesma cultura e de viverem sob situações semelhantes.

É possível que a questão principal do livro seja esta relação, tão primordial, que é mais fácil de ser estabelecida pelo espírito do que pela cultura que vem no rastro das palavras. As crianças indígenas falam uma língua que não entendemos, só então descobrimos que somos todos estrangeiros.

Muitos anos depois, no momento em que seu antigo diário chega pelos correios, o Kuarup aproxima-se e Ana quer voltar para o Xingu, deseja participar da festa do rito funerário dos índios locais. Louvam-se os mortos encaminhando-os para suas verdadeiras moradas, mas ao mesmo tempo aprende-se que a vida precisa continuar. E não seremos nós, homens e mulheres da cidade, pessoas de outras origens, com nossas certezas urbanas enraizadas, que estaremos em condições de dar a direção.

Então, retornamos ao início, com as moças reclusas e seus ritos de iniciação, de aprendizado, de busca pela sabedoria. A literatura, o período de gestação de um livro, pode ser comparado ao exíguo espaço físico de reclusão e ao longo tempo de espera, no qual escolhas e reflexões são gestadas e se busca o melhor de si para um futuro diálogo surpreendente com o mundo.

Rita Carelli estreia no gênero romance conseguindo o que é fundamental nesta arte tantas vezes desvirtuada pelos próprios escritores. A autora não se prende a invencionices de primeira ordem; ao contrário, traz à tona uma história sensível, bem-organizada, que se desenvolve para o prazer do leitor ávido por boas narrativas. Ao mesmo tempo, apresenta questões da nossa época, este período sombrio, em que ainda se exige a literatura como missão. **📖**

A AUTORA

RITA CARELLI

Nasceu em São Paulo (SP), em 1984. Estudou letras na Universidade Federal de Pernambuco e teatro na Escola Internacional de Teatro Jacques Lecoq, em Paris. Publicou os livros **Minha família Enauenê** (2018) e **A história de Akykysiã, o dono da caça** (2014).

TRECHO

Terrapreta

Todos os dias penso em ver Kassuri. Todos os dias deixo que eles passem sem que eu tenha ido. As regras que organizam sua vida espelham o caos em que a minha se encontra.

Ela não pode sair, eu ando por todos os lados, mas sem objetivo. Ela está exatamente onde se espera que esteja; eu, no lugar mais inusitado. Um dia alguém lhe dirá: você está pronta e ela vai deixar sua reclusão para ser mulher. E a mim, vou ter de adivinhar o dia de me transformar em outra? E estar pronta para quê?

Outras formas de morrer e permanecer viva

Em romance centrado na ditadura, **Elizabeth Cardoso** explora os limites da ficção e mostra a interrupção da vida de mulheres vítimas de tortura

EDMA DE GÓIS | SALVADOR - BA

De tudo que já foi dito sobre a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e que, diga-se de passagem, não é pouco, ainda soa insuficiente o quanto vidas foram esfaqueadas e interrompidas mesmo para quem escapou vivo do terror perpetrado pelo Estado. Há outras formas de morrer e uma delas é estando vivo em um estado de letargia ou de descolamento do que se foi um dia. A protagonista de **Depois de tudo tem uma vírgula**, de Elizabeth Cardoso, toma esse caminho, refazendo sua versão do horror da ditadura, mas sem pretensões de ser o relato único e verdadeiro sobre o período.

Na contramão de um pensamento recorrente, o de glorificação de quem sobreviveu à ditadura e por isso ganha status de herói, o romance apresenta o avesso da história — uma vida aos cacos e que gravita ao lado de outras vidas não menos ordinárias também atingidas diretamente pelos crimes da ditadura. Não há nada de heroico para esses personagens que conseguiram escapar, porque nunca mais tiveram suas vidas refeitas. Logo, leitor, não espere mais um livro de revisão da ditadura, ainda que nesse momento seja necessário e se deseje combater narrativas que tentam propalar outras versões sobre os fatos, suavizando o que não tem redenção. A ditadura está lá sim, mas a manufatura do romance é feita de outra matéria. **Depois de tudo tem uma vírgula** é um livro sobre a própria literatura ou o que ela pode efetivamente fazer. Mas é claro que o tema de fundo escolhido tem força e não deve ser minimizado.

Realidade e ficção

No centro da narrativa de Cardoso estão Rita de Cássia Rizzo e seu irmão Diego às voltas com a publicação de seu primeiro romance em que ele recupera a experiência da família após a prisão da irmã pelo Estado. Logo, temos um livro em que um dos personagens escreve um livro baseado em “fatos reais”, levantando a discussão acalorada no contemporâneo sobre realidade e ficção,

autoficção e romance biográfico. Nos termos do professor e crítico Luiz Costa Lima, o ficcional não é simplesmente a imitação do real. Em vez disso, coloca-se de maneira crítica em relação às “verdades” estabelecidas. É exatamente o faz tanto a personagem Rita de Cássia diante dos originais escritos pelo irmão, que lhe pede ajuda na revisão, ao que parece esperando uma validação da protagonista de seu romance, quanto Elizabeth Cardoso, ciente de que muito já foi escrito sobre a ditadura e que nem mesmo assim é possível atingir em totalidade uma suposta realidade.

Em uma segunda chave interpretativa, o romance também põe em causa outro debate presente na trajetória da crítica literária, mas que ganha cada vez mais tónus, o de quem pode narrar a experiência do outro. Neste segundo livro ou no livro que se anuncia dentro do romance de Cardoso, Rita de Cássia é exposta como chamariz da obra por ser uma sobrevivente da tortura. Há uma passagem na narrativa, bastante incômoda aliás, sobre as roupas que deveriam ser usadas em ocasião do lançamento do livro, que aspecto Rita de Cássia deveria aparentar de modo que fosse convincente com a personagem torturada. Em seu primeiro romance, Diego Rizzo conta a história da prisão da irmã, seu périplo por clínicas psiquiátricas, o passo para a dependência química, e os caminhos tortuosos sem mais conseguir se reenquadrar na vida em sociedade. Rita de Cássia tem trabalhos precários e alterna momentos de lucidez, graças à medicação controlada pela família, e de insanidade enquanto vaga pelas ruas e faz pouso em uma rodoviária catando bitucas de cigarros. No momento do livro, no entanto, Diego é o único parente vivo e faz o papel de tutor da irmã.

A lucidez da narradora de Cardoso, no entanto, vai na contramão dessa imagem de transloucada do romance do irmão. A firmeza como narra, o cinismo e a ironia diante da consciência de que sua história está sendo cooptada pela literatura do irmão abrem uma brecha para o leitor se ques-

tionar se existe uma versão verdadeira, como questionou Gilles Deleuze e Félix Guattari em **Kafka: por uma literatura menor**. Ainda que Diego tenha sofrido pela prisão da irmã, pelo esfacelamento da estrutura familiar desde então, seguido da morte dos pais e a responsabilidade de tutelar a irmã, ele não é a ponta principal do romance, não é o personagem que pode ser visto como herói.

Enquanto Diego ganha relevo no texto, porque é a partir da publicação do seu livro que o romance avança, a estudante universitária Maria Cecília faz as vezes de seu duplo, porque ela também espera capturar a história de Rita de Cássia para um trabalho da faculdade. Ou seja, são dois sujeitos ovinos que esperam escrever sobre Rita de Cássia, ao passo que esta percebe com plena lucidez o quanto sua história é invadida e utilizada por eles. Nesse ponto, em certa medida, a professora de teoria — Elizabeth Cardoso dá aulas na PUC, acompanha a escritora, quando observamos o inegável trabalho de constituição da voz da narradora e das cenas de questionamento da crítica, da literatura, da memória e da própria história, aludindo ao que diz Kafka em **O processo**: “Não é preciso considerar tudo como verdade, é preciso apenas considerá-lo necessário”.

Também parece incontornável citar as ressonâncias canônicas trazidas por Cardoso, como a própria ideia de narrar o outro, presente na arrogante postura de Rodrigo S. M. em **A hora da estrela**, de Clarice Lispector, bem como o título do livro que inevitavelmente nos leva à **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**, iniciado de modo incomum por uma vírgula.

Em **Depois de tudo**, no entanto, essa vírgula, cuja explicação aparece no decorrer da narrativa e mantenho o segredo para surpresa do leitor, pode ter algumas interpretações vinculadas também à ditadura, como se o sinal de pontuação marcasse que estamos diante da continuidade de uma memória que se faz de muitas vozes, aos caquinhos como a vida de Rita, ou de resíduos, fei-



Depois de tudo tem uma vírgula

ELIZABETH CARDOSO
Patuá
272 págs.



A AUTORA

ELIZABETH CARDOSO

É doutora em Teoria Literária pela USP, professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária na PUC-SP e pesquisadora do romance contemporâneo, da literatura infantil e da formação de leitores de literatura. **Depois de tudo tem uma vírgula** ficou em terceiro lugar no Prêmio Machado de Assis 2021, oferecido pela Biblioteca Nacional. Vive em São Paulo (SP).

TRECHO

Depois de tudo tem uma vírgula

— *Você usou nossos nomes verdadeiros?*

— *Não, mas fica bem evidente quem é quem.*

— *Mas é literatura? Quero dizer, é ficção? Você criou em cima dos fatos, certo?*

— *Tentei. Não sei, a própria memória já é uma ficção.*

— *Sei. Especialmente a memória sobre a vida dos outros.*

to as bitucas de cigarros catadas na rua. Nesse sentido, a memória da protagonista interpelando o livro do irmão opera como as memórias subterrâneas a que se refere o historiador Michael Pollack, essas memórias que se contrapõem à memória oficial dos grupos dominantes e que “prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados”.

Mulheres torturadas

Em listagem que circulou recentemente nas redes sociais, realizada pela professora Regina Dalcastagnè, da Universidade de Brasília (UnB), as narrativas literárias sobre a ditadura civil-militar brasileira somam, entre os anos de 2010-2019, 43 títulos. No mesmo intervalo de tempo, entre 2000-2009, esse número era dez e decresce conforme voltamos nas décadas anteriores até chegarmos ao ano de 1967, quando apenas dois livros sobre o tema foram publicados.

Entre este ano e 2009, apenas nove dos 47 livros publicados são de autoria de mulheres. É neste cenário, em franca mutação desde 2010, que **Depois de tudo tem uma vírgula** é publicado. Elizabeth Cardoso se soma, portanto, às autoras de diferentes gerações e regiões do país que têm feito dos resíduos da ditadura matéria literária, como Maria Valéria Rezende, Claudia Lage, Sheyla Smanioto, Adriana Lisboa, Sônia Regina Bischain, Rosângela Vieira Rocha, Maria José Silveira e, mais recentemente, Beatriz Leal e Anita Deak.

A questão de gênero é amplamente explorada pela protagonista. Rita de Cássia descreve a normalização da violência sexual praticada pelos militares, a recorrência de estupros que viveu encarcerada, a abjeção do corpo após a descoberta de uma gravidez na prisão, além do perfil de outras jovens presas na mesma cela em que ela. Enquanto Rita desconhece o motivo da sua prisão e não sabe como sobreviveu, o namorado da juventude, preso na mesma época, escapa sem maiores danos e reconstrói a vida, forma família, tem filhos de diferentes parceiras. A constatação da personagem reitera o que já sabemos, a ditadura foi mais feroz com quem ela julga serem os mais fracos, entre eles, o corpo feminino.

Por fim, Rita de Cássia sabe que nenhum depoimento, nenhuma entrevista, nem mesmo a experiência familiar do irmão, são capazes de relevar na forma do romance ou no discurso jornalístico o que foi a tortura e especialmente a tortura contra mulheres. “Nunca soube explicar, nunca encontrei as palavras certas, o vocabulário correto, os termos adequados, não há uma sintaxe para desempenhar essa função. As línguas foram feitas para expressar o belo, mesmo quando os poemas tratam de temas áridos é a beleza que sobressai e nos revigora. Mas para a tortura não há expressão possível”, diz. **📖**



OS LIMITES DO ESCRITOR

1.

Desde já: o escritor não pode submeter-se a qualquer limite. O “submeter-se”, aqui, implica uma atitude de rendição a um ditame externo. Quando isso acontece, é porque vive num regime politicamente autoritário. Na ditadura militar brasileira não foram poucos os que se impuseram limites, e a autocensura talvez tenha sido ainda pior do que a censura direta, pois se, na primeira, passa-se a ideia de que ela não existe, na segunda fica evidente. Em todo caso: os limites impostos por terceiros, ainda que de maneira indireta, são sempre e desgraçadamente inomináveis.

2.

Os limites, no contexto desta reflexão, significam as mil especulações que o escritor se coloca e que podem interferir no texto final, e são de dupla natureza: os limites morais e os limites literários. Nem tudo é tão simples, porém. Por vezes, esses limites se confundem, e é bom que seja assim, pois a literatura nutre-se das ambiguidades e das zonas crepusculares. A divisão binária, aqui, valerá apenas para fins de estrutura do pensamento.

3.

Os limites morais são determinados pelo próprio autor, numa atitude estritamente pessoal, exclusiva e inquestionável. Cada qual sabe no que acredita e escolhe onde pode ou quer ir. Se há Henry Miller, Anaïs Nin, Nabokov e Marquês de Sade, há também Graham Greene, Shusaku Endō, Ariano Suassuna e Paul Claudel. Há os escancarados, há os sutis, há os tímidos, há os recatados. A uni-los, uma literatura de qualidade consagrada pelos leitores e críticos. Digamos assim: já pertencem ao cânone. O leitor que faça suas escolhas.

4.

Os limites literários são bem mais complexos, pois implicam o conhecimento da arte da narrativa, e que, nesse aspecto, se resume a uma decisão: o que mostrar ao leitor e o que ocultar dele. Isso são limites. O objetivo é obter a participação ativa do leitor no ato da leitura — e aqui abre-se uma questão sem fim e, talvez, sem começo nem meio. Digamos: é uma questão circular. É circular porque o próprio escritor não sabe bem como trabalhar com ela, guiando-se pela intuição complementada pelo conhecimento, e isso implica a percepção do leitor, que, por sua vez, depende dos elementos



Ilustração: Denise Gonçalves

que lhe são dados pelo escritor. E o lugar privilegiado para que isso aconteça é o texto. Os próximos parágrafos pretendem trazer algumas considerações sobre o tema.

5.

Para já, o que mostrar/ocultar é uma decisão que decorre das opções autorais. No texto jornalístico, porém, o tudo mostrar é impositivo, pois o leitor deseja a matéria completa e o jornalista tem o dever da verdade — salvo se, por conveniência humana ou moral algumas informações devam ser ocultadas, como o nome de uma pessoa ré de processo que corre em segredo de justiça, ou de uma vítima fatal de acidente, do qual os familiares ainda não foram avisados, ou a identificação de um jovem suicida. Os casos não se limitam a esses, por óbvio, e, aparentemente, a sociedade aceita bem essas sonegações.

6.

O texto literário opera em outro registro, o da sua verdade interna, devendo contas apenas à própria obra, tal como foi concebida. Assim sendo, é dentro desse âmbito que podemos avançar, dizendo que é próprio de certos gêneros a ocultação sistemática de

alguns itens do enredo, sendo o romance policial um exemplo completo de como isso ocorre, e o leitor assim o espera. Agatha Christie manobrou com extrema acuidade esse jogo, e não por outra causa tem milhões de admiradores. O mesmo acontece com alguns romances de aventura, em que ocorre uma surpresa a cada página; é preciso ocultar inúmeras informações, para que o sobressalto seja efetivo. Digamos, para resumir: esses gêneros vivem mais do que ocultam do que mostram.

7.

Abstraindo as modalidades acima, é possível dizer que se abre um campo enorme, senão majoritário, constituído pelos bem-vindos romances sem gênero determinado. Aí a história é outra: eles também seduzem o leitor também pelo não-mostrado, mas cuja chave está no subtexto, e sua enunciação fica a cargo de quem o lê. Já não pensamos em mistérios que são revelados ao final: o assassino é o mordomo. Trata-se, aqui, algo que jamais será dito explicitamente e, por isso exige atenta cooperação do leitor; são chamados de romances “difíceis”, porque não “puxam” pelo pensamento lógico, mas por algo bem mais intrincado, que vem a ser o conhecimento da natureza humana e sua complexidade. A carga de ocupação do leitor é bem maior e complexa.

8.

O sempre citado conto *A missa do galo*, de Machado de Assis, é um exemplo de construção de um subtexto que o leitor é chamado a desvendar pelos gestos e falas aleatórias das duas personagens centrais. Quando dizem uma coisa, querem dizer outra. Seus gestos, principalmente da “boa

Conceição”, são medidos pelo autor, de modo a, em sua economia, contar uma história de abandono, insuficiência de realização erótica, tristeza e tentativa de sedução predeterminada ao fracasso; no outro lado, a candidez do jovem Nogueira, que não entende nada do que acontece naquela noite. O entendimento, segundo certa interpretação teria ocorrido na maturidade.

9.

A fazer par com o conto machadiano, pode-se pensar em **O inocente**, de Ian McEwan, no qual assistimos à sedução efetiva da experiente Maria sobre o jovem Leonard, qualificado já no título da novela. Enquanto Maria mantém-se todo o tempo como efetivamente é, com uma biografia recheada de múltiplas experiências amorosas, Leonard centraliza episódios da mais pura ingenuidade, em que ele chega a cometer alta traição à pátria e afundar-se num drama macabro que culmina com ele a carregar duas malas pelas ruas de Berlim, que levam, em seus conteúdos, o cadáver esquartejado de um homem que ele mesmo assassinou — e tudo isso sem nunca perder a inocência.

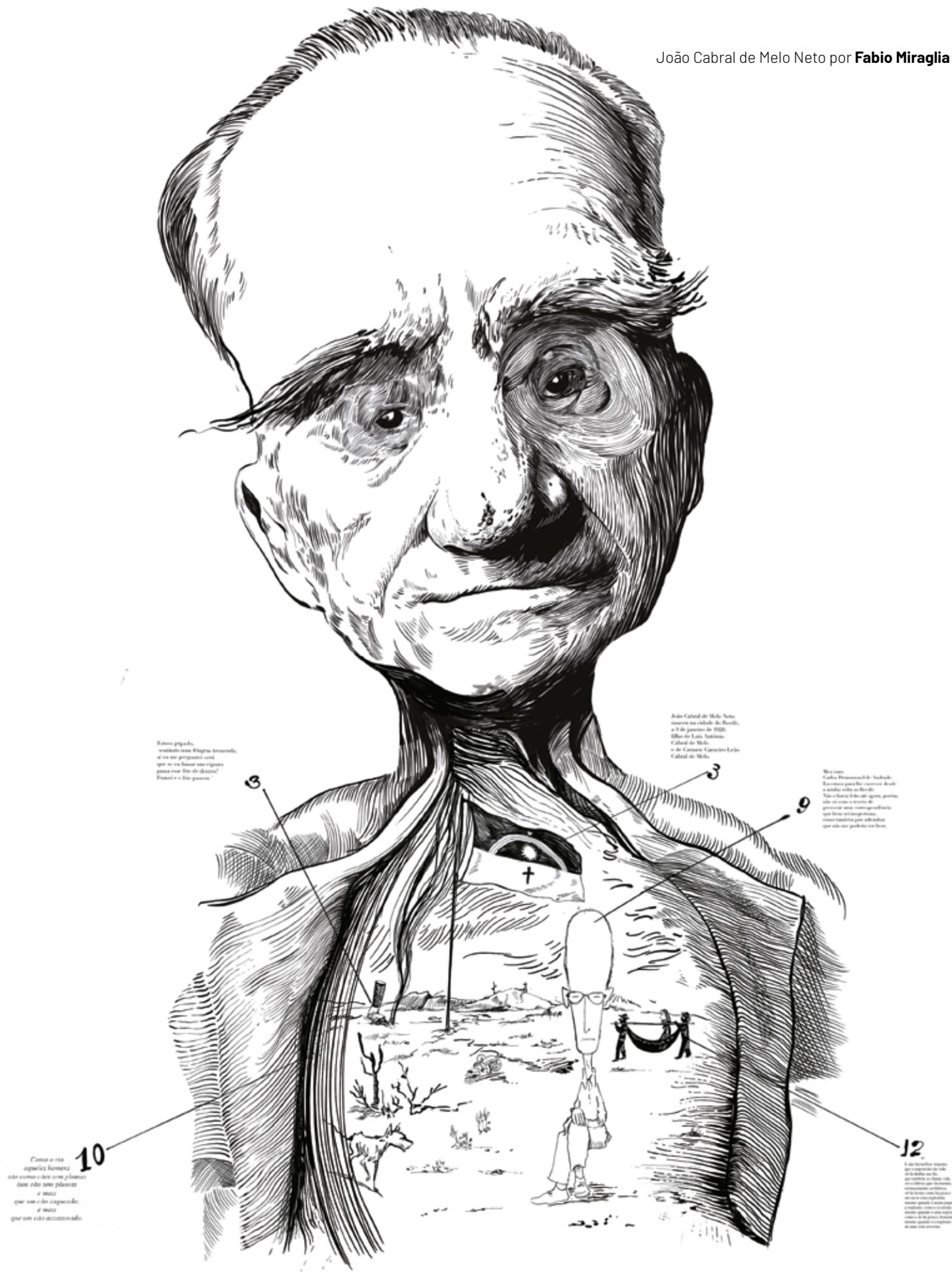
10.

Aqui aparece o jogo do que mostrar e ocultar. Nos casos acima referidos, os autores preferiram preservar a candidez de suas personagens e, para tanto, escolheram um limite, marcado por revelar apenas aquilo que leva o leitor a concluir que, de fato, tanto Menezes como Leonard mantêm-se inocentes do início ao fim da trama. Para alcançar essa proeza, foi necessário atuar com intenso virtuosismo literário, lutando contra a tentação de explicar melhor para que o leitor melhor entenda. Os limites: nem Leonard nem Menezes poderiam ter dito algo que os revelassem como pessoas ingênuas; e nem seria possível mostrar seus pensamentos sobre o erotismo, exceto se o leitor puder perceber que estão equivocados consigo mesmos. Ambos acabam por convencer como personagens, e com brilho.

11.

O assunto não é fácil, principalmente para iniciantes, que passam maus bocados na luta entre seu natural amorosismo e seu desejo de uma escrita profissional. E a escrita profissional resume-se a isso: conhecer os limites narrativos da história que se quer contar. Uma linha que não pode ser transposta. Esses bravos autores em formação não querem ser explícitos; por outro, não desejam ser obscuros. O melhor conselho é saber previamente o que se quer contar, assim como o souberam Machado e McEwan: ambos queriam contar uma história de personagens caracterizados pela inocência, e que estiveram na iminência de perdê-la. Tanto o autor britânico como o brasileiro sabiam o que desejavam dizer em suas narrativas, e entenderam os limites que elas impunham. O resultado está aí. **11**

João Cabral de Melo Neto por **Fabio Miraglia**



Na abertura de **João Cabral de Melo Neto: uma biografia**, Ivan Marques lança movimentos bastante esclarecedores, como um enxadrista que, ao deixar seus planos evidentes, espera que a experiência e o conhecimento do jogo levem seu oponente a subestimar peças para as quais foi atribuída função essencial. Como biógrafo e leitor não são adversários, ele sabe que se trata de uma partida de ganha-ganha, na qual decifrar a estratégia — franca, embora sutil — nem de longe compromete o prazer da jornada.

Na primeira das 560 páginas, um fim de tarde carioca de 1940, encontramos o sério rapaz pernambucano com seus vinte anos recém-completados, outro escritor nordestino que chegara ao Rio de Janeiro com expectativa de fazer contatos, conseguir respostas, algum estímulo, janela de efetivo acesso ao meio literário. De pronto, também somos informados que o “verdíssimo e totalmente desconhecido” João Cabral de Melo Neto não percorrerá as longas e geralmente infrutíferas jornadas reservadas aos principiantes; em sua “curta temporada carioca”, munido apenas de uma carta de apresentação, ele não só já conheceria Murilo Mendes e Jorge de Lima, mas, de repente, vê-se “cara a cara com Carlos Drummond de Andrade, que era também o poeta de sua maior admiração”. E, frente a frente com o ilustre poeta (à época, chefe de gabinete de Gustavo Capanema, no Ministério da Educação e Saúde), o moço de Recife tem aparência e modos familiares ao mestre mineiro:

Estava impecavelmente arrumado, escanhoado e penteado. O cuidado com a aparência, o fato de jamais sair de casa sem paletó e gravata, a preferência pela cor branca, o uso do gel nos cabelos curtos e repartidos com precisão — tudo nele, mais do que o simples desejo de parecer elegante, expressava contenção e pudor. A coisa que mais detestava era chamar atenção. Tinha horror de se abrir, de ver sua intimidade devassada e dada em espetáculo às outras pessoas.

Sem demora, avançam no tabuleiro aqueles dois homens de gerações diferentes, com seus tipos pretensamente austeros, bem-comportados, gente da tradicional família brasileira; mais de perto, intelectuais um tanto ou muito inseguros, sem beleza ou carisma que chame atenção dos passantes e torne mais suaves as pedras do caminho. Ainda assim — gauche e improváveis —, poetas que sabemos fundamentais na história da literatura brasileira.

João Cabral e Drummond

Ivan Marques sabe duas coisas importantes. Em primeiro lugar, a maioria do seu público-alvo conhece bem as duas categorias frequentemente adotadas por cineastas, repórteres e biógrafos: a dos escritores extrovertidos, irresistíveis e até heroicos; e a dos tí-

ILUSTRE E ÍNTIMO desconhecido

João Cabral de Melo Neto: uma biografia, de Ivan Marques, mostra o lado menos estável, racional e coerente de um arquiteto das palavras

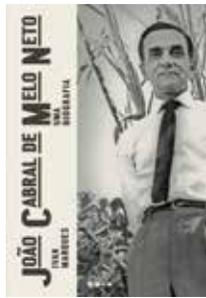
midos, discretos, com aparência de burocratas; sujeitos aparentemente comuns, todavia capazes de obras inovadoras e admiráveis. Ele também sabe que esses mesmos leitores não ignoram a moldura onde João Cabral geralmente resta encaixado. Muitos deles podem ir além e corroborar que o pernambucano se tornou uma espécie de mula-gracejo, usada sem pudor por entrevistadores e entrevistados para contrapor e enaltecer a figura apaixonante de um Vinicius de Moraes, por exemplo.

O autor de **João Cabral de Melo Neto: uma biografia**, então, não esconde que jogará com tais clichês e enquadramentos, em vez de optar pela radical e simplificadora rejeição aos lugares-comuns. Além de não serem sublimadas ou negadas, as informações reais que alimentam tais estereótipos sobre JCMN serão repisadas e sulcadas, reiterada e pacientemente prospectadas; não para revelar águas desconhecidas (Marques não costuma alicerçar suas obras na busca por grandes revelações), mas para que o leitor seja praticamente obrigado a notar e apreender as camadas do terreno, nuances nas paredes que levam até as fontes antes tão subaproveitadas.

Aquele primeiro encontro com Drummond, por exemplo, não oferece apenas semelhanças que nos remetem à gaveta dos escritores geniais, embora figuras comezinhas, de modos reservados. O episódio serve para expor diferenças também significativas. Por óbvio, não se trata de apelar para um contraste fácil — como o de Vinicius —, onde as particularidades cabralinas se perderiam nas despropositadas medidas da régua. Ainda que retratado ao lado do mineiríssimo Carlos, o jovem João destoava:

Parecia mesmo um burocrata em início de carreira, ou um estudante vindo do Nordeste em busca de favores do ministro. Seria também difícil adivinhar que o modo ao mesmo tempo polido e seco passava seus dias sob o efeito permanente de aspirinas. Uma observação mais atenta, porém, não deixaria escapar os sinais que seu corpo manifestava de seu temperamento nervoso e inquieto: a expressão facial contraída; a mania de apertar os lábios; o hábito de tirar os óculos e apoiar a testa na mão; a necessidade de confirmar — “compreende?” —, a cada duas ou três frases, se o interlocutor ouvia e acompanhava suas falas; e, sobretudo, a neurose do tempo, a obsessão com o relógio.

Ao fim do capítulo inaugural, encontramos a resposta epistolar que JCMN enviou nove meses depois de Drummond lhe deixar uma carta no hotel, ainda no Rio, informando que não conseguira encontrar minutos “realmente seus” para se despedir pessoalmente, antes de o pernambucano voltar para casa. Mais: o insigne escritor não só se absteve de maiores comentários sobre os poemas cabralinos que lhe foram entre-



João Cabral de Melo Neto: uma biografia

IVAN MARQUES

Todavia
560 págs.



O AUTOR

IVAN MARQUES

É professor de literatura brasileira na Universidade de São Paulo (USP). **Modernismo em revista: Estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920** (2013) e **Drummond e outros rapazes de Belo Horizonte** (2011) são dois de seus livros publicados.

TRECHO

João Cabral de Melo Neto: uma biografia

Um novo hábito adquirido, contra todas as indicações, aos setenta anos: fumar. “Estava gripado, sentindo uma friagem tremenda, aí eu me perguntei: será que se eu fumar um cigarro passa esse frio de dentro? Fumei e o frio passou”, relatou João Cabral em entrevista à revista Veja.

gues, como deixou em lugar, junto com a cartinha de despedida, um exemplar do seu **Alguma poesia**. Eis a tardia réplica de João Cabral:

Meu caro Carlos Drummond de Andrade,

Eu estava para lhe escrever desde a minha volta ao Recife. Não o havia feito até agora, porém, não só com o receio de provocar uma correspondência que bem sei inoportuna, como também por adivinhar que não me poderia ver livre, nem mesmo numa carta, de certa dificuldade de comunicação que me é particularmente penosa, principalmente tratando-se de uma das pessoas com quem mais no mundo eu gostaria de vê-la desaparecer.

Ivan Marques destaca uma das características comuns aos dois escritores, traço que não pode ser subestimado por quem se debruce sobre as tensões da célebre amizade: a dificuldade de comunicação.

O que o biógrafo também faz — sem dissimulações, mas cômico de que o leitor provavelmente está mais atento ao citado embaraço do poeta — é mover outra peça conhecida, ainda que não suficientemente explorada: a instabilidade, a fragilidade emocional de João Cabral de Melo Neto.

Sem pesar a mão, sem se apoiar no reforço de tintas ou em liberdades poéticas, Marques permite que a duração da obra e a nossa capacidade de leitura/convivência levem aos cômodos que sempre estiveram disponíveis, nada obstante os paradigmas da formalidade e da racionalidade (os quais nos habituamos a ver transportados da obra para o caráter do seu criador).

Bastidores

Em 2018, a Todavia anunciou que contratara o professor e escritor Ivan Marques para realizar a biografia de João Cabral, cujo centenário aconteceria dois anos depois. A opção por um jornalista e pesquisador acadêmico se coadunava com a intenção divulgada pela editora: veicular um produto que misturasse o viés da reportagem com o do ensaio crítico. Entre outras coisas, a escolha representava imediata garantia de que teríamos resultado bastante diferente d’**O homem sem alma**, publicado por José Castello em 1996 — texto delicado, personalíssimo, onde o pronunciado olhar de seu autor já enfatizara o tão incompreendido perfil emocional do poeta.

Em trabalhos anteriores, como **Drummond e outros rapazes de Belo Horizonte** (2011) e **Modernismo em revista: Estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920** (2013), Ivan Marques demonstrara seu estilo objetivo, a valorização das informações documentadas, dos materiais veiculados na mídia, além de exibir grande poder de síntese mesmo ao lidar com objetos cujas fontes de pesquisa pareciam inesgotáveis — atributo este que agora lhe seria essencial.

Ao tratar publicamente da biografia, Marques sempre deixou claro que, embora atento às novidades que surgissem das investigações e novas entrevistas, sua maior tarefa seria mesmo lidar com o disperso, imenso e rico material existente sobre a vida do pernambucano, além da gigantesca fortuna crítica dedicada aos seus poemas. Tanto assim que, a despeito do texto bastante direto e enxuto, ele entregou livro com mais de quinhentas páginas, nas quais os leitores certamente não se sentirão enrolados. Muito pelo contrário: o que talvez incomode é justamente a descrição muito sucinta de fatos que, sob as penas de outros autores, renderiam parágrafos e mais parágrafos de correlações, especulações, divagações, etc. Conquanto análise mais rigorosa constate que alguns temas e episódios receberam sim tratamento diferenciado (vide os angustiantes anos que antecederam a morte de João Cabral), estilo e ritmo realmente deixam a sensação de que muitos acontecimentos foram tratados de modo demasiado seco, ágil e uniforme.

Mas é justamente o perfil do biógrafo que termina por dar maior peso a alguns paradoxos da figura cabralina, tais quais: I) apesar dos modos discretos e austeros, do temperamento avesso a aventuras e extravagâncias, JCMN teve uma vida repleta de fatos curiosos, acontecimentos memoráveis e bastante relevantes para história cultural do país; II) ainda que o pernambucano insistisse em sua inaptidão para vida pública, em sua dificuldade para falar de si e de sua obra, raros são os autores que concederam tantas entrevistas ao longo da vida; III) a complexidade e o caráter antilíri-

co de sua poesia (além das caneladas no trato com profissionais da mídia, críticos e outros escritores) não impediram que ela ocupasse desde sempre um lugar indistintamente privilegiado, sempre entre as mais estudadas, comentadas e reeditadas; IV) criou-se a inabalável a imagem de homem rígido, formal e sem emoções (a ponto de, até hoje, o irônico título do livro de José Castello ser equivocadamente parafraseado); e assim continuou mesmo quando notícias e depoimentos trouxeram a sua tendência para frustração, para guardar mágoas e rancores; a facilidade com que recaía em contradições, inseguranças, ansiedades quase incapacitantes, o inconsolável receio de morrer a qualquer momento.

Todos esses contrastes findam comoventemente nítidos em **João Cabral de Melo Neto: uma biografia** exatamente por Ivan Marques não ter se entregue ao apelo fácil, a afetações retóricas que nos arrastassem às sendas cabralinas menos visitadas. Assim, livres de proposta autoral mais impositiva, podemos lentamente nos aproximar, captar, problematizar e até descartar lugares-comuns; sentir identidade ou tomar abuso do biografado e de suas contradições, temores, fraquezas; enfim, chegar à intimidade (tantas vezes dita inalcançável) com o poeta. A tal ponto de começarmos a antecipar suas provocações, queixas, elogios, piadas; de adivinharmos o que ele fará depois de abrir a porta ou fechar cortinas, após tomar doses de uísque ou devorar os remédios para a lendária dor de cabeça; de imaginarmos quanto alvoroço existe em seu silêncio, quantos infernos resistem sob as tiradas materialistas, quando a discreta morte vai real e definitivamente lhe substituir os infundáveis presságios.

Ao entrevistar ou ouvir palestras de Ivan Marques, a maioria dos jornalistas quer saber do menino de engenho que lia escondido folhetos de cordel para os boias-frias; do rapaz que se mostrava um promissor jogador de futebol; do poeta que não tardou a provocar desconfortos, admirações e um sem-número de terríveis imitadores; do diplomata que ajudou escritores perseguidos pelo franquismo na Espanha, bem como enfrentar as perseguições políticas em seu próprio país; do homem que odiava música, mas escreveu **Morte e vida severina**; do membro da Academia Brasileira de Letras que, na velhice, perdeu grande parte do único sentido que ele realmente considerava importante: a visão.

Mas quem, de fato, calciorrear **João Cabral de Melo Neto: uma biografia** poderá ser conquistado sobretudo por coisinhas nada extraordinárias, por cenas cotidianas, precárias, familiares; um outro museu, de tudo e de quase nada, de um João íntimo e desconhecido... O que — para além de quaisquer outros defeitos que pudéssemos apontar na biografia — é realização mais que louvável. 🗨

**joão cezar de castro rocha**

NOSSA AMÉRICA, NOSSO TEMPO

MIDIOSFERA BOLSONARISTA E DISSONÂNCIA COGNITIVA (4)

Até aqui

Nas três primeiras colunas desta série principiei discutindo a hipótese da onipresença da midiosfera extremista no cenário político contemporâneo e sua responsabilidade no avanço transnacional da extrema direita. Inicialmente o estudo de caso privilegiado foi o brasileiro, pois o bolsonarismo é incompreensível sem o sistema midiático de desinformação programática e de criação de realidade paralela por meio da manipulação de notícias falsas e de teorias conspiratórias. Desse modo, monta-se uma autêntica usina de narrativas polarizadoras, cuja finalidade é gerar inimigos em série, a fim de manter as massas digitais em permanente estado de mobilização.

(Não surpreenderá, pois, que conclua esta série recorrendo à *teoria mimética* de René Girard e seus estudos acerca do *mecanismo do bode expiatório*.)

Num segundo momento, resgatamos a *teoria da dissonância cognitiva*, desenvolvida por Leon Festinger. Contudo, foi necessário impor à reflexão de Festinger uma torção nada discreta. Vale dizer, se, em sua abordagem, o psicólogo social norte-americano desejava entender os mecanismos de busca da dissonância perdida, pelo contrário, e motivado pela paisagem atual um tanto apocalíptica, meu esforço consiste em imaginar uma circunstância nova, na qual a produção de dissonância cognitiva torna-se um fim em si mesmo — fenômeno que jamais ocorreu a Leon Festinger.

As pontas se atam (ou quase): a midiosfera extremista é a matriz de dissonância cognitiva no cenário das redes sociais, por meio do emprego hábil e interessado das ferramentas propiciadas pelo universo digital.

Hora, pois, de seguir adiante.

Uma hipótese (ou talvez duas)

Peço licença para uma breve pausa e uma longa digressão.

(Na verdade toda a coluna. Quem sabe também a próxima.)

Vou pensar em voz alta: você me acompanha?

Esboço: a lógica algorítmica do universo digital compartilha afinidades eletivas e estruturais, não necessariamente planejadas, com a visão do mundo da extrema direita.

Não é tudo: a lógica do empreendedorismo predador do neoliberalismo contemporâneo compartilha afinidades eletivas e estruturais, não necessariamente planejadas, com a visão do mundo da extrema direita.

Mais: a temporalidade especial implícita na dinâmica das redes sociais compartilha afinidades eletivas e estruturais, não necessariamente planejadas, com a visão do mundo da extrema direita.

Se não vejo mal, o avanço transnacional da extrema direita relaciona-se diretamente com essa tripla conjunção.

Antes de principiar, recordemos o ponto fundamental: as afinidades estruturais que intuo não foram necessariamente planejadas, ou seja,

não se trata de um acordo ideológico ou de pacto político, porém do encontro de elementos presentes no mesmo contexto.

Tempestade perfeita?

(Nem os traços de Giorgio nem seriam tão eloquentes.)

Algoritmo e extrema direita?

Como se sabe, a lógica algorítmica do universo digital implica uma operação simples de inclusão e exclusão contínuas. Compreende-se o motivo desse binarismo constitutivo: dado o volume inédito do fluxo ininterrupto de informações, em ritmo propriamente vertiginoso, impõe-se uma forma sumária de processamento e de triagem; caso contrário, o sistema entraria em colapso inevitável. No dia a dia, o resultado dessa operação é um paradoxo, cujo deslinde é condição indispensável para o enfrentamento da extrema direita.

Explico: todos temos acesso a um número antes inimaginável de informações. Ao mesmo tempo, contudo, a lógica do algoritmo reduz drasticamente o horizonte dos dados disponíveis. Isto é, ao buscarmos aleatoriamente esta ou aquela notícia, este ou aquele produto, este ou aquele perfil de usuário, passamos a receber uma massa inédita de dados, é bem verdade, porém, sempre informações do *mesmo espectro pesquisado em nossas primeiras interações*. Mais um passo e se identifica o fenômeno da multiplicação de bolhas, resultado da mesmice tornada método e muito rapidamente *desejo*.

O que estou tentando formular se torna cristalino se pensarmos em qualquer aplicativo de texto. Conhecemos muito bem a experiência de enviar uma mensagem e imediatamente lamentar pelas inesperadas correções que sempre pontuam as frases que escrevemos; por vezes, alterando radicalmente o sentido. O que ocorre é que o aplicativo reduz a possibilidade de nosso vocabulário a um número determinado de palavras meramente usadas em primeiro lugar — não são, claro, as “únicas” que empregamos em nossa paleta de vozes, mas foram as primeiras usadas naquele aplicativo em particular. Desse modo, nosso universo linguístico é

talhado à medida arbitrária do aplicativo, sem relação alguma com nosso potencial de pensamento e de expressão.

Reitero um aspecto: esse traço, em si, não pode ser condenado! Trata-se, na verdade, da característica definidora de toda organização sistêmica, na aguda análise de Niklas Luhmann, ao desenvolver sua *teoria dos sistemas*. Vale dizer, sistemas autopoieticos, aqueles que em alguma medida determinam as leis de seu funcionamento, mas sempre em interação com influxos recebidos pelo meio externo, dependem da técnica de redução de complexidade. Não é difícil concordar com a postulação: um sistema que somente recebesse influxo sem algum tipo de seleção, isto é, de redução da complexidade do influxo recebido, deixaria de ter forma: tornar-se-ia propriamente amorfo. Imagine essa equação em face da vertiginosa circulação de dados no universo digital: o ritmo das redes sociais, nesse sentido, encontra na lógica do algoritmo sua razão de ser.

Melhor: me ocorre um paralelo instigante.

Vamos lá: pense nos *Bichos*, obra viva de Lygia Clark: esculturas simples, cujas linhas orgânicas sugerem formas geométricas. Formas em suspensão que encontraram um equilíbrio homeostático e por isso repousam sua potência de configurações numa forma qualquer. Equilíbrio temporário, ressalte-se, pois, tornado participante, o observador deve tocar levemente na estrutura, que, como bailarina cega, se precipita em movimentos desordenados até voltar a um novo ponto de equilíbrio, à precária forma de ocasião. Ora, se, ao ser acionada pelo participante, o balé de formas não fosse interrompido pelo repentino retorno a um ponto de equilíbrio, os *Bichos* não chegariam a constituir uma obra, seriam antes a descoberta inesperada do moto-perpétuo.

Em outras palavras, o caráter binário da lógica algorítmica não é em si mesmo “condenável”, já que diz respeito ao modo sistêmico de lidar com uma massa compacta de dados em disparo diuturno.

Mas então qual o problema?

(Notas iniciais.)

O improvável: retas paralelas que se cruzam.

A visão do mundo da extrema direita é um exemplo acabado da lógica algorítmica transferida para o universo das relações sociais e políticas. O mesmo caráter dicotômico, idêntica máquina de exclusões contínuas, intolerância completa em relação ao que não seja espelho, invisibilização consequente do outro.

A invenção de inimigos-catalizadores é o artifício discursivo recorrente: o bolsonarismo lança mão do surrado “medo vermelho”, a eterna ameaça comunista de tomada do poder via doutrinação ideológica; na Europa, o imigrante é o gatilho perfeito que aciona receios e impulsiona ressentimentos que levam ao poder projetos autoritários sem pudor de dizer seu nome; nos Estados Unidos, o progressismo e também a imigração desempenham com eficácia o papel de espantalhos, que Donald Trump e seus seguidores lançam mão com eficiência, aproveitando-se ainda dos velhos dilemas da divisão do país.

A polarização política, nesse sentido, é uma estrutura derivada tanto da rigidez binária do algoritmo quanto da visão do mundo dicotômica da extrema direita. Acordo certo entre palavras e coisas que principiou tomado de assalto o século 21.

O que fazer?

Não sei.

Coda

Nas próximas colunas, discutiremos os dois últimos vértices do triângulo: “empreendedorismo e extrema direita” e “temporalidade digital e extrema direita”. Triângulo mimético?

Tudo a seu tempo: concluiremos esta série recorrendo à teoria mimética, tal como proposta pelo pensador René Girard.



ESCRITOR-OBJETO



Quando estou escrevendo algo de maior fôlego, como um romance, o que mais me mobiliza a escrever é ir correndo para o computador para descobrir o que vai acontecer. Não tanto o que vai acontecer, mas como vai ser contada a história que prossegue. Que palavras vão ser usadas, que ritmos de frases, como vão ser os diálogos, haverá diálogos, que característica nova a personagem vai adquirir?

Escrevo como se estivesse assistindo a algum seriado, curiosa pelo próximo capítulo. Só que, no caso, sou eu mesma a criadora do que vai pela tela, mas muitas vezes sinto como se não fosse e, nesses momentos, é quando sou mais feliz e, invariavelmente, quando o texto sai melhor.

Existe uma camada da escrita — inexplicável — em que o autor não é exatamente, ou ao menos não exclusivamente, sujeito do que escreve, mas também objeto. Percebo, intuo que existem dimensões do cérebro que operam de forma praticamente autônoma, especialmente no que diz respeito a associações: sonoras, semânticas, sintáticas e estruturais. Assim, quando deito ao papel uma palavra como, por exemplo, “risco”, deixo à função da memória associativa o papel de completar a frase, o parágrafo, embora mantenha a consciência do que, mais ou menos, quero dizer. É uma mistura de controle e descontrole que,

não raro, surpreende mais a mim do que a qualquer pessoa. Vamos lá: “risco o que quero porque assumo o risco e sei que o maior risco que já corri foi entregar o que escrevo para quem não sei. E me pergunto por que o verbo que se usa para risco é correr, como se ele adquirisse uma transitividade que não costuma ter. Quem corre, apenas corre e não corre alguma coisa. Mas eis que um risco se corre. Tem gente que corre do risco, tem gente que corre no risco, mas como corrê-lo?” Pois é. Foi só escrevendo que me veio a ideia, nunca antes nem imaginada, do estranhamento da relação de regência entre o verbo “correr” e o substantivo “risco”, e é claro que eu poderia ir bem mais longe nessas especulações, pois é realmente esdrúxulo que seja esse o verbo usado para se arriscar.

Tornar-se objeto, permitir que a escrita ganhe corpo e forma por si mesma, entregando o corpo ao gesto e deixando que a escrita seja não apenas expressão, mas também ela corpo, matéria feita de letras e sons, é um dos maiores prazeres do ato de escrever e é também uma das formas mais criativas de inventar histórias e maneiras de contá-la. Nossa mente guarda alguns conhecimentos que só podem ser acessados por caminhos inadvertidos, despropositados, que se traçam a nosso despeito. De repente, percebemos lembrar de algo que

já tínhamos esquecido, de uma palavra que pensávamos nunca ter usado antes, de uma associação que nos surpreende pela beleza ou pelo ineditismo.

Estamos constantemente sendo pressionados, por motivações sociais, políticas, publicitárias e psicológicas, a sermos condutores autônomos de nossas vidas e de nossa história. Temos pavor a nos reconhecermos dependentes ou meros pacientes do que ocorre, no lugar de agentes. Entretanto, na escrita — e penso que também em muitos momentos da vida — ser objeto é fundamental. Ser objeto do acaso, do imponderável (a campainha, a chuva, o café), da própria memória, do próprio corpo e das mãos, dos sentidos que, livres do nosso controle, produzem sentidos que escapam à consciência judicativa.

Afora a delícia de escrever como se estivéssemos numa espécie de montanha russa, em que aguardamos, ansiosos ou medrosos, a próxima curva, a próxima descida, a próxima subida íngreme imediatamente seguida de uma reviravolta no ar. Quando as palavras nos guiam, em vez de sermos somente nós a guiá-las, conhecemos os segredos que elas ocultam nas profundezas cerebrais e suas ligações voluntariosas. E nos surpreendemos: olha só essa frase, de onde veio essa palavra, como esse adjetivo foi se juntar a esse substantivo, eu já tinha esquecido desse objeto que pertenceu à minha avó.

O escritor-objeto é semelhante ao caminhante que flana e que, diante de um desvio que surge no caminho, decide mudar de rota. Ele não sabe exatamente aonde quer chegar; só sabe que quer caminhar e encontrar o que as ruas apresentarem a ele. Pode ser algo interessante e, muitas vezes, desagradável ou até doloroso: nem por isso ele se retrai. Segue curioso, deixando-se atingir pelo acaso e pelo inesperado. Para esse caminhante, o meio é o próprio fim e não somente uma forma de chegar a algum lugar. Também para o escritor literário, tantas vezes a escrita é, igualmente, um fim em si mesma e ele, sem saber muito bem aonde aquilo vai dar, acompanha os caminhos e descaminhos das palavras que, sozinhas, vão levando-o pela mão, pelos braços, pernas e, inclusive, pelos cabelos. O escritor se delicia e sofre: algumas associações vão fazê-lo chorar, sentir medo outra vez, sonhar acordado, lembrar cheiros e sabores há muito desconhecidos. Afinal, a memória involuntária de Marcel ao morder a madeleine terá sido somente do personagem ou também de Proust? Nunca sabermos, mas algo me diz que também o Marcel autor conheceu o prazer imenso de ser acometido pelas palavras no lugar de cometê-las.

E a verdade é que, mesmo esse mesmo texto teve seu tanto de surpresa: quem é que disse que eu sabia que iria falar de Proust?

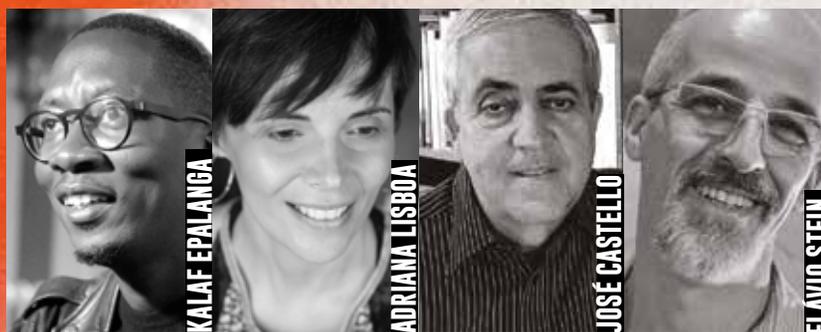
DIÁLOGOS URGENTES

UMA INDAGAÇÃO DO REAL

A pandemia e o medo da morte, as convulsões políticas, a miséria que se alastra, a vida cada vez mais acelerada e insana produzem uma dor que parece ir além do que somos capazes de suportar. Para carregar tanta dor, precisamos, cada dia mais, do afeto. Os amores e as amizades, porém, não solucionam a dor, que parece não ter fim. Também não devem servir para encobri-la, ou disfarçá-la. Como enfrentar a dor, desafiá-la, lutar contra ela, sem perder a capacidade de amar? De outro lado... como anda nossa capacidade de sentir afeto? Afeto pelos amigos, por desconhecidos, por situações? O que o afeto por uma criança, por exemplo, nos diz da vida? Dor ou Afeto? Como temos convivido com estes sentimentos?

Os conversadores **Adriana Lisboa** e **Kalaf Epalanga** juntam-se a **José Castello** e **Flávio Stein** nesse questionamento, na série de conversas “**Diálogos Urgentes: uma indagação do real**”.

Produzida pela associação sem fins lucrativos **Escola Livre**, com o apoio do **Instituto Estação das Letras e do Jornal Rascunho**.



DOR OU AFETO?

25 DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA ÀS 19H

EVENTO ONLINE E GRATUITO
FAÇA SEU CADASTRO
DIALOGOSURGENTES.COM



REALIZAÇÃO



ESCOLA LIVRE

APOIO

iel
instituto
estação das
LETRAS



rascunho
O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

**tércia montenegro**

TUDO É NARRATIVA

UM ESCRITOR FORA DE CENA

DIVULGAÇÃO

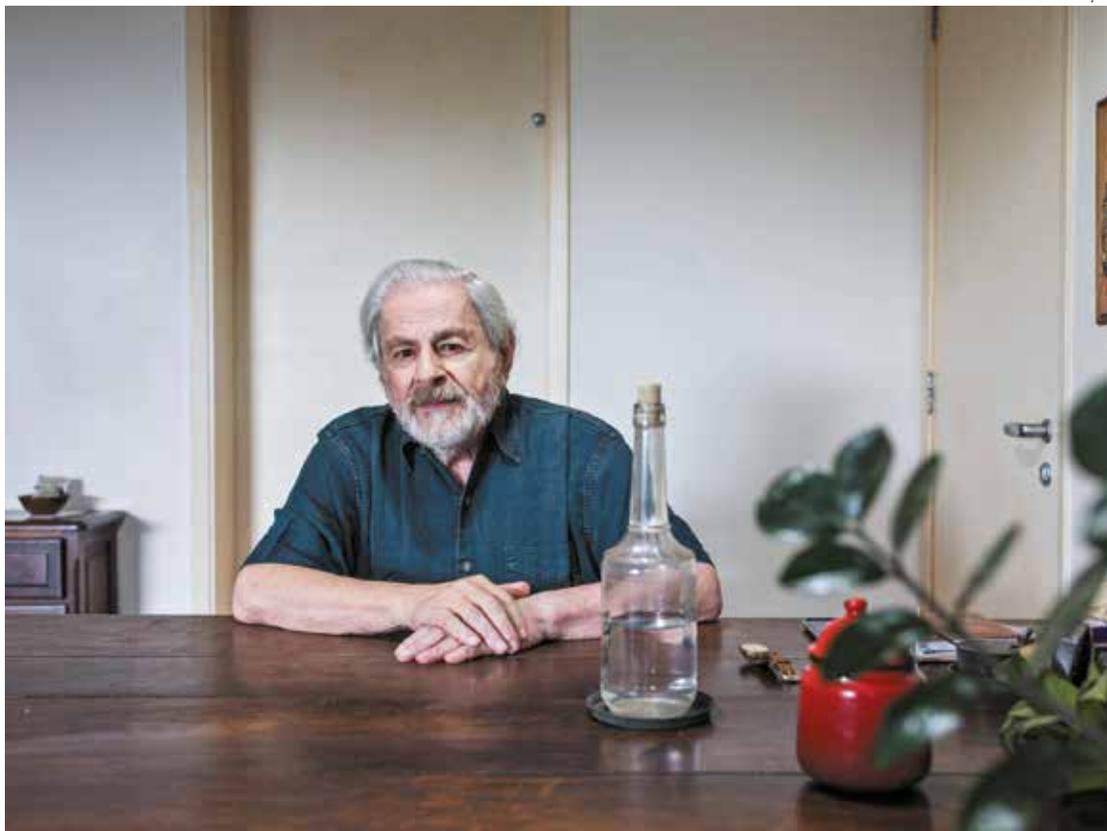
Raduan Nassar não tinha cinquenta anos quando decidiu abandonar o sucesso que a carreira literária estava proporcionando. **Lavoura arcaica** (1975) e **Um copo de cólera** (1978) receberam vários prêmios, e tudo aconteceu rápido: da metade para o fim da década de 1970, aquele que era até então um desconhecido escritor, praticamente inédito, conheceu o susto da fama.

As edições dos seus dois primeiros livros se multiplicavam, e repercutiam até internacionalmente. Nada gratuito, claro — apenas o resultado de uma disciplina mantida por anos a fio, e agora vinha o momento de recolher os frutos do trabalho. Exatamente por essa época, no entanto, Raduan abandonou a prática de publicação literária, negando-se à glória. Em 1984, comprou a Fazenda Lagoa do Sino e foi viver em Buri, sudoeste de São Paulo, dedicando-se à criação rural. De sua escrita, posteriormente os leitores encontraram somente uma novidade: **Menina a caminho**, livro de contos publicado primeiro em edição comemorativa dos 500 títulos da Companhia das Letras, em 1994, e três anos mais tarde reeditado em tiragem comercial.

Sua pequena obra — em termos quantitativos — bastou para torná-lo escritor expressivo, alvo de estudos acadêmicos. O mito que tentaram formar sobre sua opção de vida não é justificado: trata-se de algo espontâneo, talvez parte de uma consciência ampla sobre a vida e a essência das coisas. Sobre a leitura do mundo e o aprendizado intelectual, diz o próprio escritor:

E tem isso: a leitura que mais eu procurava fazer era a do livrão que todos temos diante dos olhos, quero dizer, a vida acontecendo fora dos livros. Dessa leitura da vida não senti exatamente orgulho, embora achasse a leitura mais importante a fazer, como escritor (...) Agora, apesar da importância que eu punha na leitura do Livrão (Livrão com maiúscula), é certo que muito do meu aprendizado foi feito também em cima de livros, especialmente de uns poucos autores, autores que iam ao encontro das minhas inquietações (...) Nunca senti muito apego pelos livros. Os livros que me sobraram estão esquecidos lá nas prateleiras, me pergunto sempre que é que estão fazendo ainda nas estantes (...) Sentia também outros apelos, necessidade de fazer coisas, no sentido inclusive braçal, devido à minha formação familiar.

A falta de “apego aos livros” revela-nos um homem distanciado

Raduan Nassar, autor de **Lavoura arcaica**

do das aparências e do materialismo. Bibliotecas imensas, às vezes repletas de volumes encadernados na mesma cor, com enciclopédias compradas por metro quadrado para enfeitar prateleiras embutidas ou servir de decoração às estantes da sala — tal é o cenário doméstico que ornamenta a rotina de tantos que são (ou se dizem) escritores. Ao contrário da maioria destas figuras, Raduan Nassar prefere as paisagens naturais.

A revista *Cadernos de Literatura Brasileira*, em seu segundo número, foi responsável por uma das mais completas entrevistas feitas com o autor, ilustrando suas matérias com fotos ao ar livre de um Raduan tranquilo, deitado na grama, sentado numa cadeira sob árvores ou bebendo café. Nenhum ambiente “intelectual” poderia servir de pano de fundo a este homem que parece extraído da terra, onde suas obras também estão firmemente plantadas.

A entrevista teve momentos polêmicos, e os mais fortes aconteceram a respeito da comentada opção de Raduan por se tornar um “ex-critor”. José Paulo Paes, em determinada altura da conversa, questiona de onde teria vindo o “relativismo radical” de Raduan Nassar, que afirmara certa vez não haver criação artística que pudesse ser comparada a uma criação de galinhas. A resposta foi incisiva: “Se eu fosse um sujeito equilibrado, eu não teria tido a liberdade de fazer aquela afirmação. Só desequilibrados é que descobrem que este mundo não tem importância. O bom senso seria uma prisão.”

Fugindo justamente do bom senso, do senso comum que

forja para escritores um protótipo fixo, na entrevista Raduan Nassar fala sobre política, filosofia e experiências particulares, inclusive no manejo com a palavra. Acima de tudo, revela a autenticidade de não seguir modismos ou vibrações de glória: admite que sempre quis desenvolver o seu aprendizado da língua, crescendo através de leituras ou da observação do mundo.

Os livros de Raduan Nassar refletem a opção deste escritor que “saiu de cena”, pois sua obra caminha por fora da costumeira paisagem literária do Brasil pós-anos 64. Na época, a literatura tornava-se cada vez mais denotativa, assumindo uma postura contra a opressão política, e praticamente adquiria um caráter jornalístico de retrato da realidade.

Escritores como Rubem Fonseca, Sérgio Sant’Anna, Ivan Ângelo e Antônio Callado partilhavam a missão de denunciar os problemas sociais. Ao contrário, autores como Osman Lins, Clarice Lispector e Raduan Nassar rompiam com a homogeneidade dos temas políticos, sem, contudo, fazer obras alienadas. Seus textos refletem também uma visão pungente sobre a humanidade — mas pode-se dizer que seu engajamento principal é com a linguagem poética. Enquanto alguns escritores sacrificavam o lirismo em nome do conteúdo denunciatório, outros desenhavam uma linha artística mais voltada para os questionamentos existenciais, e, ao lado deste compromisso com a reflexão interior, trabalhavam com uma linguagem mais ornamentada.

Com tanto brilho e tantas luzes vindas com a fama, Raduan

Nassar, homem simples, nascido de pais libaneses em Pindorama, São Paulo, decidiu também sair da cena da “mídia” literária. Resgatou seu prazer da infância, retornou ao campo, à criação de animais domésticos, ao descompromisso dos dias puros. A relação entre vida e escrita, aliás, é algo fundamental na criação artística deste autor. Podemos lembrar as palavras de Ruth Silviano Brandão: “Para falar do sujeito que escreve (...), deve-se pensar numa escrita-inscrição, em que ele se constitui, não de forma definitiva, pois o escrever se confunde com o viver, pela via do desejo”.

A carreira literária tinha, de certo modo, artificializado a rotina do escritor: vieram aclamações e elogios, críticas e eventos — mas em nada daquilo estava a essencialidade que ele experimentou na infância, e que não deixaria de desejar, quando adulto. Como diz José Castello em **Inventário das sombras**, a atitude de Raduan Nassar não reflete “uma postura contra a literatura, mas sim contra as exigências secundárias que o ato de escrever demanda”. Em outro momento, o mesmo crítico afirma: “A história de Raduan exhibe os desconfortos, os desgostos, as pressões a que os escritores, e os artistas em geral, estão sempre expostos. Ele precisa se descolar dessa identidade, recusá-la, para então existir”.

Em homenagem a esse autor ímpar dedicaremos esta coluna *Tudo é Narrativa*, nos primeiros meses de 2022, a um ciclo de textos analíticos concentrados na estética de **Lavoura arcaica** e **Um copo de cólera**. Aguardem a sequência!

wilberth salgueiro

SOB A PELE DAS PALAVRAS

E AGORA, JOSE?, DE REINALDO SANTOS NEVES

E agora, Jose? Agora em ponto, quando tudo entre nós em -nada é consumado, e o nosso (nosso?) affair chega a seu fim sem ter começo, e muito menos meio, agora é hora da pergunta intravenosa: que que nos fica em forma de sinopse na folha amarelada da memória? Muito pouco ou quase nada: o visco de gestos e palavras natimortos e a visão de conjunto de um equívoco. Mas ficam, como espólio, estes poemas que, bem ou mal, eu fiz pra ti nas alvas, tenras coxas de Madame Poesia; é: foste cantada em verso: quem diria.

O poema acima é o último de uma série de 50 sonetos que constituem o livro **Muito soneto por nada**, de Reinaldo Santos Neves, publicado em 1998 (embora os poemas, diz a *Nota mínima* do autor, que abre o volume, tenham sido escritos entre 1988 e 1991). Ainda no capítulo de datas, é bom informar que Reinaldo completou 75 anos em dezembro de 2021 e possui uma grande e grandiosa obra — não somente da literatura capixaba, mas da literatura brasileira. Autor de muitas excelentes obras em prosa (contos, crônicas, romances), Reinaldo, aqui e ali, se aventura nos versos (na verdade, pela Editora Cândia, em 2016 publicou **Poesia 64-14**, com dezenas de poemas ao longo das cinco décadas contempladas). No caso, para não perder a verve, compôs 50 poemas que, ainda que autônomos, contam uma sedutora e hilária história. De certo modo, ler este último poema *antes* de todos os demais não deixa de ser uma espécie de *spoiler*.

As duas evidentes alusões a Shakespeare (*Muito barulho por nada*) e a Drummond (*E agora, José?*) já dizem bastante do protagonista não só dessa mas de toda a obra de Reinaldo Santos Neves: a própria literatura. (Não à toa, em textos e entrevistas, Reinaldo declara a todo momento seu gosto pela obra de Borges, outro obcecado pela metalíngua.) Ou seja, mais, muito mais do que a musa Jose, é a “Madame Poesia” a estrela a seduzir, e para tanto o poeta escolheu a clássica forma do soneto, que exige de seu narrador que as peripécias do enredo se enquadrem em cálculos e esquadros. Neste e noutros sonetos, a primazia absoluta é do decassílabo (ora heroico, ora sáfico), mas, quando querem, o poeta e seu poema pulam a cerca da métrica.

Todos os 50 sonetos se dão a ver como estrofe única, feito um parágrafo, indicando, possivelmente, seu caráter narrativo. Os 14 versos de cada “parágrafo”, o título do volume e a presença da palavra “soneto” em torno de trinta vezes ao longo dos poemas do livro não deixam dúvida de que, sim, o soneto é a verdadeira Jose a ser cortejada, “cantada em verso”. A cada poema/soneto/capítulo lido, os leitores vamos percebendo que haver ou ter havido alguma Jose real não é tão relevante quanto se imaginava a princípio. Nem sequer sabemos se o nome da personagem condiz com seu nome de “pessoa física”; aliás, nem sequer sabemos se alguma pessoa, alguma situação na vida real inspirou o autor a elaborar tais poemas. (Situação semelhante se verifica no “autoficcional” romance **Sueli**, de 1989, em que o narrador se vê às voltas com um amor, um desejo, uma paixão não correspondidos.) Se inquieto, o autor tem autoridade para tergiversar: Jose *c’est moi* — mesmo que não seja.

Tal situação de incorrespondência amorosa não é exclusividade do autor de **Blues for name ou Deus está doente e quer morrer**, do poeta de

Muito soneto por nada, do narrador de **Sueli**: trata-se de um tema clássico, antigo e de sempre, que faz com que os artistas se desdobre para encontrar formas inusuais para expressar tema tão recorrente. A obra do itabirano autor do poema *E agora, José*, por exemplo, é atravessada por essa incorrespondência, que ele maneja, feito o poeta inventado por Reinaldo para narrar os sonetos, com certo humor e alguma melancolia: “Carlos, sossegue, o amor / é isso que você está vendo: / hoje beija, amanhã não beija, / depois de amanhã é domingo / e segunda-feira ninguém sabe / o que será.” (*Não se mate, Brejo das almas*). Sob tal perspectiva, mesmo o romance-mor **Grande sertão: veredas** pode ser entendido como um imenso monólogo em que Riobaldo pensa por que não pôde *realizar* seu amor, a não ser transformando-o em linguagem. “Rio, pau enorme, nosso pai”, na síntese da canção de Milton e Caetano

De modo ainda mais explícito, é o que faz esse narrador/poeta sem nome no soneto n. 28, quando, em momento tenso, extravasa:

*Não penses que te quero de verdade,
por amada ou por amante ou puramente
concubina, só porque o digo
e assevero em dialeto de soneto.
O que faria eu de ti? Não tens qualquer
talento além do corpo, e o teu corpo
duvido que ofereça o que alardeiam
tuas campanhas de publicidade.
Te quero, na verdade, de mentira,
que é da mentira que extraio poesia,
e é no poema que minto sem perjúrio,
promovendo uma hilota a ninfa e musa.
Te quero é no poema: é no papel;
melhor do que num quarto de motel.*

Neste poema 28, os artifícios da sedução ganham eco e abrigo no segundo verso, quando a repetição de “*por amada*” e “*por amante*” reverbera no adjetivo “*pura*” do fim do verso, que, contudo, continua abaixo, e o adjetivo “*pura*” se torna o advérbio “*pura-/mente*”. Diferentemente da comédia de Shakespeare, em que a trama de desencontros se resolve ao final, na lírica de Reinaldo o desencontro entre o poeta galanteador e a musa impossível permanece, pois que não tem começo e “muito menos meio”, só se resolvendo, como vimos, como efeito ficcional, isto é, com o desejo (libidinoso, carnal, concreto) sendo sublimado em forma de arte (metafórica, verbal, abstrata).

Em análise que fiz alhures do magnífico conto *Mistério na montanha* (do livro **Heródoto, IV, 196**. Vitória: Cousa, 2013), lancei mão de reflexão de Theodor Adorno: “Todo o artista autêntico se encontra obcecado com os seus procedimentos técnicos; o fetichismo dos meios tem também o seu momento legítimo” (**Teoria estética**). Se o fetiche implica um desejo fabricado pela indústria cultural, que tudo transforma em mercadoria e assim coisifica o próprio desejo, fazendo-o parecer singular quando na verdade é uma fantasia já previamente fantasiada, no entanto, quando se trata de uma obsessão do artista autêntico, “o fetichismo dos meios tem também o seu momento legítimo”. Não é aquele tipo de fetichismo que conduz à noção de *l’art pour l’art*, de finalidade sem fim. É legítimo porque busca, pelo caminho da obsessão, o melhor para a fatura da arte, e, por conseguinte, para o sujeito que com ela tiver contato. E este melhor, não-idêntico, busca a “arte maior”, autêntica, radical. Ou seja, em vez de o encanto desse fetiche bem

específico servir para a alienação, como os demais produzidos pela cultura de massa, ele servirá para o aprimoramento de uma sensibilidade estética. O desejo da palavra justa, precisa, exata, capaz de produzir mistérios e enigmas que poderão ser solucionados, a partir dela mesma — esse fetiche de querer alguém no poema, no papel, é legítimo, é “melhor do que num quarto de motel”.

Por isso, o poeta finge desconfiar que teve um *affair* com a musa (“o nosso (nosso?) affair”). Aliás, já o nome da desejada ninfa carrega o fingimento em si mesmo, sendo a pergunta que abre o soneto, “E agora, Jose?”, idêntica à famosa questão do personagem drummondiano, solitário, triste, sem saída: “E agora, José?”. Já seu nome, com a simples e eficiente retirada do acento agudo, passa de masculino para feminino, mas se perpetua como signo eminentemente literário. Lembrando o famoso dito de Kafka (“Nada que não seja literatura me interessa.”), o autor de **Sueli** (1991) escreveu na orelha deste “romance confesso”: “A função maior do homem no mundo, a meu ver, é transformar-se em literatura”. É o que faz, livro a livro, este capixaba cuja obra, injustamente pouco conhecida fora dos limites do Espírito Santo, ombréia com os maiores, o que me fez intitular assim um livro de ensaios: **Prosa sobre prosa: Machado de Assis, Guimarães Rosa, Reinaldo Santos Neves e outras ficções**.

Depois de 49 sonetos, feito capítulos de uma novela, em que Jose vem sendo descrita, desenhada, comentada, inventada, cobichada, desejada, enfim, cantada, sempre tendo um(a) rival a seu lado (a arte, a literatura, a música, o jazz, a poesia, o soneto, a forma), chegamos ao capítulo final, cujo *spoiler* já se deu, com a leitura do soneto n. 50, que encerra **Muito soneto por nada**. O poeta assume seu fetiche maior, mais intenso, mais erótico: as “*alvas / tenras coxas de Madame Poesia*”, sempre o alvo-mor da “cantada”, termo em geral pejorativo para “conversa sedutora que visa uma conquista” (Houaiss), mas que se reinveste de sentido civilizado (sobretudo não machista) se pensado, com o teor cômico que a ambivalência produz, como “homenageada em canto”, logo, “cantada em verso”. O corpo da Mulher (Jose ou que nome tenha) se metamorfoseia no corpo da Madame Poesia. Cantada, assim, sem assédio, em forma de soneto, quem diria, vale muito, vale o verso, vale a pena e, discordando do título do livro, vale tudo. **📖**



RENATO PARADA

UMA ATIVIDADE INSENSATA

Passar o dia lendo e escrevendo pode parecer o cenário ideal para muita gente que tem alguma relação com as letras. Para o carioca João Paulo Cuenca, no entanto, o trabalho do escritor não passa de uma atividade insensata. “É uma condição que não tenho outro remédio a não ser suportar”, afirma o autor de **Qualquer lugar menos agora: crônicas de viagens para tempos de quarentena** (2021). Escolhido pela *Granta* como um dos 20 melhores jovens escritores brasileiros em 2012, J. P. — como assina suas obras — também lançou os romances **Descobri que estava morto** (2015), **O único final feliz para uma história de amor é um acidente** (2010) e **Corpo presente** (2003), entre outros.

• Quando se deu conta de que queria ser escritor?

Nunca aconteceu. Escrever sempre me pareceu uma atividade cujas motivações e propósitos ultrapassam qualquer intenção. E, cá entre nós, isso de querer ser escritor é um motivo muito fútil para começar a escrever — talvez o menos importante deles. O fato de ser escritor está além de uma decisão consciente, que poderia ter sido tomada sob alguma circunstância que a explicasse. Talvez por isso eu não lembre exatamente quando nasceu a necessidade de exercer essa atividade tão insensata, que me obriga a permanecer dias e noites frente a um teclado ou diante das letras impressas dos livros. E isso, que para muitos poderia parecer louvável e até motivo de elogio, é para mim uma condição que não tenho outro remédio a não ser suportar. Até porque não escrever é bastante pior.

• Quais são suas manias e obsessões literárias?

A culpa, o desejo, o ódio — e a verdade, o perdão, o amor. Muitas vezes direcionados à própria ideia de literatura.

• Que leitura é imprescindível no seu dia a dia?

Tudo é altamente prescindível no meu dia a dia, com a exceção, claro, de vícios e funções corporais às quais infelizmente ainda não posso renunciar.

• Se pudesse recomendar um livro ao presidente Jair Bolsonaro, qual seria?

O estranho pensamento de um vigário de província: *As memórias de Jean Meslier* (1762).

• Quais são as circunstâncias ideais para escrever?

Numa cidade bombardeada. Ou no leito de morte, no exílio, na prisão.

• Quais são as circunstâncias ideais de leitura?

As mesmas. Eu só acrescentaria uma rede.

• O que considera um dia de trabalho produtivo?

Uma frase. Basta uma frase.

• O que lhe dá mais prazer no processo de escrita?

Descrever o que antes havia escrito, reescrevendo e encontrando novos caminhos.

• Qual o maior inimigo de um escritor?

A fotografia na orelha do livro. A mobília. A entrevista. A “consagração”. A lei da gravidade. A fome.

• O que mais lhe incomoda no meio literário?

O bom-mocismo cada vez mais em voga e inosso, assim como qualquer ideia de produtividade, superioridade ou mesmo utilidade.

• Um autor em quem se deveria prestar mais atenção.

Mario Bellatin.

• Um livro imprescindível e um descartável.



Qualquer lugar menos agora: crônicas de viagem para tempos de quarentena

J. P. CUENCA
Record
240 págs.

Ambos livros escritos por vários autores. O imprescindível: a *Odisseia*. O descartável: o *Antigo Testamento*.

• Que defeito é capaz de destruir ou comprometer um livro?

O tempo. Que pode, a depender do caso, também ajudar a revelar qualidades e forjar clássicos.

• Que assunto nunca entraria em sua literatura?

São muitos: rodeios, revólveres, motocicletas, montanhas-russas, futebol.

• Qual foi o canto mais inusitado de onde tirou inspiração?

Curitiba.

• Quando a inspiração não vem...

É sempre bom apagar ou acender as luzes. E lembrar que inspiração não existe. Acredito mais em estar acordado. Profundamente acordado.

• Qual escritor — vivo ou morto — gostaria de convidar para um café?

Só mortos, e cito apenas alguns: Lima Barreto, Georges Perec, Alejandra Pizarnik, Roberto Arlt, Clarice Lispector, Sérgio Sant’Anna.

• O que é um bom leitor?

O que tem a generosidade de, na sua leitura, escrever o livro junto com o autor. E que revisita o livro de tempos em tempos para ver se ainda está lá.

• O que te dá medo?

Calendários, bicicletas, portas giratórias e luzes fluorescentes.

• O que te faz feliz?

Boas surpresas, mudanças de luz. Quando algo de súbito vira outra coisa, e olhamos ao redor e aquele já é um lugar diferente, e nós também, outros: novos.

• Qual dúvida ou certeza guiam seu trabalho?

Certa vez o argentino César Aira disse que quando pedem a um escritor que fale em público, que responda perguntas como essas, que exponha suas ideias, na verdade o que se pede é que fale de suas intenções. De suas *reais* intenções. Mas a verdade é que não há intenções, e se algum dia as tivemos, elas acabam sempre traídas no processo. A literatura é o que sobra. Ela acaba “sendo a exterioridade de toda a intenção, e está além de todo o propósito”.

• Qual a sua maior preocupação ao escrever?

Acho que nunca saberei. Há um mistério que acompanha a minha vida, e talvez ele esteja no ponto de origem da minha escrita. Talvez eu escreva justamente com essa preocupação: entender por que escrevo. Entender por que me empenhei nessa atividade tão radical e contrária à lógica da sociedade, tão pouco gestual e lúdica, tão absurda.

• A literatura tem alguma obrigação?

Como qualquer forma de arte, não deveria ter nenhuma. Caso precise, talvez seja a demolição, o deslocamento, a erupção.

• Qual o limite da ficção?

A linguagem, sempre. É o nosso precipício, na beira de onde tentamos bailar — grotescamente e com alguma graça.

• Se um ET aparecesse na sua frente e pedisse “leve-me ao seu líder”, a quem você o levaria?

À mulher mais próxima.

• O que você espera da eternidade?

Chope grátis. ☺



nelson de oliveira

SIMETRIAS DISSONANTES

CONTRA A 'PATAPHYSICA (UM DESABAFO)

Dois décadas e meia colaborando com a imprensa literária cobram seu preço: meu apartamento está cheio de livros. Não há uma prateleira que não esteja abarrotada, não há uma mesa, uma cadeira, um espaço no chão da sala, da sacada, dos quartos, do escritório, da cozinha, dos corredores, da área de serviço e dos banheiros que não tenha uma pilha alta de livros. Essa invasão ardilosa começou há muito tempo e está prestes a explodir o apartamento inteiro, comigo dentro.

Exagero meu? É óbvio que eu exagero. Sou dramático por natureza. Livros não explodem apartamentos. Se mal cuidados, eles no máximo acumulam poeira, mofo e ácaros, e começam a feder feito um cadáver, mas não explodem nada. O problema aqui em casa não é exatamente a quantidade de livros, mas a completa desorganização. Fruto de incompetência (minha) ou de sabotagem (de meus gatos), ainda não tenho certeza. Aposto todas as fichas na sabotagem felina.

Mequetrefe, Bocomoco e Songamonga, meus filhotes de quatro patas, viviam implicando com os livros. As obras de Fulano (nome fictício), que deviam ficar na sala, Mequetrefe sempre levava pro meu quarto. E as obras de Beltrano e Sicrano (nomes fictícios), que deviam ficar respectivamente em meu quarto e no escritório, Bocomoco e Songamonga sempre levavam pro banheiro dos fundos.

Preciso dizer que perdi infinitas horas devolvendo ao devido e exclusivo lugar essas obras e muitas outras. O problema é que minha paz de espírito também se perdeu nessa arrumação. Já não estou seguro se também não me tornei um agente involuntário do caos. Livros que eu tenho certeza de haver deixado na cozinha, por exemplo, às vezes eu encontro no quarto de visitas ou na área de serviço, ou não encontro em parte alguma.

De algumas obras, passagens inteiras também sumiram ou foram trocadas de lugar. Percebi isso enquanto escrevia um artigo sobre a fragmentação da ontologia burguesa na ficção madura de Dáblu (nome fictício), e relendo seus três romances mais importantes, encontrei parágrafos inteiros de romances de Xis, Ípsilon e Zê (nomes fictícios).

O fenômeno repetia-se em toda parte. Um exemplo, pego ao acaso: "Muitos anos depois, nu-

ma aldeia da Mancha de cujo nome não quero me lembrar, diante do pelotão de fuzilamento o coronel Leopold Bloom havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou pra conhecer Lolita, luz de minha vida, labareda em minha carne. Minha alma, minha lama".

Outro exemplo: "Quando certa manhã Riobaldo e Diadorim acordaram de sonhos intranquilos, encontraram-se em sua cama metamorfoseados num Macunaíma monstruoso".

Outro exemplo: "O céu estrelado acima de mim e a lei moral dentro de mim são as coisas mais bem distribuídas do mundo, pois cada um pensa estar tão bem provido delas, que mesmo os que são mais difíceis de se contentar com qualquer outra coisa não costumam desejar mais céu estrelado acima de mim nem mais lei moral dentro de mim do que já têm".

Os gatos... esses desapareceram há semanas, um de cada vez. Desconfio que não é a primeira que vez ocorre um sumiço dessa natureza em meus modestos domínios. Muito tempo atrás, contratei uma estudante de biblioteconomia pra me ajudar a organizar os livros. Ela veio um final de semana, começou a separar as obras — primeiramente ficção pra cá, não ficção pra lá —, mas não voltou mais. Onde andaria a fugitiva? Seu namorado e a polícia me procuraram. Eu não suspeitei, nem mesmo nessa ocasião, que talvez a jovem ainda esteja em algum lugar do apartamento. Agora essa se tornou minha principal linha de investigação.

De qualquer modo, eu não incluí o sumiço dos gatos e da estudante de biblioteconomia na categoria de meus Grandes Problemas. Esses desaparecimentos são um sintoma, não a doença.

Um grande problema era — ainda é — a enorme quantidade de livros fora do lugar. Outro problema tão grande quanto esse é a enorme quantidade de frases e parágrafos fora do lugar. Estou certo de que o segundo problema é consequência do primeiro. Também estou certo de que esse fenômeno está restrito ao meu apartamento. Ao menos por agora. Nada garante que, se não for contido, não se espalhará pela cidade, pelo mundo, disseminando o apocalipse.

O terceiro grande problema é que a confusão de livros e textos fora do lugar começou a pôr em movimento uma vigorosa subversão da realidade. Que fique bem



Ilustração: Aline Daka

claro: da MINHA realidade. E isso jamais irei tolerar — jamais! —, pois não há nada que eu preze mais do que o conforto e a segurança de minha estável existência suburbana.

Foda-se a seleção natural. Aprecio demais a deliciosa objetividade realista, naturalista, jornalística, pra aceitar que tudo não passe de autoilusão. De que minhas certezas empíricas não sejam mais que um artifício adaptativo muito ardiloso, promovido pela sacana evolução da espécie.

Quando eu abro a porta de um quarto eu quero que o quarto esteja em seu devido lugar, do outro lado da porta aberta. Não admito que tenha trocado de posição com a cozinha ou o banheiro dos fundos. Mas é o que está acontecendo. Que porra é essa?! A bagunça dos livros está contaminando a planta do apartamento? Ou será que é o apartamento que está — que sempre esteve — me sabotando?

Vivo num país profundamente conservador, que preza demais a objetividade realista, naturalista, jornalística. Não admito ser lançado num fluxo onírico, em que as regras do jogo são alteradas arbitrariamente, ao sabor do nonsense.

Tentei desabafar com os amigos no Facebook, mas meu computador se transformou numa pesada máquina de escrever e meu smartphone voltou a ser um antipático telefone de disco. Não deu pra escapar do apartamento porque a porta da

sala abre para a vastidão de um horizonte gelado. Pela baixa temperatura, suspeito que é a Antártida.

Às vezes, a força da gravidade muda de sentido, e tudo o que está no chão vai parar no teto. Mas é raro isso acontecer. Mais frequente é um sinistro nevoeiro verde cercar o prédio. Quando isso ocorre, a filha dos vizinhos, uma menina de uns quatro anos, costuma sair da geladeira, vasculhar o apartamento, subir no parapeito da sacada e saltar para o vazio. Mas antes de pular ela sempre se vira e me diz, *é melhor você se acostumar, amor, porque a vida é assim mesmo, uma viagem cheia de surpresinhas pirilampas.*

Putaquipariu, a pirralha deve estar achando que minha casa é uma biblioteca pública. Ela sempre devolve um livro e pega outro emprestado, antes de pular dentro do nevoeiro verde.

A comida e a cerveja estão acabando. Em breve terei que viver apenas de água? Talvez eu consiga fazer uma papinha com as páginas dos livros. Só não sei se conseguirei suportar por muito mais tempo essa absurda pressão íntima. Sem qualquer conexão com minha antiga vivência realista, naturalista, jornalística, estou me sentindo unidimensional. Onde foi parar a porra da luta de classes? O que eu vou denunciar, agora, caralho? Cadê os lugares de fala e os de escuta? As lutas identitárias — de gêneros, de raças, de orientações sexuais, de colonização —, onde foram parar?!

Tou fodido. E mal pago. Não quero, entendem?! Não quero desafiar nem desafinar, a contragosto, a contra-gotas, o decoro dos contentes.

A única boa notícia é que, horas atrás, ao abrir a porta do meu closet, quem eu encontrei sentadinha no chão? Ela! A estudante de biblioteconomia. (Nem pobre nem rica, remediada? Cis ou trans? Preta, vermelha ou amarela? Formação greco-latina?! Tupi-guarani?! Iorubá? Faz cosplay? Já tomou ecstasy? Toca algum instrumento? Gosta de mangá e de RPG de mesa?) E em seu colo, meio embotados, meio adormecidos, Mequetrefe, Bocomoco e Songamonga, pra quem os dias sempre serão uma festa. **📖**

 **alcir pécora**
CONVERSA, ESCUTA

AS ARTES NO REINO DAS SELFIES

Já não espanta ninguém que as pessoas que viajam, vão a um concerto ou a até um restaurante, tão logo cheguem ao local, saquem o celular, façam a mira e ponham-se a fotografar o que houver diante de si. Há algo de pouco polido nessa atitude, tanto ao chamar a atenção para si, como ao capturar imagens alheias do local, sem pedir licença às pessoas que estão ao lado — as quais nem sempre gostariam de se tornar pano de fundo daquelas imagens a ser divulgadas em fóruns estranhos. Se aparessem, por exemplo, num site de simpatizantes fascistas, muitos se sentiriam desconfortáveis com isso. Porém, mudados os costumes, mudam-se os decoros, e tudo passa batido na grosseria geral do comportamento.

Mas caberia insistir no assunto e perguntar o que tanto fotografam as pessoas, e por que o fazem. Qual é, afinal, o interesse dessas fotografias de dileitante, que distorcem e desfiguram, mais do que revelam e apreendem qualquer coisa de relevante a propósito da situação que registram? Poder-se-ia dizer que fotografam para guardar sempre consigo as imagens das coisas amadas que motivam as fotos. Mas com frequência as pessoas fotografam também a si mesmas diante das coisas supostamente amadas. Sorrindo ou fazendo caretas expressivas, produzem então as chamadas *selfies*, que ocupam a maior parte da imagem, senão toda ela, ficando ao fundo as tais coisas admiráveis que gostariam de guardar para sempre.

A ser mesmo assim, seria preciso admitir que a imagem que o fotógrafo amador faz de si é julgada por ele como sendo ao menos tão relevante quanto as outras coisas que o motivaram a tirar as fotos. Admitir, portanto, que o impelia a fotografar não tanto o registro de coisas admiráveis, mas o registro da sua presença junto delas — ou mesmo à frente delas! E qual o sentido desse registro em que o amante encobre o amado? E por que tanta gente se sente compelida a fazê-lo? Narcisismo? Mas é tudo tão geral e anônimo. Talvez um narcisismo difuso do *zeitgeist*?

Mas então por que a necessidade desse registro tornar-se publicidade para outro? Pois a *selfie* nunca basta a si mesma: vem logo acompanhada do lançamento da imagem na rede social. Faz sentido pensar num Narciso que não goza com a imagem de si que de-

veria amar mais do que tudo? Um Narciso que não se admira sem depender da admiração alheia? Como entender que se queira garantir a muitos — de fato, à máxima quantidade de pessoas —, que visitou aquele lugar, que esteve naquele concerto, que apreciou a ceia rara que lhe foi servida naquele local invejável?

Se algo assim se revela no gesto de quem saca a câmera e a dispara diante do que não deve ser apenas experiência, mas objeto de divulgação, quem é o destinatário da prova visual oferecida pela *selfie*? Quem são esses tipos imprescindíveis, já que não se é capaz de ignorá-los? E qual o propósito dessas provas? Provar a presença ou também acutilar um tipo de competição em que a prova lhe daria alguma vantagem?

Tudo isso anda tão naturalizado que tais perguntas soam irritantes. E, no entanto, basta começar a fazê-las para que se desdobrem em outras que ameaçam toda a naturalidade do gesto da *selfie*. Suponhamos que esse gesto não busque atingir algum destinatário hostil e desconfiado, com o qual mantém algum tipo de competição pessoal, e apenas deseje uma inocente e sincera partilha de emoções, à imagem de uma carta que se escreve a um amigo sobre as delícias que logrou viver. Ocorre que cartas familiares (e não de negócios) se escrevem a amigos, privadamente. Ademais, são partilhas entre pessoas precisas e conhecidas, não entre um universo anônimo e indeterminado de indivíduos. Quando se trata de divulgação quantitativa, o implícito não é a partilha pessoal, mas a publicidade. A experiência dá lugar à promoção comercial. Desse ponto de vista, não há *selfie*

que não aspire a ser mercadoria. Do contrário, teríamos de adotar uma tese absurda: a *selfie* existiria como forma de provar a si mesmo o que não precisaria ser provado para quem o viveu.

O paradoxo fica mais claro se passado para a primeira pessoa: o vivido por mim só me convenceria de que eu o vivi realmente, depois que eu provasse que de fato o vivi — e não é a mim que o devo provar, mas a um conjunto virtual de pessoas que não conheço, não tem privança comigo, se é que me conhece. Vale dizer: a prova da *selfie* atua como condição ontologicamente superior ao vivido, sendo o registro mais importante do que a experiência, e o juízo alheio existe como condição epistemologicamente superior de conhecimento da experiência sensível. Não parece absurdo? Não parece teatro do absurdo, quando tudo é dado como natural?

Em suma: no reino da *selfie*, a experiência não tem valor antes do registro que adquira função publicitária, no âmbito de uma competição não declarada. Por meio do registro na rede, é preciso capitalizar a experiência, que, no mesmo processo, por causa dele, perde valor como experiência propriamente. Ou seja, a *selfie* propõe uma disputa de valor dentro da dinâmica própria da rede social, e não de uma viagem particular dos sentidos. Tudo começa, por assim dizer, num gesto de má educação e termina numa conta bancária imaginária — delírio constrangido por essa mesma dinâmica. A *selfie* é a miragem que permite passar de uma a outra.

Esse tipo de comportamento generalizado, obviamente interfere nas artes. Por exemplo, explica o que ocorreu na DOCUMEN-

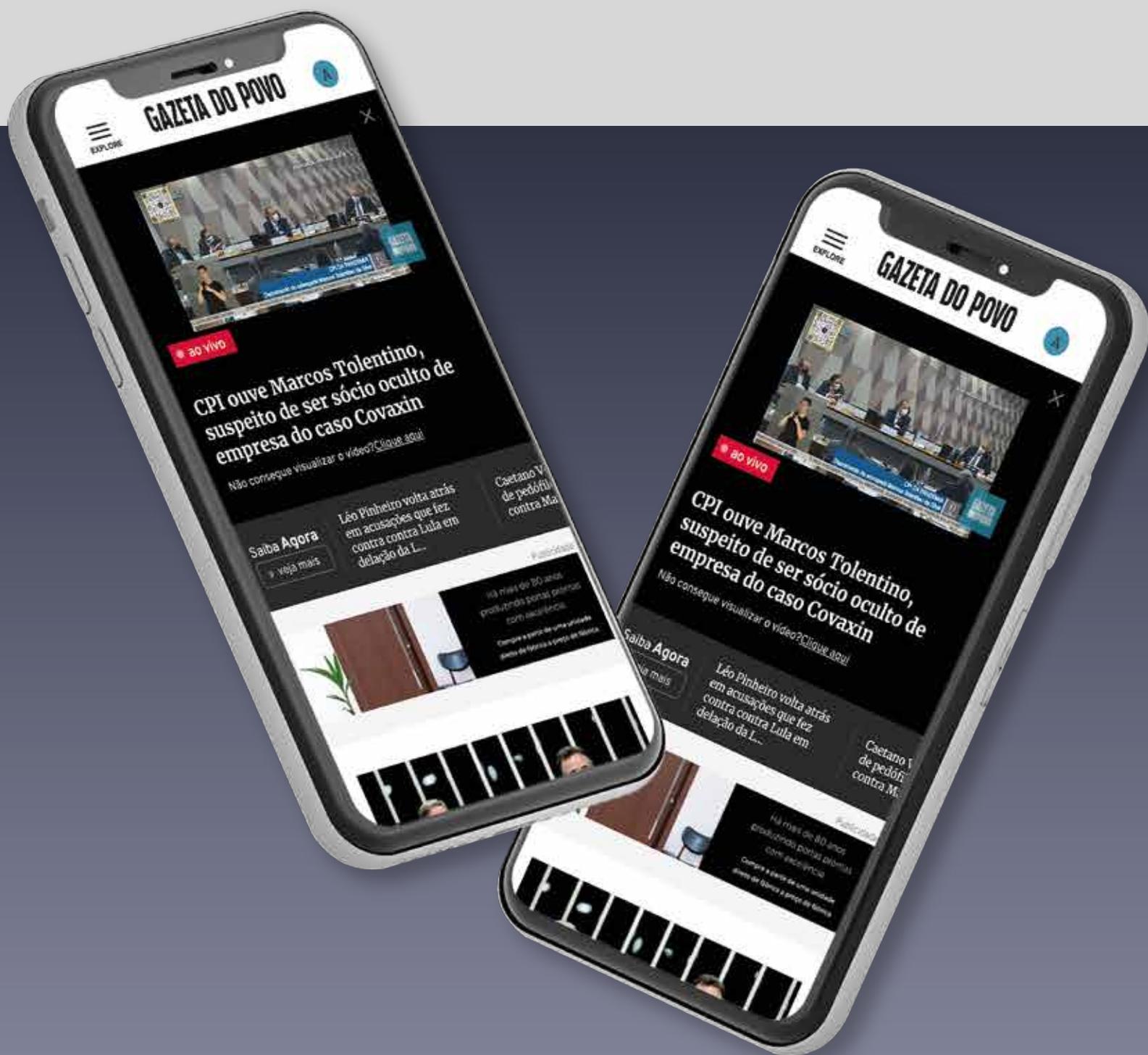
TA de Kassel de alguns anos atrás, quando a curadora, Carolyn Christov-Bakargiev, concentrou toda a exposição em torno da noção de “unwired” [desplugado]. Tratava-se de articular a ideia de arte com a de um dispositivo de saída da rede: “[to be] in one place and not in another place, in one time and not in another time, just here, in this place, in with this food, these animals, these people, poorer, and richer too”. [Estar num lugar e não em outro lugar, num tempo e não em outro tempo, apenas aqui, neste lugar, com este alimento, estes animais, esta gente, mais pobre, e mais rica também”]

Não impressiona saber que seja preciso produzir um protocolo da curadoria, uma normativa que obrigue a olhar e ver, a estar onde se está? Há aí a evidência espantosa de que, se quiséssemos mesmo “desplugar” (o que não parece uma imagem confiável de nosso desejo), teríamos de reaprender tudo: a ficar no próprio lugar, no tempo local, a deixar de falar com quem não está ao lado, a olhar sem fotografar o que se olha ou faz para reenviar aos que não estão lá para ver, a criar sem expectativa da quantidade dos que se engajam na criação, etc., etc.

A notar enfim que a declaração inclusiva de “pobres e ricos” da curadora, é também evidência de que “desplugar” não é categoria que vá muito longe como enfrentamento da degradação da experiência em publicidade, já que parece dar de barato que a batalha vai ser travada no modo despolitizado de um mundo sem classes. E resta a questão: se *wuu* se tornou o nosso *habitat*, como rearticular arte e experiência sem reduzi-las a um *reality show* vulgar e *kitsch*? **1**

Ilustração: **Eduardo Souza**





ASSINE
**GAZETA
DO POVO**

OFERTA
R\$ **4,50**
DEPOIS
R\$ 21,90
POR 3 MESES



APROVEITE!

rascunho recomenda



FILIPE RUFFATO

Um conjunto de crônicas de Luiz Ruffato marca o início de uma série de publicações da Maralto — selo que já nasceu com 150 títulos no catálogo, herdados da editora Positivo. Em **Ninguém em casa**, o mineiro reúne 30 textos publicados nos jornais *El País*, *Folha de S. Paulo* e *Rascunho*, no qual ele assinou a coluna *Vista parcial* por um ano. Em maior ou menor grau, todas as crônicas passaram por modificações e estão agrupadas em ordem alfabética, formando um mosaico que pode ser lido como narrativa única — passando por momentos da infância e juventude do autor, com tributos à cidade natal de Ruffato, Cataguases (MG), e à capital do Brasil. O tom memorialístico do conjunto revela a infância pobre de um menino mineiro e sua improvável guinada para a literatura, área em que o autor dos romances **O verão tardio** (2019), **Flores artificiais** (2014) e **Eles eram muitos cavalos** (2001), entre outros, construiu uma sólida carreira.



Ninguém em casa

LUIZ RUFFATO
Maralto
136 págs.



À sombra de Eva: uma antologia sobre o feminino

DARCY FRANÇA DENÓFRIO
Patuá
164 págs.

A condição da mulher e a busca pela harmonia estão no centro dos poemas da experiente autora goiana, nascida em 1936. “Tem-se aqui uma oferta aos leitores e leitoras de primoroso labor poético para que o homem e a mulher recuperem aquele estado primordial de integração e completude sempre almejado”, anotam Enivalda Nunes Freitas e Souza e Fernanda Cristina de Campos no estudo introdutório da obra. Com uma linguagem “precisa e delicada, que às vezes se oculta em metáforas”, de acordo com a definição de Vera Maria Tietzmann Silva no texto de apresentação, Darcy França se lança nessa busca por um mundo unificado — que, para um século marcado por divergências, pode soar quase utópica. Nas estrofes iniciais do poema *Ao novo homem*, por exemplo, lê-se: “Eu te pressinto, novo homem:/ já abdicas o trono de pater famílias/ e atiras longe o gládio temperado/ para o golpe (pelas costas) na arena.// Eu ouço o timbre de tua voz:/ ela não sabe a de comando/ não impõe sujeição ao outro/ nem o convoca à defensiva”.



Livros para todos: ensaios sobre a construção de um país de leitores

ORG.: DANIEL LOUZADA
Nova Fronteira
288 págs.

O Brasil parece viver uma guerra contra o livro. Em uma época sinistra, profissionais do mercado editorial e amantes das letras se juntaram para refletir sobre esse retrocesso vivido no país. “Os poderes mágicos dos livros e da leitura, registrada na tradição literária e na experiência concreta de indivíduos mais ou menos conhecidos, de fato existem”, anota Daniel Louzada no texto de introdução, *Um país para os livros*. “Há quem os menospreze, é certo, mas longe do horror que Cortázar evoca no seu *Fim do mundo do fim*, a leitura só amplia perspectivas, sobretudo em épocas sombrias.” Não é que algum dia a trajetória do livro tenha sido fácil em um país marcado pela violência e quase avesso à democracia, mas o que acontece agora beira o apocalíptico. Assim, ainda de acordo com o texto de Louzada, duas perguntas se mostram urgentes: “Seria possível educação e cultura serem ilhas de excelência nesse cenário? Seria possível ainda pensar a questão do livro a longo prazo, projetando algo diferente do que vivemos até aqui?”.

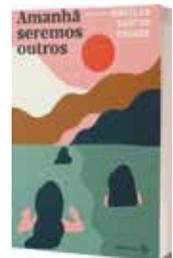
Em mais uma obra do selo o. Tal, o artista gráfico paulistano combina narrativa e ilustrações para criar um conjunto que pode ser experimentado por várias idades. De difícil definição, como costuma acontecer com livros publicados no século 21, o trabalho de Rampazo se desenvolve a partir de uma mulher olhando para fotografias na parede. A partir daí, lembranças vêm à tona e são potencializadas pelos traços do próprio autor.



Coisas para deslembrar

ALEXANDRE RAMPAZO
Caixote
40 págs.

Nestes contos de estreia, a psicóloga empresta a capacidade de observação e interpretação do ser humano à escritora. Dividido em duas partes, *Amanhã seremos outros*, com 11 contos cada, trata-se de “um livro curto que demora a acabar dentro da gente”, de acordo com Leticia Wierzchowski. “Como as cabras montanhesas de uma das mais pungentes narrativas do livro, as histórias de Marília nos observam — sim, elas nos leem. Nos espreitam. Nos revelam”, define a escritora gaúcha.



Amanhã seremos outros

MARÍLIA SANTOS KRÜGER
Artes & Ecos
88 págs.

O abismo parece estar à espreita deste conjunto de contos. De acordo com a poeta Mar Becker, “Tavares domina como poucos a arte de compor imagens com a voz, dizer com imagens”. Em *Lobuno-Azulado-Fantasma*, por exemplo, quando o personagem Miro parece se aproximar do território do indizível, todos os belos cavalos surgem para ressignificar a falta do que dizer. “As figuras destes contos conjugam imanência e evanescência”, define a autora de **A mulher submersa** (2020).



O congresso da melancolia

LÉO TAVARES
Urutau
138 págs.

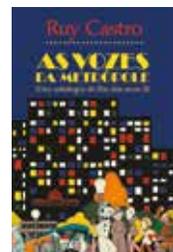
Diva, Eleonora e Maria Luíza estão no centro deste romance experimental, que apresenta um narrador incomum: ao mesmo tempo que se posiciona como onisciente, capaz de recuperar episódios da vida das personagens, compartilha com elas seus próprios dramas. A história é amarrada por um misterioso livro que chega às mãos das personagens. Na definição da Zouk, tratam-se de “três personagens de tempos diferentes, vivenciando a dor e o prazer de se constituir como mulher”.



Olivetti Lettera 32

CAROLINA PANTA
Zouk
178 págs.

Os loucos anos cariocas dão o tom deste conjunto organizado por um dos maiores entusiastas da história do Rio de Janeiro. Por meio de frases, crônicas, reportagens e trechos de trabalhos ficcionais, Ruy Castro dá uma amostra do que gente como Murilo Mendes, Lima Barreto, João do Rio, Adelino Magalhães, Mercedes Dantas e Romeu de Avellar “aprontaram” em um rico momento artístico do Rio que marcou a história cultural do Brasil.



As vozes da metrópole: uma antologia do Rio dos anos 20

RUY CASTRO
Companhia das Letras
464 págs.

MINISTÉRIO
DO TURISMO
APRESENTA

paioL
LITERÁRIO



palco de grandes ideias



Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Cida Pedrosa

A poeta Cida Pedrosa encerrou em dezembro a 10ª temporada do **Paiol Literário** — projeto realizado pelo **Rascunho**, com patrocínio do Itaú, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura. Nesta edição, os setes encontros aconteceram online, com transmissão pelo YouTube, e todo conteúdo também está disponível no site do projeto (paiolliterario.com.br).

Cida nasceu em Bodocó (PE), em 1963. Em 2020, com **Solo para viajejo**, venceu o Prêmio Jabuti nas categorias Poesia e Livro do Ano. No mesmo ano, foi eleita vereadora do Recife (PE), onde mora, pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB). **Gris** (2018), **Claraná** (2015) e **As filhas de Lilith** (2009) são seus outros títulos publicados.

Realizado desde 2006, o **Paiol Literário** já recebeu 78 escritores. Julián Fuks, Marília Garcia, Paulo Scott, Veronica Stigger, Edyr Augusto, Patrícia Melo e Cida Pedrosa são os sete escritores e poetas que participaram da edição 2021 do projeto.

• Literatura é o caminho

Tenho um sentimento de que se as pessoas fossem alfabetizadas com poesia, elas poderiam ter acesso crítico a qualquer texto científico ou teórico. A literatura é o caminho para você conseguir subjetivar, entender para além do que está escrito nas linhas expressas. Para você ter novas formas de pensar. A literatura talvez seja o melhor caminho de formar cidadãos e cidadãs críticos e críticas. Você poder aferir conteúdo a partir do seu olhar, e não do olhar do outro. De conseguir atravessar para além do texto. A literatura — além de ser um momento de deleite, além de ser um processo de nos aproximar do humano, porque acho que literatura nos dá humanidade — tem esse papel importante de formar pensamento crítico e fazer a luta de ideias.

• Alfabetizar com poesia

Sou mãe de dois meninos. Eu lia para eles poesia infantil, historinhas infantis que usavam rimas, sons, aliterações. O som ajuda a compreender o texto quando se é pequeno. O som te aproxima da palavra e do objeto que ela significa. O som traz cheiro, textura. O som traz uma intersemiose linda, para que a gente consiga adentrar na leitura e gostar do texto. É isso que quero dizer com alfabetizar com poesia.

• Metodologia freiriana

Nós temos essa coisa do analfabetismo funcional, de pessoas que sabem escrever o nome, votam, até têm conta bancária, mas não conseguem interpretar texto. Coloco uma pitada que, para mim, é muito forte: como a gente alfabetiza as pessoas? É uma coisa freiriana. Você alfabetiza uma menina da comunidade com o que é próximo dela. O que é que está na comunidade próxima? É o brega, o funk, o rap. Se você traz para a leitura aquilo que é prazeroso, aquilo que está próximo dessa identidade, acredito que sempre funciona bem.



REPRODUÇÃO/ YOUTUBE



Utopia é algo que move.”

À noite, no sítio onde nasci, tinha uma turma antigo Mobral. Era época da ditadura, eu tinha 7 para 8 anos, e minha irmã alfabetizava os trabalhadores e trabalhadoras. Lembro até hoje que eles usavam uma cartilha freiriana, com a palavra tijolo, semente, agricultura. Ou seja, com palavras que eram muito próximas das vidas dessas pessoas. Falei o exemplo da comunidade urbana, mas como é que chega no menino rural, do MST? Falando nisso, inclusive, nos acampamentos do MST o nível de analfabetismo é minúsculo, porque eles estudam, alfabetizam, trabalham a leitura. A gente tem que aproximar a leitura da realidade das pessoas.

• Expressões populares

Acredito, defendo e tenho provas da potência da poesia. Fiz e faço muita roda de leitura em comunidade. Essa história de que as pessoas não gostam de poesia não é verdade. Quando você oraliza, quando diz textos próximos da realidade, quando você sai do pedestal — por que é que um poeta popular, antes de dizer o seu verso, conta uma história? Igualzinho Bashô fazia. O haikai, inclusive, era a poesia popular oriental como é poesia popular nosso cordel e cantoria. O Bashô justificava seu haikai. Ele escrevia às vezes oito ou dez linhas para dizer o que significavam as três do poema. O que ele tinha observado, o que ele tinha sentido, do que se tratava. Só que aí chega num momento que a intelectualidade diz: “Poesia não se explica”. E não se explica mesmo, não. Mas você dialoga com ela para com as pessoas. O poeta popular, antes de dizer um poe-

ma, explica: “Vou dizer um poema. Mas eu estava em tal canto, me surgiu isso. Aconteceu isso”. É muito comum. Nunca começa já dizendo o poema. Ao fazer isso, contextualiza, e aquela pessoa simples que está ouvindo entra na narrativa. Quando a poesia chega, ela recebe com naturalidade. Acredito nisso. Claro que existem poemas mais acessíveis, outros não. Mas acho que, se você pegar o **Viva vaia** [de Augusto de Campos], contextualizar e ler em conjunto, fazer uma roda de oralização da poesia, você cria um outro contexto para isso.

• Gibis

Tive uma sorte danada. No colégio municipal onde estudei o ginásio, e também no grupo escolar, havia bibliotecas — uma mais miudinha e outra mais robusta. Tenho uma irmã amada, a Flor Pedrosa, que foi minha professora já no ensino médio. Ela foi estudar em Recife, uma das primeiras moças da minha cidade [Bodocó] a sair para estudar. Sem ser em colégio de freira. Estudava Letras, sempre amou literatura. Ela comprava caixas de livros e me mandava, então tive acesso a gibis quando ainda não eram vendidos em Bodocó. Aqueles manuais da Disney, das bruxas. Isso era maravilhoso, porque eu tinha contato com a literatura infantil para além do que estava na biblioteca.

• Leitora voraz

Sempre fui uma leitura muito voraz. Mamãe dizia, quando eu tinha uns 10 anos: “Minha filha. Se eu conhecesse essa palavra psicólogo, tinha levado você. Achava que você ia endoidar”. Era porque eu lia muito. Nas fé-

rias, pegava 20 livros e lia. Se me perguntassem o que eu fazia, respondia: “Carrego rede nas costas”. Porque ficava deitada na rede lendo. O dia inteiro. Ler, para mim, é fundamental demais. Morro de medo de ficar cega.

• Diversão e mergulho

Sempre li por prazer, para me divertir, como gosto ainda — leio muitos quadrinhos até hoje. Meu companheiro coleciona, então aqui em casa parece um mar de quadrinhos. Quando lia gibi, era para me divertir. Gibi era a leitura da diversão. Os romances da menina moça, que só podia ler coisas bem água com açúcar, foi a entrada no drama. Nas brigas humanas. Nas angústias. E mais essa coisa de viajar, li muito Júlio Verne. Quase tudo. Viajar para além da Serra do Araripe, em Bodocó, sempre foi fantástico. Como você saber qual é o barulho do mar ou o cheiro do mar, saber o tamanho do mar, se você só viu uma fotografia? Quando li **Mar morto**, do Jorge Amado, entendi. Ele descrevia com tanta precisão a entrada do pescador no mar, como é que as ondas iam, que me senti lá pescando. Tem essa coisa de ir para mundos que não são os teus.

• Turma literária

Vim para Recife para estudar. Tinha uma loucura para vim para cá, porque achava que precisava ampliar meu mundo. Não era para ter chegado aos 14 anos. Vim para o casamento de uma irmã, de forma muito determinada (como sempre fui), enchi a mala de coisas e cheguei. “Mamãe, vou ficar.” Ela não queria. Terminei ficando, porque meu irmão disse: “Deixa essa maluca aí, que cuida dela”. Fiquei. Todas as pessoas que vinham da minha família tinham 17 ou 18 anos. Quando cheguei, dei de cara — na escola — com uma colegagem que escrevia e lia. Muito. O Raimundo de Moraes, Wilson Freire, Eduardo Martins, Cicero

RICK RODRIGS



Belmar. Uma turma premiada hoje. Eu, que já escrevia coisas muito ruins, comecei a mostrar. Começamos a produzir textos juntos — um fazia uma frase, outro fazia outra. É uma coisa que sinto falta, a escrita coletiva. Na pandemia, algumas pessoas passaram a fazer isso na internet, até romances coletivos rolaram. Nós fazíamos isso lá, um poema a oito ou dez mãos. Como era bom isso de você ver o verso bom do outro e o seu ruim. Você compara, aprende.

• Leituras de juventude

Era uma oficina muito intuitiva que a gente tinha. Isso que se faz hoje de forma pensada, sistêmica, era muito intuitivo. Mas muito natural, também, por ter no mesmo espaço de tempo tanta gente que escrevia. Tinha uma professora, minha irmã, que nos adotava literariamente. Era maluco porque botava menino de 14 anos para ler **O estrangeiro**, do Camus. Muito doida, né? A gente é muito grato a ela por isso. Apresentava a gente a Augusto, Haroldo e Décio. Valendo mesmo. De sentar e “vamos lá, o quê que vocês entendem disso?”. E instigar. Você emburaca noutros mundos. Hoje em dia, um professor de literatura não apresenta o **Poema sujo** para um menino de 14 anos, apresenta? Só mais tarde, lá por 17, 18 anos. Ela mandou a gente ler com 14, 15 anos. Foi muito bom. Maravilhoso.

• Poesia concreta

Quando escrevo, sou muito todos os sentidos. Essa coisa de sinestesia. Essa coisa de som, imagem, cheiro. A gente acha que poesia concreta se distancia disso, mas muito pelo contrário. Aquela poesia imagética é para ser comida viva. Ou você ingere, entra nela de cabeça, ou não consegue nem sacar. Nem se sensibilizar.

• Estreia e decisão

Não tinha essa coisa de achar “vou ser uma poeta assim, assado” [na época que lançou o primeiro livro, **Restos do fim**, aos 19 anos]. Meu filho, Francisco, tem um plano. Escreve muito bem, o danado. Escreve um livro, põe no concurso, fica entre os 20, 10 colocados. Eu não tinha. Gostava de escrever, queria escrever, lancei meu livro. Dizia poesia na rua. Mas não tinha clareza de aonde ia chegar. Tanto que passei quatro anos para escrever o outro livrinho, **O cavaleiro da epifania** (1986), depois do qual disse: “Quero ser poeta”. Não sabia se ia conseguir, porque ouço muito, tenho muito senso crítico. Quando lanço coisa ruim, sei que estou lançando coisa ruim. Publico de safadeza.

• Evolução

Sempre fui crítica com minha poesia. Agora, o problema é que antes era crítica e tinha safadeza de publicar o que era ruim: “Ah, vou publicar”. Hoje, não publico se não tiver certeza. Publiquei **Lilith**, **Claraná**, **Gris** e **Solo para viajeiro** para não me arrepender. Já os outros... Mas, d’**O cavaleiro**, assino todos os 27 poemas. Todos têm valor.

• Estilos diversos

Tenho uma mania muito péssima de dar guinadas de um livro para outro, fazer coisas diferentes. Não consigo ficar no mesmo jeito. Tenho necessidade de aprender com a palavra. **O cavaleiro da epifania** é um livro todo mais formal, meu primeiro tem uns poemas mais curtinhos. Bebia muito no experimentalismo, ali na poesia marginal da década de 1970, umas brincadeiras visuais. O segundo já tem algumas redondilhas maior, uma coisa — não digo “cultá”, não, porque isso é muito babaça — mais formal mesmo. Fui me aprendendo. Fui me entendendo. Meu terceiro livro é muito ruim. Tem uma parte dos poemas curtos que é boa, mas tem uma melequeira ali, umas baboseiras, que não se publica. Fui aprendendo e tendo coragem de levar tapa na cara.

• Drummond

Estou relendo Drummond desde o primeiro livro. Tinha lido **Alguma poesia** muito jovem, com 16 anos, depois só li os poemas emblemáticos. Você relê aquilo que é emblema, não lê o lado B. Fica tendo contato com aquilo que a mídia coloca. Estou na **Rosa do povo**, o quarto. Como está sendo bom, aos 58 anos de idade, ler o livro que

Drummond fez aos 27. Para você compreender que mesmo nele tem as curvas. Tem os ápices no livro e aquilo que não é tão bom. O ruim de Drummond é o bom que um monte de gente amaria escrever. E também tem o contexto da época: hoje, você escrever um poema daquele que Drummond escreveu é muito comum. Mas escrever em 1930, 35, 40, aquilo era o nota 10. Tem essa coisa do espírito do tempo. Quando o poema é bom, ultrapassa o espírito do tempo.

• Outras leituras

Tenho relido muito. E estou com intenções de reler umas coisas que, para mim, são importantes. Ano passado, no primeiro ano da pandemia, reli Adélia Prado do primeiro até o último livro. Um a um. Adoro. Está na minha mesa de cabeceira. Quero reler Augusto e Haroldo, tenho a antologia. No ano anterior, li tudinho que tem do Maiakóvski no Brasil. Tenho feito esses movimentos.

• Miles e Dylan

Da mesma forma, escuto muito rock da década de 1960 e 70. Escuto muito blues. O povo não entende por que eu não conhecia, não sabia quem era Marília Mendonça (1995-2021). Fiquei triste porque uma mãe de família morreu. Porque uma moça jovem morreu. Mas não conhecia nada dela. Não vejo TV. Só ligo TV para ver filme. Às vezes vejo um pouquinho de jornal, mas vejo mais na internet. Ouço as mesmas coisas, ouço blues. Ouço Miles Davis cem vezes no ano. Ouço Bob Dylan toda vez que entro no carro. Pode parecer chato para algumas pessoas, mas é o que me comove. E é o que gosto de fazer.

• Fulgor da juventude

Para além disso, quero dizer que recebo muito livro. Entro muito em contato com a poesia jovem, conheço muito o que se produz aqui, da juventude, porque adoro gente nova. Adoro esse fulgor, esse tesão, essa vontade. Isso me contagia. A inveja que tenho de ser professora é disso. Quando você está no meio da juventude, pô, a turma tá num tesão, sabe? Numa vontade. Isso me contagia. Isso não lhe deixa se sentir o velhinho da parada. O vovô do INSS. A vovô do INSS.

• Dois movimentos

Tenho esses dois movimentos. O de reler coisas que li no passado, muito jovem — quero voltar ao **Ulysses**. Preciso ler essas coisas de novo. E, ao mesmo tempo, fazer esse movimento com os jovens. Agora, leio muito mais poesia e conto do que prosa. Li tardiamente **Torto arado**, mês passado. Estou em estado de afeto com o livro.

• Oralidade

A poesia oral é muito importante para mim. Ouço muito cordelista cantar, as rezas, e isso desde pequena. Como isso é forte na minha formação. E como mantenho isso em Recife, quando chego aqui. Embora meu primeiro livro, do ponto de vista escrito, seja um afastamento completo dessa poesia na forma, meu exercício de cidadania literária se dá pela oralidade. Num movimento de escritores independentes, fazia rodas de saraus, recitava na rua o tempo inteiro. Aí, aprendi uma coisa: toda vez que escrevo um texto, leio para mim mesma. Leio muito pra mim. Se ele engasga, mudo a palavra. Se engancha, a palavra não está no lugar exato. Mudo. Porque mesmo um livro que a gente possa pensar que não é para ser dito em voz alta, ele é. Todo mundo diz que o velho bruxo Cabral não tem musicalidade, ele tem uma musicalidade incrível. Ele, igual ao Maiakóvski, que é outro poeta de musicalidade fenomenal — inclusive se parecem, porque fazem uma musicalidade intrínseca ao poema; não é aquela coisa de rima na última palavra do verso, é interno. Eles têm uma musicalidade interna no poema que se assemelham muito. Como dizer se o poeta é bom? Você lê e depois recita para si mesmo. Às vezes as pessoas pensam que estou doida. Quando lia nos ônibus, lia o poema e dali a pouco estava lendo em voz alta. Sempre entendo de várias formas — pelo olho, pela leitura. Minha relação com a poesia é muito sinestésica. A oralidade, para mim, é fundamental. >>>

• **Chegar ao povo**

Amo demais o Ferreira Gullar, mas os cordéis dele são um horror. E foi quando ele escreveu para se aproximar do povo, no momento que estava fazendo exercício comunista. Não precisava disso. Podia chegar perto do povo lendo a poesia dele e fazendo a justificativa de Bashô. Fazendo a justificativa dos poetas populares. Ele não precisava ter entrado, embora venha de um lugar [Maranhão] onde o cordel é forte. Tenho certeza que, de onde ele vem, deve ter ouvido cantoria, ficado próximo do poeta popular. Eu não queria fazer aquilo que Ferreira fez e que é ruim, o cordel dele. Tanto que, quando vou usar métrica no **Claraná**, uso meus conteúdos me distanciando dessa história do panfleto. Me inspiro nos grandes líricos da poesia popular. É tanto que faço glosas desses poetas. Do Louro do Pajeú, Otacílio Batista, Pinto do Monteiro. Pego versos dos papas da poesia popular e glosa. Inclusive para não deixar nem a possibilidade de eu enveredar para aquilo que, às vezes, as pessoas fazem no cordel. O cordel, para a educação, é ótimo. Como valor literário, é outra coisa. Porque você tem a poesia popular e tem a frágil. Não dá para misturar as duas coisas. Então, olhava o exemplo de Ferreira: “Não posso cair nesse conto do vigário”. Tenho que cair no conto do **Poema sujo**, que é o melhor do mundo.

• **Cargo público e literatura**

Não concilio [cargo público com literatura], me lasco todinha. Veja: fui secretária do meio ambiente e a gente deixou um legado lindíssimo nessa cidade. Um legado. A legislação de sustentabilidade do Recife é exemplo para o Brasil todo. Me matava de trabalhar. Por que o **Solo para viajeiro** demorou cinco anos para sair? Porque eu produzia nas brechas do meu tempo, que são em feriados mais longos... Faz mais de anos que não tiro 30 dias de férias, esse ano vou tirar. Tiro 15, 10, e esses dias me dedico a quê? Escrever. Isso é muito injusto.

• **Dedicação**

Quando pego um cargo desse, dou o que não tenho de físico e emoção. É sempre assim, a vontade de fazer. Aprendi uma coisa: acredito que felicidade é um projeto coletivo. É de uma subjetividade enorme, não acredito em felicidade, mas como é diacho que tu vai ter harmonia se tu desse do teu prédio e há um monte de família morrendo de fome? Se você é sensível, bicho, isso é impossível. Para não endoiçar e dar um tiro na cabeça, resolvi agir. O que me moveu para isso foi sobreviver. Quando faço alguma coisa, me sinto em movimento. Ao me sentir em movimento, me sinto instrumento de mudança. Ao me sentir instrumento de mudança, tenho fé, esperança, de que algum dia isso vai melhorar.

RICK RODRIGS



• **Aprender a conciliar**

Tenho que conseguir pôr a literatura no meu dia a dia. Como todo mundo faz. “Vou escrever quarta de manhã e quinta de manhã.” Passei esse ano tentando, não consegui. Mas estou com fé. Faço terapia há 20 anos. Levei cacete na terapia. A terapeuta vai desistir de mim. Ou eu organizo isso, ou não terei mais terapeuta. Tenho que conseguir conciliar. Estou com três livros em aberto. Um deles, de contos, está há oito anos em aberto. Tenho que terminar esse negócio. Preciso aprender a conciliar, mas não é fácil. Tenho mania de perfeição.

• **Utopias 1**

É bem mais difícil ser humanista no Brasil hoje. Primeiro, acho que tem uma letargia. Estão nos faltando utopias. Como os jovens estão carentes de boas utopias! Utopia é algo que move — seja cultural, social, até de uma fé progressista. A utopia move montanhas. Sinto uma letargia. Muita gente deprimida. A depressão é uma doença do século 21. Tomo muito conta de mim por causa disso. Se você é sensível, é muito fácil cair em depressão em tempos tão complexos. Esse indivíduo já está triste, aí tem uma sociedade de consumo que lhe oprime pra caramba. Nós temos uma geração fragilíssima.

• **Utopias 2**

Tenho dois filhos. É uma geração fragilíssima, que foi jogada nesse centro absurdo do consumo. E que não tem como correr, porque está na escola, no parquinho do prédio. Você não consegue criar bicho-grilo, não tem como. Você cria dentro desse mundão que menina gosta de Barbie, que meninos querem carrinhos Hot Wheels. E querem fazer coleção. Isso é um mundo de angústias.



A gente tem que aproximar a leitura da realidade das pessoas.”

Perdeu-se o lúdico, a beleza, a delicadeza, a natureza — e isso não é coisa de bicho-grilo, não. A natureza, o contemplar. A natureza nos deixa próximos de nós mesmos. Faz a gente interagir para dentro. E esse mundão faz perder a possibilidade de ficar só. Você está sempre rodeado de coisas. Isso te deixa triste, porque quando não se está rodeado de coisas faz o quê? Você nunca se viu. É complexo. Não é coisa de velhinha comunista. Estou muito preocupada com a menina. Onde estão as utopias, para a gente poder se irmanar coletivamente? Fico preocupada com isso.

• **Utopias 3**

Estou com uma clareza cada vez mais forte: a literatura também pode ser ativismo. Acho que é possível chegar junto das pessoas através do texto escrito, da oralidade. Fico sonhando com nossas escolas abarrotadas de escritores das mais diversas matizes que pudessem se entregar a um processo de letramento real. A arte tem uma capacidade de transformação e de aglutinação enormes. A periferia é latente nisso. O rap, os slams. É impressionante. Os movimentos do hip-hop. Como isso é potente. Esta é minha utopia.

• **Movimento de Cultura Popular**

Tem uma coisa que aconteceu em Pernambuco chamada MCP e que teve alguns foguinhos no Brasil. O MCP foi um movimento de cultura popular, no governo Arraes, que envolveu Ariano Suassuna, Josué de Castro, Abelardo da Hora, um dos grandes escultores do Brasil, o Paulo Freire — que arengou porque a turma queria fazer uma cartilha. Ele saiu do MCP porque disse que o que ele queria fazer não cabia numa cartilha, depois fez uma cartilha. Como aquilo foi incrível. Como até hoje encontro gente que diz que se formou como artista no MCP, aprendeu a ler, formou-se politicamente. Fiz uma *live* há dois meses com a Silke Weber, uma das únicas do MCP que ainda está viva. Ela foi secretária de educação no segundo governo Arraes. Quando ela foi para o cargo, todo mundo achava que ela ia criar um novo MCP. Ela disse, na *live*: “Não existe um novo MCP, porque aquele era realidade daquela

época. A gente tem que encontrar a nossa utopia de hoje”.

• **Desmonte cultural**

O desmonte da cultura e da educação começa no governo Temer, que botou o Mendonça Filho como ministro da Educação. Um homem que não é dessa área. Nem os governos de direita anteriores ousavam fazer isso. Você podia ter um foco até mais conservador, mas tinha pessoas do ramo, que entendiam disso. Que tinham um projeto, mesmo que não fosse um que você defendia. O problema é que não temos projeto nenhum hoje, a não ser o de desmonte da educação brasileira. Estamos vivendo um momento de desmonte de uma construção que tem 40 anos. A construção de uma educação democrática. A educação tem toda uma história autoritária, no Brasil e no mundo. Das crianças errarem na escola e ajoelharem no milho. Da palmatória. Isso não está muito distante. Há 40, 50 anos, lá para os lados de Bodocó, ainda davam palmatória nos meninos que eram indisciplinados na escola. Não estamos distantes da palmatória.

• **Lei da mordada**

Estávamos num processo, com toda dificuldade que é construir um sistema de educação democrático, com formação de professores melhores. E aí, o quê que acontece? Primeiro, uma lei da mordada. Os professores estão sujeitos a serem denunciados a qualquer instante, numa imparcialidade que não existe. Na verdade, isso é fascismo. Temos o desmonte de um Ministério da Cultura, que já é uma Secretaria de Cultura — com um secretário [Mário Frias] que, além de estar envolvido em todas as denúncias de corrupção, não sabe nada. Como é que você pode ter na Fun-

O ruim de Drummond é o bom que um monte de gente amaria escrever.”

Acompanhe no canal do YouTube do Paiol Literário



dação Palmares um homem negro [Sérgio Camargo] que quis desmontar o acervo? O acervo mínimo da história da negritude desse país, que já é tão precária, uma história não contada. Já é uma história completamente não contada.

• Retrocesso

Bem triste isso. Nós andamos 40, 50 anos para trás. Estou muito aflita para derrubarmos o Bolsonaro, mas reconstruir o Brasil é uma questão de paciência. Está havendo um desmonte muito grande. Mais complexo do que derrotar o Bolsonaro é derrotar o bolsonarismo, porque 27% da população acredita nisso. Como fazer a luta de ideias no que diz respeito ao negacionismo, à falta de ciência, e a uma elite que acredita que pobre não pode comer camarão? Que acredita piamente que pobre não tem que andar no elevador principal nem no avião? É um país, estruturalmente racista, que permite que um negro seja arrastado numa moto por um policial. O racismo estrutural é tão grande que ele acha que pode reproduzir a cena que acontecia antes da abolição, que era amarrar um homem escravizado a um jumento e arrastá-lo. É a mesma coisa, no século 21.

• Ler e militar 1

Sou uma velha comunista. A gente está precisando da utopia, mas também é um momento de estudar muito. Isso faz parte da utopia. Tenho lido coisas que me

agradam. O Jessé [Souza] aponta caminhos. O João [Cezar de Castro Rocha], no **Guerra cultural e retórica do ódio**, aponta caminhos. Minha mãe dizia: “Orar e vigiar”. Eu digo: “Ler e militar”. Se não é tua praia ir para a pas-seata, se engajar num movimento, mas tu é progressista, tu tem a capacidade de estudar. É um momento de refletir, de publicar. De entender o que está acontecendo. Apontar caminhos. Essa também é uma grande trincheira de luta.

• Ler e militar 2

A história intelectual do Brasil começa, de um ponto de vista de pensamento nacional, com Sérgio Buarque, Darcy [Ribeiro], Gilber Freyre — tem que refazer a leitura deles, porque eles têm essa coisa do mito da democracia racial. A partir deles, começou-se a pensar uma cultura. Uma identidade nacional. Acho que para a juventude que não quer, não pode, não é a dela ir para a militância, a militância passa a ser se dedicar a estudar, entender, publicar, debater. Nossa moçada tem que ler Sérgio Buarque [de Holanda] de novo. Tem que pegar alguns dos nossos teóricos. E ler alguns novos, que estão — no meu entender — complementando e descolonizando algumas coisas. Tem que ler Jessé Souza, tem que ler **A ralé do Brasil**. A gente está precisando tentar entender isso tudo que está acontecendo, para tentar encontrar caminhos.

• Comunista de sacristia

O Paulo Freire é respeitado até lá em Tio Sam. Tem escolas nos Estados Unidos que utilizam o método Paulo Freire. Ele é doutor *honoris causa*, inclusive, em algumas universidades de lá. Como é que diacho você tem uma tentativa de negar esse legado? Isso é muito complicado, porque está ligado ao fundamentalismo religioso. Os negacionistas e fascistas se juntam aqui, em terras brasileiras, como a turma do conservadorismo e do fundamentalismo religioso. A gente tem que passar a entender. Vou muito à periferia. Quando você vai na periferia, tem uma igreja evangélica, uma pentecostal, em todo canto. Às vezes, cinco ou seis. Aquela mãe que está com um filho usando drogas, que está desempregada, chega lá e consegue cesta básica, recebe iluminação de vila. A igreja católica, os ateus praticantes, têm que ir para a luta de ideias nesses espaços. Quando falo da igreja católica, me refiro à progressista — que foi desmontada pelo Papa João Paulo II. Todo mundo achou lindo. Ele foi o desmontador da teoria da libertação e o povo mistifica essa criatura, um homem de direita que desmontou toda uma construção na América Latina. Aí é que tá, ele era midiático. Viajava. Falava não sei quantas línguas. A partir dele que começou a surgir esses padres cantores que juntam multidões. Não estou falando disso, não. Vá juntar multidões pra cantar, tudo certo. Estou dizendo do meu lugar, tenho formação cató-

lica grande. Digo que sou comunista de sacristia, porque minha formação vem daí.

• Brasileiro cordial

Esse mito do brasileiro cordial já está desmistificado há muito tempo. Do ponto de vista intelectual. Mas, do ponto de vista do senso comum, não: “Nós não somos racistas. Aqui, negro casa com branca”. Como se isso bastasse para não se ter um país racista. Na verdade, a própria formação do Brasil se confunde com a formação do capitalismo, do patriarcado. Tudo ao mesmo tempo. Não tem como discutir a questão de raça e a questão de gênero, no Brasil ou no mundo, sem ser dentro de uma teoria de interseccionalidade. Classe, raça e gênero são coisas ligadas. Quando você vai para os percentuais, quem é que está passando fome? Tem branco? Tem. Mas 75% são pessoas negras. Esse apartheid é real. Quando você estratifica isso, percebe quem está embaixo da pirâmide. A gente meio que botou debaixo do tapete, para ter convivência, o tiozão bolsonarista. “Ah, ele é tiozão.” Não é isso, não. Ele pensa isso. Pensa assim. É machista. Misógino. Racista. Se você me perguntasse “tu acha isso bom ou ruim?”, diria que acho que é melhor lutar com o inimigo às claras.

• Acordar para Jesus

A turma da literatura está acordando para Jesus. É o seguinte. Eu e três mulheres amadas tínhamos um grupo de recitação feminista. A gente só recitava mulheres, isso tem uns 15 anos. Não canso das vezes que ouvi poetas famosas do nosso círculo dizendo que nunca sofreram machismo. Como não, minha filha? Como sou feminista desde criancinha, sei que sofreu. Só que a pessoa não se apercebia. Há 12 anos nós fizemos uma mostra contemporânea de literatura de mulheres, eu como curadora do Sesc. Tu não tem ideia do fiasco que foi. A imprensa não quis dar espaço, pouca gente foi. As pessoas que a gente convidava diziam: “Não acho que tem que ter essa segregação, não”. Não é segregação. Na verdade, você quer fazer um recorte. Aí, depois do Mulherio das Letras, depois de algumas mulheres se posicionarem publicamente, o pessoal se tocou que as mulheres têm que discutir, do ponto de vista sociológico, sua participação na literatura. Mais e mais escritores têm ido a público se contrapor ao fascismo, etc. Quando digo que acordaram para Jesus é porque a turma estava enxergando política como lugar menor, como “não vou me misturar com isso”. Política é o lugar onde se dá a decisão da vida das pessoas. E a literatura e a arte não podem estar apartadas disso.

• Luta de ideias

Essa história de “sou apolítico” me dá agonia, desespero. Homem, se tu é um escritor de direita, tu vai lá e diz que é um escritor de direita, um escritor conservador. A gente tem dificuldade de pensar



Não temos projeto nenhum hoje, a não ser o de desmonte da educação brasileira.”

Nelson Rodrigues como um homem conservador, não tem? Ele era. E assumia isso. Se você é um escritor conservador, vai lá e assume. E vamos fazer a luta de ideias. Mas, por exemplo, quando a gente tem o Itamar Vieira Junior como o cara mais badalado da literatura hoje no Brasil, isso é lindo. E isso é um recado. O livro **Torto arado** já nasceu clássico. É um grande recado. Um escritor preto escreve aquela obra, com aquela potência, é a prova de que tem lugar para essa literatura no Brasil. E para essas discussões. É impossível ele ir num lugar e não falar sobre isso. Ele está falando sobre o quê? Política. Raízes do Brasil.

• Literatura é política

Para mim, sempre. Mesmo aquela obra experimental, que não quer se alinhar a nenhum pensamento de nada. Uma obra experimental, o conteúdo para dentro de si, de si para dentro do conteúdo. Isso é um ato político, porque é uma escolha. Quando leio os irmãos Campos, aquilo é política pura. De conteúdo, inclusive, porque eles eram muito bons de conteúdo político, embora neguem.

• Vozes de Pernambuco

Vou falar da minha aldeia para o Brasil. Sou muito animada com a literatura brasileira. Vou pegar exemplos de prosa e poesia, aqui do meu estado. Quando você pega Sidney Rocha, Raimundo Carrero, Ronaldo Correia de Brito e Mário Rodrigues. A prosa desses quatro é de uma potência. E eles são nossos contemporâneos. São estilos diversos, né? Bem diversos, os quatro. Potentíssimos. Agora, pegando a poesia da minha aldeia. A nossa Jussara Salazar, ela tem uma poesia muito feminista, todos os livros de Jussara têm uma linha específica. Ela parte de pesquisas, parte de reflexões específicas. Tem uma poesia que não é de fácil entendimento, mais hermética. Adoro. Tem gente que não gosta. Você pega a Micheline Verunschik — estou pegando pessoas da minha aldeia que nem estão morando aqui, mas são do lado de cá. Pega a Luna Vitrolira, uma explosão. E aí pega uma juvenzinha, que precisa ser pesquisada: a rapper Bione, de 18 anos. A potência, do ponto de vista da oralidade do rap, é uma coisa assim de uma explosão. São pessoas bem diversas. Pega a Bell Puá, que ficou finalista comigo no Jabuti. Tenho muita fé nessa literatura. Até porque existe uma vontade de escrever sem amarras dos jovens. Eles estão tentando inventar coisas novas. 🗨️

nilma lacerda e maíra lacerda

CALEIDOSCÓPIO

MIGRAR: UMA POÉTICA DOLOROSA

*no quiero que paren a mi padre
no quiero que lo deporten*

american dream
Leonardo Tonus

nerente à vida animal, migrar é um ato de deslocamento que implica mudança radical, temporária ou não, de condições de vida. Animais costumam migrar em função das mudanças sazonais, por escassez de recursos alimentícios ou por disputas territoriais. O ser humano, em geral, adapta-se ao clima, mas migra também pelas outras razões, dentre as quais as guerras costumam ser as mais habituais. No século 21 essa situação se intensifica e diversifica: entre refugiados, deslocados e migrantes, os estatutos jurídicos diversos não amenizam a condição de ser obrigado a “ir para outra parte, emigrar, mudar de moradia”.

Quase um século depois do que retratam Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e outros, a migração interna ocorrida no Brasil por conta do assim denominado *fenômeno* da seca, que disfarça violento e secular conflito social, não alcança equação devida e pode ser vista, com novas tintas, por toda a América Latina; os noticiários trazem cenas pungentes e diárias de retirantes, *desplazados*, obrigados a deixar suas casas, suas terras, em busca tão-somente de sobrevivência. **El mordisco de la medianoche**, de Francisco Leal Quevedo, retira a história de uma família desse vasto anonimato. Ao substituir a fome por ameaças criminosas locais, como causa determinante da fuga, o autor traça o retrato de uma Colômbia contemporânea, expondo os problemas enfrentados, das dificuldades comuns a tais deslocamentos à nostalgia pela perda do campo e à hostilidade urbana.

A literatura é também espaço a acolher e mediar o tema das migrações, cada vez mais complexo e de difícil solução, por isso mesmo presente no que denominamos poética do mal-estar. Situam-se aí os assuntos considerados polêmicos, matérias espinhosas, assinaladas por um pensamento conservador e reacionário como perigosas à infância e à juventude. Essa forma de controle sobre a leitura sequestra, como sempre o fez ao longo da história, a condição de sujeitos aos leitores, deixando-os em situação de passividade sobre circunstâncias que a arte ajudaria a discutir. Felizmente, nesse e em outros campos, os livros ilustrados vêm ocupando uma posição capital, em oportuna vanguarda ética e estética, tal como fazem o colombiano Jairo Buitrago e o peruano, radicado na Colômbia, Rafael Yockteng.

Em **Eloisa e os bichos** e **Para onde vamos?**, os autores alcançam apresentar a perspectiva infantil, em hábil manejo da articulação entre o verbal e o visual. Na primeira obra, as imagens de insetos gigantes rodeando a menina e a afirmação dela em se sentir “um bicho estranho” como única pista textual provocam a partilha com o leitor do estranhamento da criança: seria aquele um mundo fantástico? Outro planeta? Tal como na obra **A chegada**, do australiano Shaun Tan, a solidão da personagem em meio a seres tão insólitos possibilita indagações, e a revelação da ilustração final abre perspectivas para avaliarmos as consequências do deslocamento para além da compreensão infantil. Em **Para onde vamos?**, que narra as peripécias de uma viagem a partir da visão da criança, a disjun-



Ilustração: Maira Lacerda (Colagem a partir de ilustrações de Issa Watanabe, Mariana Chiesa Mateos e Shaun Tan)

ção entre conteúdo textual e conteúdo imagético, que muitas vezes passam informações conflitantes, instiga uma percepção aguçada da leitora e do leitor. Detalhes da ilustração propiciam a construção adequada de sentidos para contextualização da jornada de pai e filha e possibilitam reflexões sobre a dura realidade dos que recorrem à imigração ilegal.

Em exemplo que aborda a temática de forma direta, inclusive em seu título, **Migrantes**, da peruana Issa Watanabe, apresenta, em narrativa silenciosa, a perigosa travessia empreendida por um grupo de viajantes, sempre acompanhados pela figura enigmática de um ser que podemos supor como a Morte — em uma interlocução com a representação realizada por Wolf Erlbruch em **O pato, a morte e a tulipa**. Com personagens retratados por animais antropomorfizados, das mais diferentes espécies, o sofrimento se mostra presente a cada página, a cada perda experimentada pelo caminho. Por sua vez, **Migrando**, da argentina Mariana Chiesa Mateos, entrega na mão do leitor e da leitora um produto para ser manipulado e folheado por todos os lados. Com narrativas distintas, mas complementares, que se desenvolvem a partir das suas duas capas, entregando dois pontos de partida e múlti-

plas chegadas, o livro de imagens se debruça sobre diferentes aspectos dos processos migratórios. Desenvolvida em colaboração com a Anistia Internacional, a obra se desloca no tempo propiciando reflexão a respeito do migrar de hoje e de ontem, trazendo para suas páginas a própria história de vida da autora, filha de europeus que vieram para a América do Sul, que em movimento inverso volta à terra dos seus antepassados e de lá observa outras migrações, tratadas de forma bastante distinta.

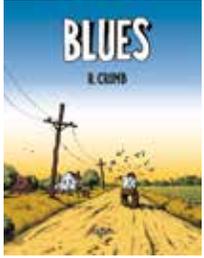
Se as cenas de naufrágios de embarcações precárias repletas de pessoas fugindo de guerras costumam impactar a opinião pública, a situação dos campos de refugiados, tão dramática quanto essas, não costuma ter a mesma sorte. “Uma história ficcional sobre a vida real” traz as vidas de Geedi e Deng, **Dois meninos de Kakuma**, de Marie Ange Bordas, artista de múltiplas faces. Ilustrada com fotografias e pequenas intervenções gráficas sobre elas, a obra relata o cotidiano de um dos maiores campos de refugiados do mundo, que em 2018 contava com 200 mil pessoas. Criado há quase 30 anos, “Kakuma é de todos e não é de ninguém”, numa experiência de não lugar, sem fornecer passaportes a seus habitantes nem permitir a eles o direito de ir e vir.

Para o protagonista Deng, “é estranho pensar que vivemos isolados neste deserto e que nossos futuros estão nas mãos de pessoas desconhecidas que vão decidir por nossas vidas, resolver se o campo fecha ou permanece [...]”. A potência de vida da infância e da juventude sensibiliza leitoras e leitores, a perspectiva crítica dos dois personagens empresta coragem para sustentar a confiança em uma solução justa. O desejo de um futuro, próprio do ser humano, e negado aos que estão em Kakuma, lateja nas falas das personagens.

Se essas e outras obras trazem ao leitor poéticas dolorosas, trazem também questionamentos necessários, possibilitando a formação crítica do leitor e a intervenção na realidade por meio da arte, ao debruçar-se sobre a experiência humana. Leonardo Tonus nos emprestou seus versos como epígrafe; dele vem igualmente o olhar de confiança com que se encerra este artigo. Na dedicatória de **Diários em mar aberto**, o texto é escrito e riscado, em movimento ambivalente de amarga constatação e confiante restauração. No pulso constante do destino humano, a possibilidade de nova escrita para fatos desastrosos é própria da literatura.

“a nós que/ **não** cessamos de nos tornar **mais**-humanos” (No original: “à nous qui/ **ne** cessons de devenir **plus** humains”)

rascunho recomenda INFANTOJUVENIL E HQs

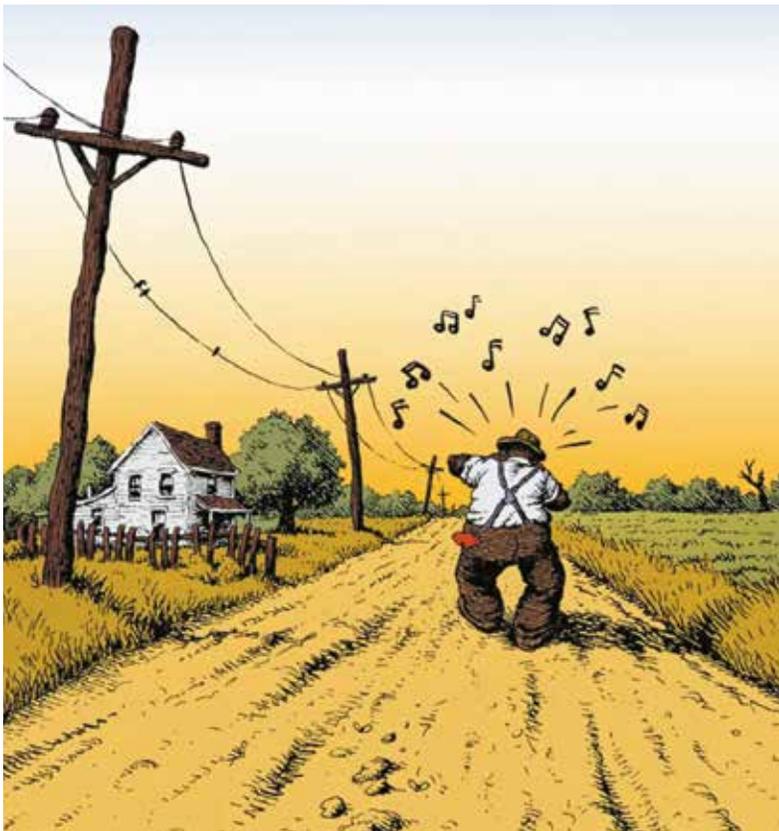


Blues

ROBERT CRUMB
Trad.: Daniel Galera e Rogério de Campos Veneta
120 págs.

A edição ampliada de **Blues** é uma excelente pedida para os fãs de Crumb, considerado um dos principais nomes ligados ao movimento *underground* dos quadrinhos — por mais que ele seja, já há um bom tempo, uma espécie de unanimidade entre público e crítica. As páginas desta HQ oferecem aos leitores uma celebração da nona arte, que parece cada vez mais sufocada pelo avanço da tecnologia e das modas. O conjunto traz quadrinhos, cartazes, capas de disco, ilustrações e anúncios que Crumb criou nos últimos 50 anos para alguns dos músicos mais celebrados de todos os tempos, como Charley Patton, Roberto Johnson, B. B. King, Janis Joplin, Jimi Hendrix e James Brown. Nas palavras do “mago” Alan Moore, responsável pelos clássicos **Watchmen** e **V de vingança**, Crumb “é alguém que consegue dar um jeito de continuar fazendo um trabalho brilhante e inspirador. Ele nunca se cansa, nunca é preguiçoso. Ele é fantástico”.

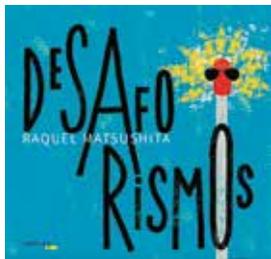
REPRODUÇÃO



Alcateia

FABÍOLA REIS
Ilustrações: Anita Prades, César Landucci e outros
ÔZé
80 págs.

Em 15 histórias, ilustradas por artistas diferentes, o lobo das narrativas clássicas *Os três porquinhos*, *Chapeuzinho vermelho* e *O pastor e o lobo* ganha muitas outras interpretações. Quantos lobos podem existir em cada um desses recontos? A partir dessa pergunta, Fabíola Reis mostra o terrível personagem em situações diversas, distante da figura que assombrou o imaginário das crianças por tantos anos — os dramas, aqui, são outros. Em **Alcateia**, o lobo pode ser vegetariano, torna-se vendedor de biscoitos, encarna na figura de um astro de Hollywood com saudades da vó e, em uma situação atípica, sofre *bullying* dos porcos. A publicação, que comemora os dez anos da ÔZé, traz ilustrações de Anita Prades, César Landucci, Chris Mazzotta, Deborah Engelender, Elisa Carareto, Feres Khoury, Guto Lacaz, Ionit Zilberman, Janaina Tokitaka, Luise Weiss, Maria da Betania Galas, Natália Gregorini, Nelson Cruz, Tereza Meirelles e Veridiana Scarpelli.

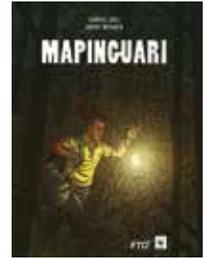


Desaforismos

RAQUEL MATSUSHITA
Maralto
32 págs.

Doze brincadeiras poéticas compõem esta obra infantojuvenil, que sai com tiragem de 40 mil exemplares e venceu o prêmio russo Image of the Book 2020/2021. A proposta do livro, que não se permite classificar nem entrega seus múltiplos significados com facilidade, é que o jovem leitor possa ir e voltar pelas páginas quantas vezes forem necessárias, criando e recriando significados para o conjunto de palavras e ilustrações elaborado pela colaboradora do **Rascunho**. A partir de uma brincadeira feita já no título, em que o modelo do aforismo é anulado, o conjunto preza por uma leitura ativa. “Este pode ser um caminho de leitura, sem dúvida: jogar com a desconstrução de pequenas frases-pensamento, com base em palavras e imagens”, define a Maralto, responsável pela edição da obra. “Mas é possível também seguir por outras vias, com ênfase nas associações mais comuns mobilizadas pelo centro do título que nos leva à rebeldia e a certo atrevimento. E isso nos aproxima, sem dúvidas, da poesia.”

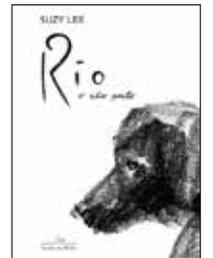
Os dilemas do personagem José, que vê seu trabalho dos sonhos afetando a comunidade em que vive sua família, no interior do Acre, estão no centro desta HQ — que ganhou o selo internacional White Ravens, concedido anualmente pela International Youth Library, de Munique, na Alemanha. A história, ambientada no Seringal Santo Antônio, debate temas importantes relacionados à floresta amazônica, onde seringueiros e negociantes de terra estão em conflito.



Mapinguari

ANDRÉ MIRANDA
Ilustrações: Gabriel Góes
FTD
160 págs.

Indicada para leitores a partir de 6 anos, a história é baseada em uma experiência vivida pela autora, Suzy Lee, e seus filhos. O cão que dá nome à obra, em busca de um lar, encontra paz no seio de uma família acolhedora. A partir daí, brincadeira e aventuras ditam os rumos da narrativa, caracterizada por falas breves e que deixa bastante espaço para a imaginação do pequeno leitor. Alegria, carinho, expectativa e saudade marcam as páginas.



Rio, o cão preto

SUZY LEE
Trad.: ARA Cultural
Companhia das Letrinhas
80 págs.

“Um retrato mordaz da sociedade brasileira durante a pandemia”, escreve a Todavia sobre a HQ. Na história, milhares de pessoas acompanham o dia a dia de Fran, uma influenciadora digital, convivendo com Ju, a trabalhadora doméstica que é coagida a passar a quarentena com ela. Enquanto uma fecha contratos de valores impensáveis para a maioria dos brasileiros e dá dicas de saúde, a outra faz o trabalho de três — e começa a despertar, aos poucos, para a situação bizarra à qual foi imposta.



Confinada

LEANDRO ASSIS E TRISCILA OLIVEIRA
Todavia
128 págs.

Entre contos, fábulas e poemas, o norte-americano traz 18 narrativas que, na definição do próprio autor, “tem por objetivo contribuir com a formação moral dos jovens”. As histórias do conjunto tratam de coragem, perseverança, responsabilidade, disciplina, compaixão e fé. “Como o leitor poderá observar, seus desenhos possuem um brilho vital que evoca nas mentes jovens os valores da nobreza, da gentileza e da bondade”, escreve Bennett no texto de introdução.



O livro dos heróis para crianças

WILLIAM BENNETT
Vários tradutores
Ilustrações: Michael Hague
Nova Fronteira
96 págs.

Abby e Gretchen são inseparáveis. No outono de 1988, as amigas resolvem experimentar alucinógenos. A história desanda quando uma delas, Gretchen, decide nadar nua no riacho. Ela desaparece durante toda a noite e, quando ressurgue, está estranha: cheia de cicatrizes, sempre brava e com roupas largas e feias. Abby fica preocupada, naturalmente, e investiga o que aconteceu. De tudo isso, resta a pergunta: a amizade das duas é forte o bastante para derrotar o diabo?



O exorcismo da minha melhor amiga

GRADY HENDRIX
Trad.: Edmundo Barreiros
Intrinseca
320 págs.

**josé castilho**

LEITURAS COMPARTILHADAS

2022: O ESPERANÇAR DAS TRISTEZAS



Ilustração: Tereza Yamashita

Que tal começar este ano com recordações, uma das maiores qualidades intelectuais e sensíveis do ser humano? Não proponho sessões de nostalgia melancólica, embora, às vezes, elas nos apareçam sem pedir permissão. Refiro-me ao profundo sentido de *recordare*, palavra latina que significa *trazer novamente ao coração*, exercendo a memória.

A memória e o passar do tempo, quando os percebemos constantemente juntos, podem ser compreendidos *de cor, by heart, par coeur*, como professa a nossa língua ou outras como a inglesa e francesa, tornando este ato pleno de significados e de consequências para a atuação no presente, ajudando-nos a eliminar os raciocínios incautos, as informações falsas e a dissimulação enganadora que estão em voga na atual neopolítica.

Sempre ligo o ato da recordação ao ato de evocação. Evocar é reproduzir na memória, racio-

cinando e revivenciando, o profundo sentido de um ato, de uma trajetória de vida, de um período ou momento histórico, seja ele pessoal ou público.

É preciso recordar ativamente, fazer passar novamente pelo coração, metáfora tão sintética do ser humano que une razão e sensibilidade, para podermos permanecer lúcidos contra as armadilhas do tempo, como nos recorda Herbert Marcuse, em pensamento lapidar, livremente retirado do magnífico **Eros e Civilização**:

O fluxo do tempo é o maior aliado natural da sociedade na manutenção da lei e da ordem [...]; o fluxo do tempo ajuda os homens a esquecer o que foi e o que pode ser: os faz esquecer o melhor do passado e o melhor do futuro [...]. Esquecer é também perdoar o que não seria perdoado se a justiça e a liberdade prevalecessem [...]. As feridas que saram com o tempo são também as que contêm o veneno. Contra essa rendição

do tempo, o reinvestimento da recordação [...] em seus direitos é uma das mais nobres tarefas do pensamento. O tempo perde seu poder quando a recordação redime o passado.

Já utilizei este pensamento como epígrafe de meu livro **Solidão revolucionária — Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil**, editado pela Paz e Terra em 1993 e que será relançado em segunda edição neste 2022 pela WMF Martins Fontes. Nele, abri com esse pensamento uma pesquisa/recordação para redimir o tempo em que se ocultou, ou que não se avaliou segundo os fatos históricos, a imensa contribuição teórica e militante de homens e mulheres que ousaram falar contra os cânones da esquerda comunista à época. Foi como navegar contra a corrente de uma história aparentemente sedimentada e única.

Recordar neste início de 2022 é igualmente contrapor-se contra a corrente dos que nos

querem impor, como inevitável e predestinado, este mundo de horrores que o neoliberalismo tenta instalar, onde o respeito aos direitos humanos é considerado por fundamentalistas de todas as ordens como algo repugnante, perverso e pasmamento, onde não podemos e não devemos nos mover porque a ordem já está estabelecida. “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, assim pontifica diariamente o candidato à tirano em seu sadismo mal resolvido no exercício da presidência.

Neste espaço generoso do **Rascunho**, em artigo recente, me recordei de uma reunião nos primórdios do Plano Nacional do Livro e Leitura — PNLL quando o escritor/artista Bartolomeu Campos de Queirós nos recordou que estávamos abandonando as “coisas simples”, esquecendo-as, inclusive da sua eficácia em formar leitores. Nós estamos nos esquecendo da “grandeza das coisas simples”, dos gestos simples que criam grandes resultados no crescimento afetivo e intelectual das crianças e jovens, dizia ele. Aquilo me calou profundamente, porque vinha de um pensador que não raciocinava de maneira simplória, ao contrário, mas que entendia que a complexidade dos grandes problemas que estávamos tratando obscurecia algumas soluções simples e de longo alcance, como a leitura em voz alta, a escolha livre de livros pelas pessoas nas bibliotecas, o ler por ler sem ter à frente um teste de conhecimentos. Ele nos dizia, em síntese, vamos deixar fluir o prazer de ler, de construir fantasias, de viajar nas letras, retomar o simples nas coisas, nunca desconhecendo a complexidade dos problemas e das respostas também necessariamente complexas a eles.

É preciso que esses tempos de massacre contínuo, onde o bombardeamento oficial à criação artística foi adotado como política oficial de destruição da cultura e da educação, não nos impeça de recordar de que outras vias são possíveis. E muito melhores! E, na maioria das vezes, ações simples que podemos construir.

Recordar do alto valor dessas ações e voltar a realizá-las são uma boa maneira de recomeçar, nos tirarão dessa tristeza castradora que soa infinita, pessoal e coletiva, dos últimos infelizes anos em nosso país. A tristeza deve surgir somente em doses necessárias ao equilíbrio da vida, já que somos seres compostos e diversos.

Me lembro de Bartolomeu quando olho o cenário triste que nos impuseram pela captura das coisas simples do cotidiano que nos faziam construir prazeres e alegrias mesmo sob severa restrição econômica e opressão social. E me vem à mente uma canção, de autoria de Armando Tejada Gomez e César Isella, interpretada por Chavela Vargas, Mercedes Sosa e Martirio, esta última com a gravação mais recente e que tive a oportunidade de ouvir em Madri no encerramento do primeiro seminário *Leer Iberoamerica Lee* (leeriberoamericalee.com).

Uno se despide insensiblemente de pequeñas cosas,

Lo mismo que un árbol en tiempos de otoño queda sin sus hojas.

Al fin la tristeza es la muerte lenta de las simples cosas,

Esas cosas simples que quedan doliendo en el corazón.

Os versos de *Canción de las simples cosas* nos revelam que a tristeza é a “morte lenta das coisas simples”. Quais as coisas simples que perdemos e que nos deixaram tristes?

Perdemos como coletividade, como nação, valores simples, daqueles que se esperam entre conhecidos e amigos, entre vizinhos de um mesmo território, algo como a confiança de que podemos falar livremente sem riscos de sermos agredidos. Perdemos a compaixão com os menos favorecidos pela sociedade desigual, a empatia com atingidos pelas enfermidades e pelo desemprego, a solidariedade pelos injustiçados, o respeito aos direitos humanos.

Dados da *World Happiness Report*, pesquisa mundial que envolveu 1,7 milhão de pessoas e 153 países, com dados objetivos da Harvard University e *Nature*, demonstraram em 2020 que o Brasil decresceu do seu nível de felicidade desde 2013, atingindo seu índice mais baixo em 2020 com pontuação 6.11.

Se me expresso na generalização da tristeza que imobiliza a maioria, é preciso também mostrar o “lado cheio do copo”. Muitos não se deixaram abater pela tristeza, mesmo que a sensação geral seja de desânimo. Essas manifestações se impõem cada vez mais nas múltiplas resistências artísticas, culturais e educacionais que são alimentadas por milhares de profissionais e militantes das artes, da cultura e da educação. Distribuem, à revelia de políticas públicas destruidoras ou ausentes, o necessário alimento às nossas simples coisas que tentam nos tirar.

Resistimos nos territórios dos municípios, das cidades e, principalmente, nas comunidades periféricas onde a vida pulsa e o Estado elitista atua somente sob pressão. Conquistas locais obtêm chancela ou parceria com o poder público das municipalidades. Pesquisa da Rede LEQT demonstrou que 153 cidades e 12 estados têm ou estão prestes a obter seus Planos Municipais de Livro e Leitura. Em São Paulo, há um mês, realizou-se a terceira eleição para o Conselho do Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas. As bibliotecas comunitárias e a atuação dos professores conscientes chegam a milhões de cidadãos de todas as idades. O Brasil real age, rebelde e firme, às investidas que buscam castrá-lo.

A resiliência pulsa, recorde-mos, e 2022 é a hora de dar consequência a ela expulsando o que nos entristece e recomeçando a reconstruir o que nos foi tirado da política pública. **📌**

A justiça em julgamento

O caso dos exploradores de cavernas, de Lon L. Fuller, é um clássico dos cursos de Direito e coloca o leitor nos bastidores de um dilema jurídico

CLAYTON DE SOUZA | SÃO PAULO - SP

O que vem a ser Justiça? Seria um valor essencial, dentro do pacto civilizatório, responsável pela manutenção do contrato social, de sua integridade para o viver coletivo? Ou antes não um valor, mas uma entidade de Estado sempre empenhada em tangenciar o ideal do que seja justo, o que é a eterna busca da humanidade de no decorrer de sua existência?

E de que maneira se dá essa busca? Como assegurar uma unidade lógica de juízo que não atente contra seu próprio alicerce, uma vez que seu exercício compete a diferentes homens, cada qual representante de uma forma de ver e administrar a justiça? No contexto desse exercício, deve-se abrir um abismo entre os competentes vigilantes das leis e a massa da sociedade que os revestiu de poder jurídico, responsável inclusive por subvencioná-los, ou o contrário é o que deve ser observado?

O leitor não se aborreça com essa sucessão enorme de questionamentos, nem tampouco com a escassez de respostas a eles: se optar por ler **O caso dos exploradores de cavernas**, de Lon L. Fuller, muito provavelmente entenderá por si mesmo a lista com muitas outras interrogações.

Cinco juízes e uma sentença

Publicada em 1949 com fins predominantemente didáticos na *Revista de Direito da Universidade de Harvard*, pelo professor de Filosofia do Direito Lon Luvouis Fuller, a obra transcendeu esse escopo e se tornou atemporal. Por baixo da superfície verdadeiramente simples há uma elaboração formal refinada e rica em ideias; o leitor se depara não com um texto hermeticamente técnico, destinado apenas a acadêmicos de direito, mas sim com uma trama ficcional atraente, própria não apenas para suscitar reflexões de natureza filosófica, moral e jurídica, como também magnetizar qualquer leitor, mesmo o leigo.

A obra inicia com uma sucinta, mas completa, exposição dos fatos: cinco exploradores, após se aventurarem a explorar uma caverna, nela ficam presos por conta de um deslizamento que lhes impede a saída. Seus mantimentos são escassos, não bastando pa-

ra os aproximadamente trinta dias necessários para que a equipe de resgate os possa tirar da clausura. Uma equipe médica assevera que a morte por inanição é uma perspectiva bastante provável; tendo ciência disso, através de uma comunicação via rádio, o grupo de exploradores primeiro cogita, depois põe em prática um plano tenebroso que consiste em sacrificar um deles para que possa servir de alimento aos demais, e assim assegurar o bem coletivo.

Em linhas gerais, esse é o resumo dos fatos transmitidos ao leitor pelo presidente do Tribunal da Suprema Corte, a quem os réus apelam para escapar da condenação de morte. A lei do estatuto vigente do fictício condado é intransigente a esse respeito: “Quem quer que tire a vida a outrem intencionalmente será punido com a morte”. Após dar seu parecer, o presidente abre a oportunidade para que seus quatro colegas de corte também o façam, e assim o leitor se vê diante de uma narrativa não convencional, empenhada mimetizar as condições reais de um julgamento em plenário.

Dado esse fato, a narrativa do caso e seus (importantes) pormenores ocupam um espaço reduzido no livro: o que está realmente em jogo são os pareceres de cada juiz. Eis aqui a essência, o escopo da obra.

Apontamentos e perplexidades

Cada um dos cinco posicionamentos reflete uma postura jurídica mais comum do que se possa crer no mundo dos tribunais. São escrutínios que vão do legalismo ao “direito criativo”, do moralismo ao positivismo. Não é intenção desta resenha esquadriñar o perfil de cada juiz, e enveredar excessivamente numa análise técnica mais propensa a afastar o leitor comum que a convidá-lo a descobrir por si a obra; tal intenção seria mesmo contraproducente ao espírito dela. O caminho mais fecundo é pincelar certos apontamentos e perplexidades dos juízes, o que aproxima nossa humanidade à dessas figuras, comumente caracterizadas por sua distância fria e rígida do cidadão comum.

A posição do presidente é a de condenação dos acusados, com um olho no Poder Executivo (este pode monocraticamente conceder perdão aos réus); a expectativa seria manter, segundo esse juiz, o



O caso dos exploradores de cavernas

LON L. FULLER
Trad.: Artur Padovan
Nova Fronteira
128 págs.



O AUTOR

LON LUVOIS FULLER

Nasceu no Texas (Estados Unidos), em 1902. Durante anos, atuou como professor da Universidade de Harvard, onde desenvolveu importantes teorias sobre a relação entre o Direito e a moral. Ganhou grande notoriedade após a publicação de **O caso dos exploradores de cavernas**. Morreu, aos 75 anos, na Alemanha.

TRECHO

O caso dos exploradores de caverna

Acredito que todos os oficiais do governo, incluindo os juízes, trabalharão melhor se tratarem as formas e os conceitos abstratos como instrumentos. Devemos assumir como nosso modelo, em minha opinião, o bom administrador, que acomoda os procedimentos e princípios ao caso em questão, selecionando entre as formas disponíveis aquelas que melhor se ajustam a consecução do resultado apropriado.

verniz da legalidade, poupando a corte. A esta postura se insurge o juiz Handy, que em seu voto declara a simplicidade do caso, com uma postura não menos polêmica: propõe que a corte, no veredito, volte-se à opinião pública; desta forma, a absolvição seria assegurada: cerca de 90% da população local perdoaria os réus. Antecede-o os juízes Tattling (que se abstém do voto) e os juízes Forster e Keen, antagonistas entre si, aquele em absolver os réus, este em condená-los, balizado na fidelidade à letra da lei.

Leitura participativa

A leitura mais proveitosa que se pode fazer do livro não é a busca ávida pela decisão que prevalecerá, nem pelo destino dos exploradores. O essencial está em participar da perplexidade dos juízes e seguir sua linha de raciocínio, observando como instrumentalizam um valor tão complexo e abstrato como é a Justiça. Também especular a que rumo seus vereditos levariam a sociedade, se endossados.

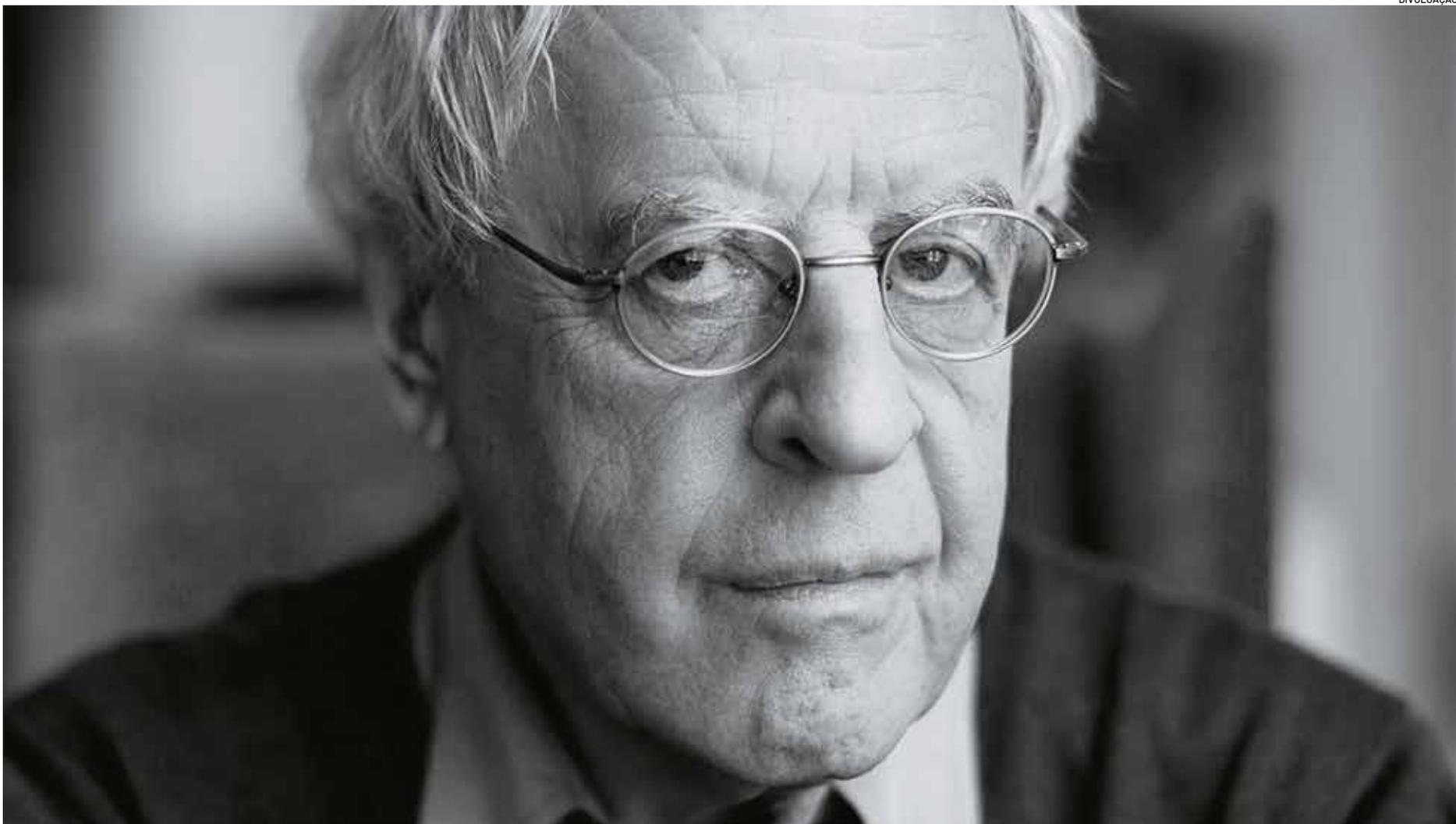
Sem dúvidas, o voto do juiz Forster é dos mais interessantes. Ele se apoia em dois argumentos: 1) o da clausura como um retorno ao “estado natural” do homem, onde vigora o “direito natural” em detrimento do “positivo”; 2) o da linha moral limítrofe, limitadora como a da jurisdição (nesse caso, geográfica), onde a letra de lei e sua intencionalidade “dissuasória” não podem vigorar.

Como se vê, é um voto que tangencia o viés naturalista, uma vez que entende que o homem pode tomar uma atitude bárbara, animal, quando apartado do estado civilizatório. Contudo, suas implicações podem resultar perigosas quando se entende que em situações extremas, em que o Estado não garante os direitos essenciais, o homem pode rescindir o contrato social.

Não é mais bem realizado, embora igualmente convincente, o voto em sentido oposto do juiz Keen. Sua postura pode ser entendida como positivista, no sentido de crer na concisão da forma jurídica e no espírito das leis. Em suma, ao juiz cabe tão somente aplicar o que foi legislado. Porém, numa sociedade em constante mudança, como esperar que as leis tenham inerentemente uma adaptabilidade atemporal, uma lógica interna que lhe preserve a eficácia? E quando a aplicação literal da lei, longe dos limites da razoabilidade, perpetra um absurdo: a condenação à morte de quatro homens cujo resgate custou a vida de outros dez?

O que vem a ser justo em tal caso? As leis podem alcançar tal valor? A tecnicidade excessiva pode acabar por esvaziar o que há de humano nelas? E como manter sua integridade em meio à constante tensão entre os poderes que constituem o Estado (questão tão premente no Brasil atual)?

É a capacidade de levantar tantas perguntas sem prescrever uma solução que torna **O caso dos exploradores de cavernas** uma leitura cativante e tão fecunda. Obra tão complexa e, ao mesmo tempo, simples e acessível ao leitor comum. **●**



Num país que lê pouca poesia, nacional ou estrangeira, deve ser motivo de celebração sempre que um poeta de fora aparece por aqui traduzido em livro. E agora, no caso de Charles Simic, a alegria é dupla, pois dois volumes com seleções de poemas do sérvio-americano estão sendo publicados, ao mesmo tempo, no Brasil. E, diga-se, desde já, Simic é um grande poeta. Portanto, viva!

Por outro lado, e aqui abro um parêntesis, é impossível não pensar na coincidência. Com tantos nomes por traduzir no Brasil, por que será, que, de repente, um único poeta aparece, com dois livros ao mesmo tempo? O que faz com o mercado editorial brasileiro eleja, de tempos em tempos, algum autor estrangeiro (não só poeta) como favorito?

Numa lista sem muito método, puxada na memória, me lembro das fases Charles Bukowski, Gary Snyder, Sylvia Plath, Sam Sheppard, Allen Ginsberg e os Beats todos... Isso não é ruim em si, muito pelo contrário, pois todos eles são importantes e merecem ser traduzidos; o que incomoda são as ausências. Por exemplo, não fossem por umas poucas e esparsas traduções espalhadas por aí (inclusive minhas, aqui no *Rascunho*), Louise Glück teria sido uma completa virgem, em português, quando o Nobel para ela foi anunciado no ano passado. E alguns dos mais importantes poetas norte-americanos dos últimos tempos continuam a aguardar alguma edição em nossas terras, casos, salvo engano, de Donald Hall, Frank Franz Wright e W. S. Merwin (se houver curiosidade, faça uma busca no site, pois todos eles já bateram ponto nestas páginas). Fecho o parêntesis.

Caso curioso

Charles Simic é um caso curioso. Nascido em 1938 na Sérvia, então parte do reino da Iugoslávia, Dusân (seu nome de batismo) acabou por se tornar um dos mais importantes poetas dos Estados Unidos, país onde desembarcou, como refugiado, aos 16 anos de idade. Isso poderia ser apenas uma curiosidade biográfica, mas não é.

Por um lado, seu país natal era um lugar relativamente periférico na cena cultural e política europeia. Mas, por outro lado, quando se trata de protagonismo em guerras ao longo do sécu-

Um verdadeiro outsider

Duas antologias — com traduções diferentes — reúnem o trabalho do poeta sérvio-americano **Charles Simic**, que nasceu e cresceu entre guerras e destruições

ANDRÉ CARAMURU AUBERT | SÃO PAULO - SP

lo 20, a Iugoslávia e a Sérvia se destacam. Por séculos, foi a fronteira, raramente pacífica, entre a Europa cristã e o império turco. Foi lá, em 1914, que o herdeiro do trono austríaco foi assassinado, acendendo o pavio que detonaria a Primeira Guerra Mundial; foi lá um dos lugares em que os nazistas invasores, na guerra seguinte (quando Simic era criança), mais sofreram nas mãos de uma guerrilha corajosa e eficiente; e foi lá, finalmente, que, na década de 1990, uma guerra civil de proporções inacreditáveis (pelo menos para os padrões europeus pós-Segunda Guerra) entre

bósnios, sérvios e croatas, viria a causar o sofrimento e a morte de milhares de pessoas, a maior parte, civis. A história do país natal de Simic não é, enfim, uma história idílica ou banal.

Depois de alguma perambulação pela Europa devastada do pós-guerra, o adolescente Charles Simic chegou aos Estados Unidos, com sua família, em 1954. Poucos anos mais tarde, ele começaria a construir seu nome como um dos grandes poetas norte-americanos, mais um daqueles raros exemplos de autores importantes que escreveram suas obras (ou grande parte delas) em

línguas não nativas, como Joseph Conrad, Vladimir Nabokov, Arthur Koestler e Joseph Brodsky.

Um outro dado curioso a respeito de Simic é que a poesia norte-americana no século 20 foi pródiga em “escolas”, nem sempre estanques, é verdade, mas que, de um jeito ou de outro, definiam seus membros: San Francisco Renaissance, New York School, Harlem Renaissance, Beats, Objetivistas, Confessionais, Black Mountain... e Simic jamais se identificou (ou foi classificado) como parte de qualquer uma delas. Ou seja, Simic é, por natureza, um verdadeiro *outsider*.

O que não quer dizer que não se possa ver nele as marcas claras do modernismo norte-americano de William Carlos Williams, Ezra Pound e, principalmente, Wallace Stevens, e tampouco que ele não tenha sido plenamente adotado pelo *establishment* cultural dos Estados Unidos. Ter sido três vezes finalista do Prêmio Pulitzer (venceu uma vez, em 1990) e Poeta Laureado do Congresso (2007) é prova mais do que cabal.

Tudo isso para dizer, em resumo, que a poesia de Simic é de alguém que nasceu e cresceu entre guerras e destruições, que se expressa na língua que aprendeu depois de adulto, e que sempre carregou um sentimento de deslocamento, de perplexidade e de transitoriedade.

Além do interesse pela poesia de Simic, sinto uma empatia pessoal por sua trajetória de vida, pois sou filho de um pai que, tendo também enfrentado as vicissitudes da guerra na Europa, passando a infância entre Paris, Londres e Genebra, e, muito depois, terminou seus dias no Brasil (um país que aprendeu a amar, mas para o qual jamais teria emigrado por vontade própria e cuja língua, diferentemente de Simic com o inglês, nunca pôde chamar de sua).

Desafios da tradução

O fato é que temos agora uma dose dupla de Charles Simic em português. O volume da 7Letras, um pouco mais parrudo, traz 48 poemas (traduzidos por Maria Lúcia Milléo Martins, três ensaios de Simic (traduzidos por Maysa Cristina da Silva Dourado) e um belo prefácio de Maria Clara Paro, no qual descobrimos que as tradutoras são estudosas de Simic há um bom tempo, e que inclusive contaram com a ajuda do poeta na seleção dos poemas. O livro da Todavia, por seu lado, nos apresenta 34 poemas e conta com um posfácio igualmente esclarecedor do tradutor e organizador Ricardo Rizzo.

Em obras desse gênero, o primeiro desafio está na seleção dos poemas. Não importa se 48 ou 34, o número será inevitavelmente muito pequeno se comparado a tudo que, ao longo de décadas, o autor já publicou (em cerca de 40 coletâneas). Eu mesmo enfrento esse dilema todos os meses, ao selecionar os poemas que traduzo para o *Rascunho*.

O ponto de partida sempre é, claro, procurar dar uma mostra daquilo que for mais representativo na obra do poeta, e para isso as antologias e os volumes de “poemas escolhidos”, que o próprio Simic já publicou algumas vezes (1978, 1985, 1997, 1999, 2004 e 2013), costumam dar umas boas dicas. Mas, no fim das contas, as seleções serão absolutamente subjetivas e pessoais. Do total de poemas escolhidos nos dois livros aqui analisados, apenas três se repetem nos dois volumes (talvez não por acaso,

os três aparecem no volume *New and selected poems, 1962-2012*).

E então vem a questão da tradução, e transpor poemas para outra língua não é apenas difícil; é, se formos realmente rigorosos, uma tarefa impossível, parte de um debate que já deu, e continua a dar, muito pano pra manga. Isso porque, no poema, a forma, o ritmo, a respiração, a musicalidade, a sintaxe e a semântica, a identidade nacional do poeta, as sutilezas da língua, a história, etc., estão absolutamente imbricadas no resultado final — se o tradutor enfatiza alguns dos aspectos, muitas vezes precisará desprezar outros.

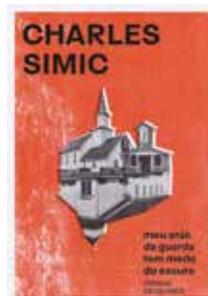
De certa forma, traduzir poemas é como traduzir um concerto para piano de Mozart para a banda de pífanos de Caruaru. Você poderá reconhecer o original na obra traduzida, cujo resultado poderá ser belíssimo, mas você jamais dirá que são a mesma coisa. Digo isso como alguém que já traduziu quase 100 poetas para este *Rascunho*, mas que, independentemente de críticas ou elogios recebidos, termina invariavelmente frustrado com o resultado.

Entre as muitas maneiras de se olhar para a tradução de poemas, gosto de seguir a linha de Eliot Weinberger, que divide os tradutores entre acadêmicos e poetas. Os primeiros são os que, dentro das universidades, estudam (e ensinam) poesia e técnicas de tradução. Fazem seu ofício com rigor, e procuram ser bastante fieis ao conteúdo. Os últimos, como são, eles próprios, poetas, costumam usar muito mais o coração e a intuição, traduzindo como se de certa forma estivessem escrevendo seus próprios poemas, permitindo-se tomar liberdades — mesmo sem mergulhar em radicalismos como a “transcrição” dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos — às quais os acadêmicos normalmente não se arriscam.

Essa classificação obviamente não deve ser tomada ao pé da letra, pois a vida real não é dicotômica, e com frequência o mesmo tradutor, conforme o caso concreto que tenha diante de si, oscilará para um lado ou outro. Ainda assim, o recorte de Weinberger me parece útil quando olho para esses dois volumes de Simic em português, dos quais as traduções de Ricardo Rizzo se parecem mais com as de um poeta, e as de Maria Lúcia Miello Martins, com as de uma acadêmica. Como escrevi acima, há três poemas que se repetem nos dois livros.

Abordagens diferentes

A comparação entre essas traduções ajuda a iluminar minha argumentação. Vejamos o poema *Country fair*. Já no título, as diferenças aparecem: Maria Lúcia o traduz, mais precisamente, como *Feira do campo*, enquanto Rizzo simplifica para apenas *Feira*. O mais interessante vem a seguir.



Meu anjo da guarda tem medo do escuro

CHARLES SIMIC
Trad.: Ricardo Rizzo
Todavia
112 págs.



Mestre dos disfarces

CHARLES SIMIC
Trad.: Maria Lúcia Milléo Martins e Maysa Cristina da Silva Dourado
7Letras
181 págs.

A poesia de Charles Simic é de alguém que nasceu e cresceu entre guerras e destruições, que se expressa na língua que aprendeu depois de adulto, e que sempre carregou um sentimento de deslocamento, de perplexidade e de transitoriedade.

Num trecho do original, temos:

*One got used to them quickly
And thought of other things.*

Maria Lúcia transpõe com rigor o conteúdo:

*A gente se acostumava com elas rapidamente
E pensava em outras coisas.*

Ao passo que Rizzo prefere tomar suas liberdades de poeta, mudando até mesmo o tempo verbal, mas sendo, por outro lado, mais fiel à concisão e ao estilo corriqueiro do autor:

*Logo a gente se acostuma a elas
E pensa em outras coisas.*

Um outro exemplo pode ser visto nos versos finais de *Snowy morning blues* — *Blues da manhã nevada*, para Rizzo, e *Blues da manhã de neve*, para Maria Lúcia:

*Before whatever words are there
Grow obscure in the coming darkness.*

Na tradução de Maria Lúcia, temos:

*Antes de quaisquer palavras restantes
Ficarem obscuras na escuridão que se aproxima.*

Ao passo que Rizzo traduz assim:

*Antes que quaisquer palavras ali
Mergulhem na escuridão que chega.*

Mais uma vez, ficam claras as diferenças de abordagem. Mas, resalto, nenhuma das versões é mais correta do que a outra. Ambas tentam, da melhor maneira que conseguem, transportar o original em inglês para o português. Enquanto as tentativas de Maria Lúcia são mais “corretas”, as de Rizzo são mais “poéticas”. Eu, como um “poeta não acadêmico”, tenho cá minhas preferências. Mas aqui não existe certo ou errado, e a palavra final deve ser do leitor: qual das duas abordagens você prefere?

No fim das contas, o que importa é que, com qualquer um desses dois livros, o leitor brasileiro terá uma preciosa introdução à obra do poeta sérvio-americano. O volume da 7Letras tem a vantagem de, com quase 60 páginas a mais, trazer, além de um número maior de poemas, três ensaios do próprio Simic, ajudando a iluminar a leitura de seus poemas.

Por outro lado, o livro da Todavia, ainda que mais enxuto, tem traduções mais líricas, além de um excelente posfácio do tradutor. E, como eu disse, apenas três poemas se repetem nos dois livros. Se tiver que escolher entre um ou outro, leitor, fique com os dois. **📖**

O AUTOR

CHARLES SIMIC

Nasceu em Belgrado, na Sérvia, em 1935. Poeta e professor, leciona na Universidade de New Hampshire desde 1973. Publicou cerca de 40 coletâneas de poemas e ganhou alguns importantes prêmios, como o Pulitzer (1990). Vive nos Estados Unidos desde a década de 1950.



raimundo carrero

PALAVRA POR PALAVRA

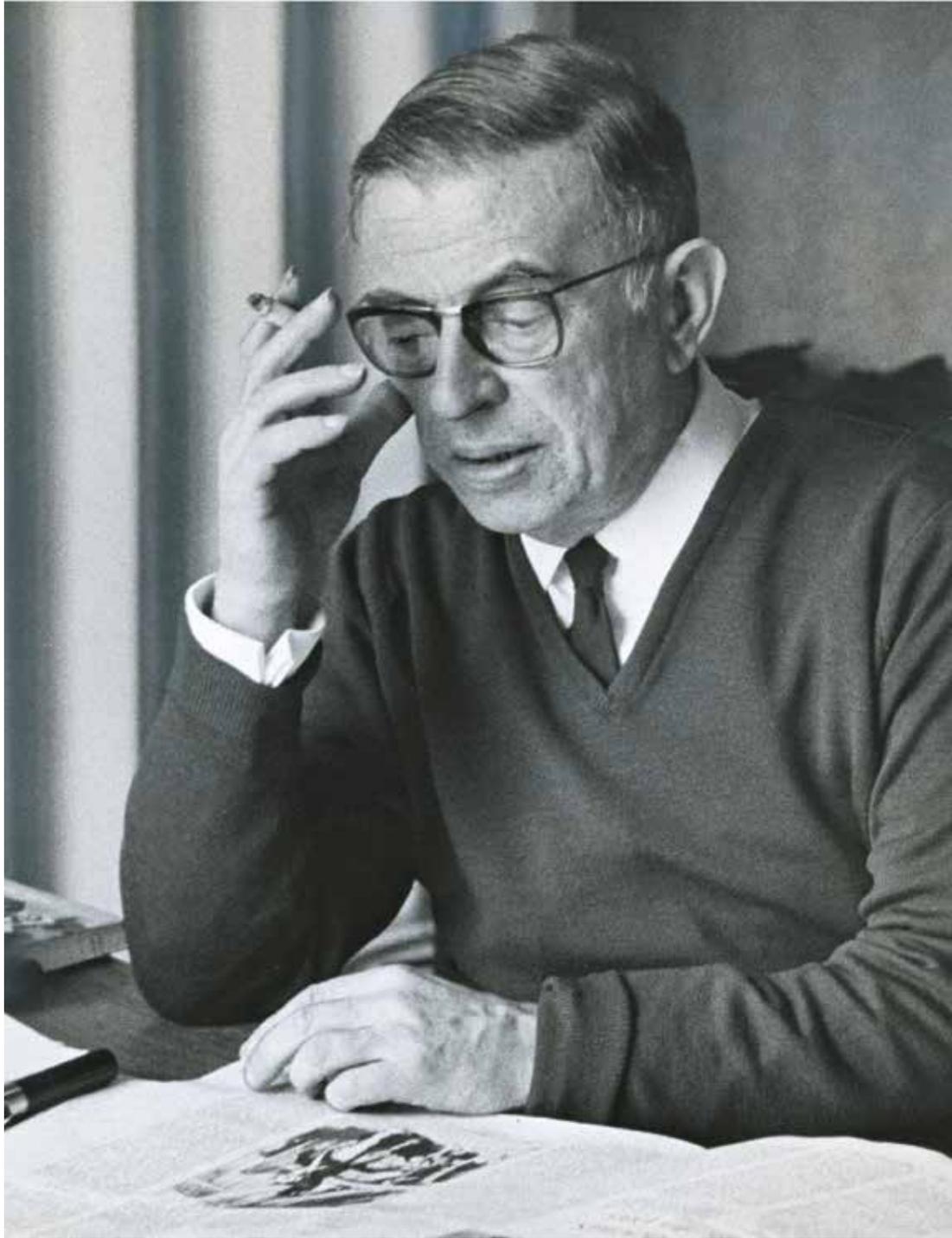
UM TIRO DE SAL: A GUERRA ACABA COM A LITERATURA E COMEÇA NOSSA LUTA VERBAL

Começamos aqui a Luta Verbal. Exagero? Talvez. Mas de repente concordo com Sartre na conclusão do devastador estudo **O que é a literatura?** depois de desqualificar todas as manifestações literárias, em que vê o triunfo de uma burguesia inútil, sem deixar pedra sobre pedra, e afirma: “Certamente nada disso é importante: o mundo pode muito bem passar sem a literatura”. Sem a literatura é possível, mas nunca sem a Luta Verbal contra a fome, contra a miséria, contra tudo...

Li este livro ainda na minha juventude — não sei em que tradução, em que biblioteca pública, festa ou barzinho, aqui me perco na lembrança do tempo inteiramente desconectado, duvido se li mesmo, e quando me preparei para escrever uma obra forte, original, inquietante... Ouvi muito não de professores para este caminho de rigor literário... mas me perdi na curva e mudei muitos passos.

Lembro-me de que naquele tempo, estudantes e escritores iniciantes ou menos do que isso costumavam se encontrar no Teatro Popular do Nordeste — templo da esquerda pernambucana, um enorme casarão tradicional, com direito a restaurante e boteco, na avenida Conde da Boa Vista, centro do Recife, onde se discutia política, cultura e livros, conversas regadas a muita, muita cerveja e sexo.

Ali circulavam políticos, escritores, intelectuais, artistas, cantores, muitas vezes topei com o gordinho Gilberto Gil, violão embaixo do braço. Meu grupo discutia o destino do mundo, a sorte da literatura, o fim da ditadura, a felicidade sem autoajuda. De repente o grupo fugia e se encontrava no bar Ouro Branco, bem próximo, onde a orgia encantava a noite do Recife. Numa mesa do canto do bar, conversávamos, discutíamos, debatíamos. Em companhia de Gilka, perdia o controle sexual, futuca aqui, futuca ali, beliscões por baixo da mesa e até ousadas de masturbação, vou ali no banheiro volto já... para divertimento dos garçons, surpreendidos com a bandalha. Henry Miller sobre a mesa acenando com **Sexus, Nexus, Plexus**. Para desgosto de Ariano Suassuna, preocupado com a cultura popular, e de Hermilo Borba Filho, ideólogo do romance nordestino com base em Sartre e Miller, desmontando o



DIVULGAÇÃO

Jean-Paul Sartre, autor de **O que é a literatura?**

conservadorismo da região política e sexo. Aliás, os donos do TPN.

O meu amigo Sérgio Moacir de Albuquerque levava sempre as páginas mimeografadas de um romance — **Irene** — que estava escrevendo há muito tempo, publicado tempos depois com alarido pela Civilização Brasileira, com direito a anúncios em jornais, chamando-o de revolução literária. Incluía também, naquilo que nem era um jornaleco, capítulos de livros famosos, inalcançáveis para nosso ralo dinheiro e, parece, dentre estes papéis amarrotados e até rasgados, um trecho ou outro de **O que é a literatura?**

Sérgio era filho de um professor de francês, mestre nas artes de literatura avançada. Iniciamos uma séria discussão sobre aquilo,

estavam ali ainda os poetas Tarcísio Meira César e Cyl Gallindo, e o sociólogo Silvio Soares, além de Gilka, minha namorada e estudante de Direito, com incrível sede de sexo. Cyl e eu tentávamos salvar a literatura da morte. Não havia remédio. Tarcísio e Sérgio Moacir eram fulminantes. Depois de uma dúzia de cervejas, cachaca, baurus, coxinhas e muitos gritos, resolvemos bater em retirada, já embriagados.

A madrugada começava aos gritos de “Abaixo a Burguesia!” ou “Abaixo a Ditadura!”. Estávamos em 1968. Saí de braços dados com Gilka, em busca de um lugar onde pudéssemos fazer sexo. Coisa estranha naquela época, porque as mulheres não costumavam perder a virgindade antes do casamento.

Nunca pude esquecer este debate porque levei um tiro de sal na coxa direita e a guerra acabou. Ainda hoje não sei se era guerra sexual ou a guerra literária.

Como não havia motel, ou se havia a gente não descobrira ainda, Gilka, incontrolada, me encostou no tapume de um prédio em construção e iniciou um monumental esfrega-esfrega, a mão deslizando calça adentro. Daí a pouco ela arriou minha cueca. O vigilante não gostou e acertou minha coxa com um tiro de sal. Atingido e medroso comecei a gritar. Tentava correr, mas a cueca ainda suspensa na bunda dificultava os movimentos... Estou morrendo, Gilka, estou morrendo. Ela dizia: “Fique calmo, fique calmo, a gente chega já, já, na esquina... Você não sabe o que é sofrer...” Gilka... Ô mulher sem coração... Ô mulher sem coração... Paramos na esquina e, à luz do poste, verificamos que o sal nem rasgara a pele... Talvez por isso Sartre foi esquecido. Lições de guerra com um único tiro de sal. Eu sou a primeira vítima da revolução depois deste tiroteio... Tiroteio? Que tiroteio? Deixe de besteira... Nem tiroteio nem briga de amor, que guerrilheiro de merda você seria, hein? Não aguenta nem um tiro de sal... É porque não foi com você... Mas me diga uma coisa: como é mesmo a frase de Sartre?... “O mundo pode muito bem passar sem a literatura.” Repita, por favor: “O mundo pode muito bem passar sem a literatura”. “Estou duplamente desmoralizado: por um tiro de sal e por uma frase... que merda!...”

Por isso, sugerimos que esta literatura morra, mas surge um valor forte e decisivo, A LUTA VERBAL contra a fome, a miséria e as agressões sociais, o que não é novo, é claro, porque se realiza desde que grandes autores nacionais, Jorge Amado e Graciliano Ramos, sobretudo, decidiram denunciar a podridão social combatendo o luxo de poentes luxuriantes e destruindo toda forma da inútil beleza aristotélica ou, como se diz comumente nas esquinas, a beleza grega. Agora “cessa tudo que a antiga musa canta, e um valor mais alto se levanta”, lembra Camões.

Afinal, por que escrevo tudo isso, sufocado por todas estas lembranças? Carregando nos ombros o sexo com Gilka, os debates com o grupo, sob o peso de Sartre e Henry Miller? A revolução erótico-político que se pretendia fazer? Ou que se pretende ainda, quem sabe? **A luta verbal** — que chega às livrarias, provavelmente, depois do carnaval — combate toda forma de injustiça com as armas da escrita, da palavra firme e decidida, sem deixar espaço para romantismos e palavras açucaradas.

Não temos mais susto, está tudo esclarecido. Num mundo com fome, a miséria à mesa, proclamamos ainda a grandeza da obra contemporânea de Marcelino Freire, capaz de restituir a única forma social que realmente vale a pena... Vamos que vamos, minha gente, temos pressa... **!**

O vazio da geração millennial

No romance **Belo mundo, onde você está**, a irlandesa Sally Rooney tenta captar o tédio e a falta de sentido que massacram os jovens adultos

OTÁVIO DE MOURA BRANDÃO | RIO DE JANEIRO - RJ



DIVULGAÇÃO

O romance mais recente da irlandesa Sally Rooney, **Belo mundo, onde você está**, não é agradável de se ler. Na verdade, até mais ou menos a metade da trama, é tedioso. Nada parece acontecer com as duas protagonistas, Alice e Eileen. Suas vidas giram num círculo vicioso de satisfação — sexual, geralmente — e insatisfação, seja com o trabalho, com os amigos, com o relacionamento ou mesmo com o mundo em geral. A sensação de vazio permeia cada capítulo e as intercalações entre as personagens não mudam muito o sentimento, já que a despeito de viverem em cidades diferentes, terem empregos diferentes e amores diferentes, elas são igualmente tristes. De certa maneira, suas vidas emulam bem o público ao qual o livro é destinado: uma classe média global, com ensino superior — em alguns casos com pós-graduação —, em torno dos 30 anos, incapaz de lidar com a vida adulta.

O livro é estruturado em capítulos alternados entre suas protagonistas, com um relato de e-mail entre eles. Primeiro vemos Alice em um encontro no Tinder com Félix e depois temos ela relatando algo para Eileen. Então é a vez de Eileen aparecer de madrugada na casa de Simon, amigo de infância e eterno caso amoroso, e termos suas digressões por e-mail. É nessa troca de relatos que as protagonistas elaboram seus sentimentos, sejam de raiva, solidão, alegria, inveja ou mesmo elucubrações espartas sobre aquecimento global,

fascismos, desigualdade social e relacionamentos amorosos. Não dá para dizer que a ferramenta funciona bem, até porque é inverossímil o uso do e-mail enquanto parte de uma narrativa epistolar em 2021 tendo as protagonistas acesso a todo e qualquer tipo de rede social em seus celulares, mas é a forma encontrada por Rooney para dar às suas personagens uma forma de refletir e extravasar.

Num desses e-mails, lá para o meio da história, Alice escreve:

As pessoas da nossa idade se casavam e tinham filhos e casos, e agora todo mundo continua solteiro aos trinta e vive com colegas que nunca encontram. O casamento tradicional obviamente não cumpria o objetivo, e quase infalivelmente terminava em um tipo ou outro de fracasso, mas pelo menos era um esforço em prol de alguma coisa, e não uma mera exclusão triste e estéril das possibilidades da vida.

No e-mail em resposta, Eileen diz:

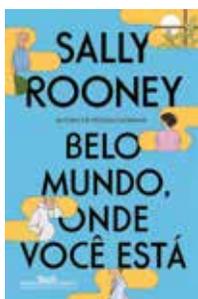
Quando tento imaginar o que seria para mim uma vida feliz, percebo que a imagem não mudou muito desde que eu era menina — uma casa rodeada de flores e árvores, um rio próximo, uma sala cheia de livros e alguém para me amar, só isso. (...) Jamais me mudar, jamais embarcar em um avião de novo, só viver sossegada e depois ser enterrada na terra. De que mais serve a vida?

De nada, ao que parece.

A AUTORA

SALLY ROONEY

Nasceu na Irlanda, em 1991. Já foi descrita como um tipo de “Salinger para a geração Snapchat”. Publicou os romances **Conversas entre amigos** (2017), **Pessoas normais** (2019), adaptado para um série da Hulu, e **Belo mundo, onde você está** (2021).



Belo mundo, onde você está

SALLY ROONEY
Trad.: Débora Landsberg
Companhia das Letras
357 págs.

O que resta?

O título do livro ratifica a percepção da personagem ao perguntar onde está o belo mundo, porque ele de fato não existe em momento algum. É interessante notar como Rooney capricha nas descrições detalhadas: ao invés do celular apitar de manhã, “às seis e quarenta e cinco da manhã, o despertador (...) tocou, um bipe repetitivo e monótono”. O tempo de espera na fila do trabalho se transforma em “oito minutos na fila de segurança [que fazem Félix sair às] sete e treze da noite”. Se em outras obras essa hiperdescrição tenta encontrar o lirismo nos atos do dia a dia, aqui é o resultado é diferente: o cotidiano não é bonito, não é feio, não é nada na verdade. Ele só é.

Isso acontece por toda a trama, independente de personagem. Eileen vai em rodas de poesia, discute o Brexit no aniversário de um amigo, mexe nas suas redes sociais — que ora tem nome, ora são genéricas —, mas esses afazeres são apenas pedágios da vida adulta. O que é importante, o que realmente importa, acontece entre quatro paredes quando ela está com Simon. O mesmo vale para Alice com Félix, já que a sua carreira de romancista de sucesso se torna um mero detalhe frente às possibilidades com um rapaz do interior que não sabe quem ela é e pouco se importa com sua trajetória profissional e pessoal, mas que surge madrugada adentro querendo transar.

Em dado momento, já para os finalmente da história, quando os quatro personagens estão juntos há um tempo, Simon desabafa para Félix que embora ele trabalhe com causas sociais, se envolva com política, queira de fato um mundo melhor, ele passa boa parte da vida devotado a isto, ou seja, à Alice e Eileen, às mulheres, ao amor. É uma afirmação que corrobora talvez o grande tema do romance: o vazio que o fim das instituições tradicionais trouxe aos recém-adultos. Na falta do trabalho, da religião organizada, da família, a única coisa que restou a toda uma geração é tão somente o amor romântico. E essa geração, que vive entre a ansiedade e a depressão, entre o medo e o desejo, não sabe o que fazer sobre isso.

Escolhas

O clímax da história acontece bem ao fim, num dos últimos capítulos. É quando Alice e Eileen discutem de forma mais áspera, uma atacando a outra onde dói. Com o impasse, as duas se retiram, cada qual ficando com seu respectivo par amoroso. Simon e Félix, os coadjuvantes aqui, importam menos para a história por serem personagens complexos e mais pelo que representam de oportunidade de vida. Simon é um homem alto, bonito, engajado, de esquerda e católico. Félix é um trabalhador braçal do interior, órfão, pouco afeito a questões sociais e culturais, propício a vícios em drogas

lícitas e ilícitas e bissexual. Um representa o antigo, o outro representa o novo. Um é o resgate ao passado convencional do matrimônio, o outro é fluidez líquida e niilista do futuro.

Essas representações são escancaradas nas cenas finais. Simon acolhe Eileen, desaguando todo o seu amor entre um abraço e um enxugar de lágrimas. Não é o que faz Félix. Ele faz perguntas indiscretas à Alice, deixa claro até onde vai sua compreensão e apoio e quando ela ameaça um suicídio, ele retruca “eu já senti isso e não fiz nada e você também não vai fazer”. Ao fim, as duas se esbarram nas escadas da casa onde estão e se abraçam. Não há mais diferença entre elas e talvez seja esse o ponto: para todos os efeitos, Alice e Eileen são o mesmo personagem. O que as difere é a forma como encontram para se situar num mundo onde não há norte a ser seguido, felicidade a ser encontrada, sentido a ser vivido.

Eileen escolhe o convencional. Em seu último e-mail, sabemos que ela e Simon estão num relacionamento estável — ainda que sem casamento à vista —, com uma criança a caminho. A maternidade é para onde ela decide rumar. Alice também engata uma relação mais estável com Félix, a quem agora chama de companheiro, o termo pós-moderno para uma relação amorosa, única concessão possível para o amor desinstitucionalizado. Ela mantém sua escrita e suas viagens como o caminho a ser trilhado. Não há nenhum senso de amor genuíno em ambos os casos, diferente do que acontece em **Pessoas normais**, o grande romance de Rooney até aqui.

O que parece haver é a necessidade de algo para chamar de seu, o que quer que seja. Do tédio inicial que o livro trouxe, o que Rooney consegue ao fim é descrever com precisão a vida atual do *millennial*. Do adulto que ainda se sente jovem, que ainda se trata e também trata os outros por substantivos infantis como menina e menino, de toda uma geração que chegou à vida adulta achando que ela seria muito diferente do que na verdade é. O belo mundo não está em lugar algum e entender isso parece ser a grande questão. **U**

“Se você for filosófico, como a maioria dos animais”, diz Elizabeth Costello a seu filho John em *A velha e os gatos*, uma das narrativas breves de **Contos morais**, de J. M. Coetzee, “você dá de ombros e diz a si próprio que o mundo é assim mesmo e continua com a sua vida.” Pensando assim, fica a impressão de que os bichos são movidos por uma força de vida tão insistente que possivelmente os faz mais aptos a viver do que nós, ora seus cuidadores, ora seus predadores.

Seria possível contrapor que nessa atitude de “dar de ombros” reside certo conformismo com as limitações, incompatível com a extensa lista de feitos humanos, desde a submissão de parte do poder da natureza até a capacidade de prolongar a duração de uma vida sempre mais um pouco. A questão incontornável que deve ser colocada com mais ênfase a cada nova geração, no entanto, concerne aos efeitos colaterais desse conformismo, que também poderia ser chamado de ganância. Se os animais costumam cuidar dos lugares onde vivem, hoje parecemos vítimas da incrível criatividade humana para criar soluções que ao mesmo tempo envenenam a terra. Ficamos como se refêns do ideal de progresso criado por nossa própria espécie, “de muito engenho e pouco sisó”, como escreveu Primo Levi no poema *Almanaque*.

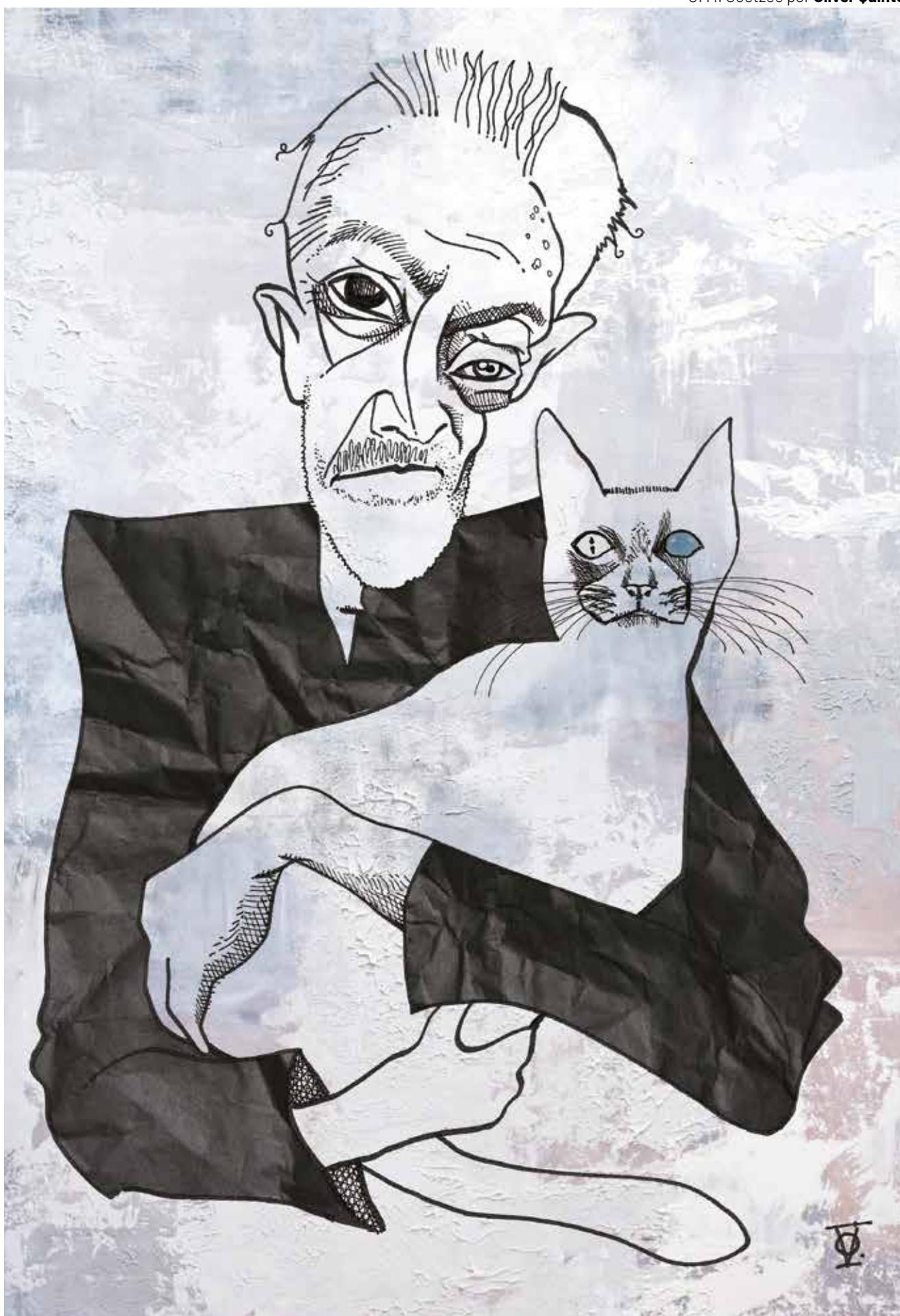
Estrutura e início

Contos morais é formado por sete narrativas breves, sendo que cinco delas são protagonizadas por Elizabeth Costello, a personagem escritora de Coetzee que já tinha dado as caras em *A vida dos animais* (1999) e *Elizabeth Costello* (2003). Nesses dois livros, a renomada ficcionista é construída por meio da exposição de suas ideias em conferências e debates e, periféricamente, a partir de suas relações familiares.

Já **Contos morais**, se lido de forma autônoma, poderia ser dividido entre as narrativas em que os personagens não têm nomes e histórias de vidas definidos, apresentados em função dos econômicos eventos que constituem os enredos, e as histórias que tematizam a relação de uma mulher idosa com os seus filhos. Em comum, há a voz contida e precisa de um narrador em terceira pessoa.

No primeiro conto, *O cachorro*, uma personagem passa diariamente a caminho do trabalho em frente a uma casa onde mora um cão que late furiosamente toda vez que a vê. A mulher se sente humilhada, porque o latido dá-lhe um medo incontornável, fazendo-a acreditar convictamente que o cão late com a finalidade de assustá-la. Ela retira do animal o atributo de viver a própria vida a despeito das circunstâncias favoráveis ou ingratas e substancializa o seu latido até o ponto em que adquire um sentido: “Pode não saber nada de raças de cachorros, mas tem uma boa ideia da satisfação do cachorro nesses encontros com ela. É a satisfação de dominá-la, a satisfação de ser temido”.

No segundo conto, o narrador assume a perspectiva de uma mulher do tipo mãe de família que se sente feliz por semanalmente en-



As agruras de uma VELHA conhecida

Contos morais, de J. M. Coetzee, retoma a personagem Elizabeth Costello em narrativas sobre relações familiares e a forma como humanos tratam animais

contrar-se com um amante. Não lhe parece que o relacionamento extraconjugal seja uma ofensa ao marido. Ela não sente culpa porque não crê subtrair nada do companheiro, está apenas dispondo do seu “tempo livre”, cessando de “ser uma mulher casada” para ser ela mesma “pelo espaço de uma ou duas horas”, o que oferece-lhe um olhar de admiração inviabilizado pelo ritmo habitual da família. Fora de casa, portanto, ela não busca por nada que concorra com a sua vida conhecida, porque encontra alguma coisa diferente.

A personagem da primeira história se vê perseguida por um cachorro, na segunda uma mulher encara o que poderia ser chamado de traição como um ganho de potência e não como um desvio do compromisso conjugal. O tom pacato e paciente do narrador aderido ao olhar das duas mulheres transita entre a aceção de valores de cada uma e a perspectiva ampliada pela terceira pessoa, fazendo pensar que a noção moral dessas duas histórias é o sentido autorreflexivo que cada uma garante aos eventos narrados. As formas como processam os acontecimentos de suas vidas parecem mais determinantes para a construção de nexos positivos ou negativos do que a ocorrência em si, como se as duas submetessem o exterior ao funcionamento de seus mundos interiores.

A saga de Costello

A partir de *Vaidade*, chegamos às narrativas protagonizadas por Elizabeth Costello. Os contos contêm as datas de suas redações, cuja ordenação não é estritamente linear, mas os fragmentos da história de Costello parecem coincidir com o agravamento do seu envelhecimento.

Na primeira narrativa, aparece uma referência temporal precisa: é o aniversário de 65 anos da escritora, visitada na ocasião pelos dois filhos, pela nora e pelos netos. A mulher está maquiada, o que chama a atenção dos filhos e é assimilado com um desprezo velado. No trajeto de volta no carro, os filhos falam mais livremente sobre a estranheza do aspecto de Costello e a necessidade de intervir na situação para evitar frustrações e sofrimentos daquela que diz querer encontrar um tipo de olhar uma última vez.

Em *Quando uma mulher envelhece*, Costello está com 71 anos e o assunto da intervenção reaparece de modo mais concreto. Sua filha Helen está vivendo na França, seu filho John reside nos Estados Unidos, e cada um deles tenta convencer a mãe a deixar a Austrália para morar mais perto dos filhos, afinal ela é uma mulher idosa que precisa de cuidados.

Em *A velha e os gatos*, o filho tenta mais uma vez intervir nas escolhas da mãe, que agora vive numa aldeia na Espanha tomando conta de uma horda de felinos e de um senhor exibicionista, presenças detestadas pelos outros moradores do lugarejo.

A insistência para que Costello abdique da autonomia e faça

a coisa mais razoável, isto é, transferir-se para uma casa de repouso, onde teria supostamente mais comodidade e assistência, volta em *Mentiras* — pequeno conto epistolar em que John escreve furioso à esposa, narrando a resistência da mãe, agora mais debilitada e abatida, em deixar o vilarejo na Espanha, mesmo com os riscos de viver isolada.

O último conto, *O matadouro de vidro*, é constituído por anotações de Costello sobre os modos dos humanos matarem os animais, enviadas ao filho John porque a escritora diz que tem sentido medo de morrer e daquele trabalho se perder. Sem referências espaciais ou temporais precisas, é a narrativa que mais tem pontos de encontros com **A vida dos animais**, por misturar ao vínculo entre mãe e filho uma discussão a respeito do estatuto que os homens atribuem à vida dos bichos.

No livro de 1999, entre as várias ideias defendidas por Costello nas conferências numa universidade americana, as relações entre homens e animais são organizadas em dois eixos centrais: a razão e a poesia. No primeiro caso, a escritora questiona a distinção entre homem e bicho unicamente pela premissa de que animais são destituídos de razão; no segundo, ela traça uma aproximação entre a alteridade e a compaixão da criação poética e levanta a possibilidade de ver a vida animal por meio da pulsação da vitalidade como semelhança com a humana.

Essa narrativa de ideias é construída de modo muito intrigante, sobretudo por causa do ponto de vista. O olhar predominante é do filho, John, não de Costello; acessamos as ideias da mãe segundo o modo do filho participar dos encontros acadêmicos. Sendo assim, a apresentação da mãe é escandida pelos momentos em que ele devaneia ou conversa com a esposa, uma filósofa particularmente impaciente com as crenças da sogra. A estrutura do livro contrapõe a todo tempo a visão de mundo de Costello com possíveis contestações, tanto as que surgem aparentemente misturadas a ressentimentos pessoais, da parte do filho e da nora, quanto as que aparecem polidamente no debate acadêmico.

A discussão fica, portanto, aberta, irresolvida. Quando dizem a Costello que a escolha pelo vegetarianismo é nobre, ela rebate e diz que usa sapatos de couro; quando lhe perguntam o que quer levantando o debate sobre o direito dos animais, ela hesita, não sabe bem responder, só consegue dizer que existe uma lógica muito perversa na industrialização da morte, num estatuto sem exterior da razão que permite exercer a submissão sem limites — “nós gerentes entendemos a dança maior, portanto podemos decidir quantas trutas podem ser pescadas ou quantos jaguares podem ser enjaulados sem afetar a estabilidade da dança. O único organismo sobre o qual não pretendemos ter esse direito de vida e morte é o homem. Por quê? Porque o homem é diferente. O



Contos morais

J. M. COETZEE

Trad.: José Rúbens Siqueira

Companhia das Letras

137 págs.



O AUTOR

J. M. COETZEE

Nasceu na Cidade do Cabo (África do Sul), em 1940. **A vida escolar de Jesus** (2016), **Desonra** (1999) e **Infância** (1975) são alguns de seus mais de 20 livros publicados. Ganhou o Nobel de Literatura em 2003.

TRECHO

Contos morais

A placa no portão diz Chien méchant e o cachorro é méchant mesmo. Cada vez que ela passa, ele se joga contra o portão, uivando de desejo de alcançá-la e despedaçá-la. É um cachorro grande, um cachorro sério, alguma espécie de pastor-alemão ou rottweiler (ela sabe pouco sobre raças de cachorros). Em seus olhos amarelos ela sente ódio do tipo mais puro brilhando para ela. (do conto O cachorro)

homem entende a dança de um jeito que os outros dançarinos não são capazes de entender. O homem é um ser intelectual”. A escritora afirma que não quer ser exemplo para ninguém, retirando o problema da alçada do individualismo; não se trata de envaidecer-se pelos pequenos gestos, até porque ninguém se salva sozinho de um barco prestes a afundar.

O matadouro de vidro termina com uma anotação de Costello horrorizada depois de assistir a um programa de televisão que retrata uma incubadora industrial de galinhas: os pintinhos são colocados numa esteira, sendo que as fêmeas são transferidas para uma caixa onde viverão suas vidas produtivas e os machos são triturados para virarem uma pasta que servirá ou como fertilizante ou como alimento de gado. Costello, então, afirma:

É para eles que eu escrevo. A vida deles é tão breve, tão facilmente esquecível. Eu sou o único ser no universo que ainda se lembra deles, se deixarmos Deus de lado. Depois que eu for embora, haverá apenas um vazio.

Conexões narrativas

Contos morais e **A vida dos animais** se encontram na íntima relação entre o contato próximo com a finitude por parte de uma mulher que envelhece e a atenção destinada aos bichos. John, aliás, em **A vida dos animais**, aproxima o interesse da mãe pelo tema ao envelhecimento, quase sugerindo tratar-se de um primeiro sinal de senilidade.

É como se Costello fosse uma voz anacrônica, prestes a se extinguir e capaz de estranhar que uma esteira mortífera de pintinhos possa ser naturalizada ou simplesmente ignorada. Menos do que sugerir um projeto alternativo ou de refugiar-se na soberba dos coerentes esclarecidos, a personagem expõe a sua confusão indignada com a capacidade da vida andar adiante impassível, mesmo com o saldo de mortes necessário ao prosseguimento desse curso cruel.

Nos dois livros, Costello é construída por suas ideias e pelas relações familiares, o que provoca a pensar que as formas dos humanos usarem os animais e as tensões entre mãe e filhos estejam vinculadas aos limites de compreensão das vicissitudes de existências alheias. A casa de repouso ofereceria uma vida mais cômoda à mãe, diz o filho. E a recusa da mãe em desejar essa vida mais cômoda o exaspera. *Mentiras*, aliás, é encerrado com o pedido de John à esposa para que um avise o outro quando chegar o momento em que não for mais possível responder pelos próprios atos. Um decreto como esse, contudo, depende de parâmetros claros de bem-estar, o que não costuma ser unívoco, chega a ser paradoxal até: se o filho quer o bem da mãe, por que ele não consegue aceitar a concepção dela de viver bem?

Às incisivas sugestões dos filhos para os rumos de sua existência, Costello responde de um modo tão direto quanto desconcertante:

Para mim a questão é a seguinte: por que eu imporia a minha filha o fardo de cuidar de mim? E acredito que para você a questão seja: será que consegue conviver consigo mesma se não se propuser, ao menos uma vez, com toda a sinceridade, a cuidar de mim e me proteger?

É curioso como as histórias de **Contos morais** misturam à preocupação dos filhos com a impaciência, como se esperassem mais doçura na capitulação de autonomia da mãe. Mais curioso ainda é como as breves narrativas exploram a velhice pelo redimensionamento do equilíbrio de cuidado e dever estabelecido entre genitores e proles, tensionando ainda o abate dos animais com a impossibilidade humana de simbolizar a própria morte.

A preocupação com os destinos dos animais e a escolha por isolar-se e cuidar de existências indesejadas indicam como Costello reage ao envelhecimento: ao invés de ser assistida, ela insiste em zelar por vidas alheias.

Um possível caminho aberto pelos **Contos morais** de Coetzee é o desarranjo do ensimesmamento, deslocando a autorreflexão para fora, e a ampliação do escopo do olhar para conformações de existir que extrapolem a régua da experiência humana. Talvez no ato de dar de ombros, dizer a si mesmo que o mundo é assim e continuar com a própria vida esteja envolvida uma resignação inspiradora, porque indica um tipo de resiliência que coexiste com os limites, diferente da submissão da existência à segura pragmática do sentido ou de um progresso cego que deixa para trás uma viscosa e mórbida trilha de rastros. ●

A AUTORA**MONICA ISAKSTUEN**

Nasceu em 1976, em Fredrikstad, na Noruega. Estreou na literatura em 2008. De lá para cá escreveu romances, livros de poesia e uma peça de teatro. **Raiva** é seu primeiro romance publicado no Brasil.



DIVULGAÇÃO

**Raiva**

MONICA ISAKSTUEN

Trad.: Leonardo Pinto Silva

Rua do Sabão

162 págs.

Fragmentos de um desabafo

Norueguesa Monica Isakstuen demonstra maestria técnica no romance **Raiva**, que aborda os sentimentos de uma mãe de maneira honesta e corajosa

GISELE EBERSPÄCHER | CURITIBA - PR

Em 2014, a chilena Lina Meruane lançou **Contra os filhos**, uma espécie de manifesto raivoso contra a maternidade. É claro que a autora relativiza vários pontos — e de maneira nenhuma se põe contra filhos ou a existência de crianças no mundo de uma maneira geral —, mas seu argumento central é em prol da liberdade de escolha feminina e o respeito a essa escolha. Mais do que isso: ela reage com uma certa raiva contra o discurso dominante sobre a maternidade e sobre a centralidade na figura de filhos em várias construções sociais.

Uma das coisas que mais me marcaram durante a leitura foi justamente perceber o sentimento de raiva que fica evidente nas frases, nos argumentos e no tom um tanto irônico do texto. E um sentimento que se constrói principalmente a partir de um cansaço e um desgaste crescente na relação da autora, mulher sem filhos, com um mundo que vê nos filhos a função da mulher.

O livro que resenho aqui, **Raiva**, se aproxima em partes do texto de Meruane — ao menos em seu sentimento de raiva, já presente no título. A questão é que a narrativa da norueguesa Monica Isakstuen dá voz a uma mãe de três filhos.

Esse não é o tipo de livro que tem um enredo propriamente dito — é um desabafo, sobretudo. É uma sequência de narrativas curtas de episódios na vida de uma mãe, intercalados com os sentimentos e angústias que estão presentes em sua existência diariamente. Eu diria que o livro funciona como a descrição de um cenário emocional. É um daqueles textos bem redondinhos, em que é difícil separar a narradora da personagem e assim por diante. Mas vamos lá.

Coragem e sinceridade

O livro começa com um episódio relativamente banal em um supermercado: a narradora tenta se mostrar como uma personagem relativamente calma e perplexa com a facilidade com a qual outras pessoas se estressam e saem do controle na fila de um mercado cheio.

No primeiro parágrafo, a narradora em primeira pessoa se retrata como a cara da plenitude. Mas o comentário seguinte já problematiza isso: “Suponha que eu estivesse errada. Imagine se eu estivesse no lugar dela. Imagine se lá dentro as pessoas perceberam outra coisa, pense na cena tendo múltiplas interpretações, imagine se eu fosse como ela disse”, admite a narradora.

E é assim que se constrói o tom do texto: uma narradora nem sempre sincera consigo mesma em busca de entender e descrever seu próprio sentimento de raiva. Se esquivando em alguns momentos, sendo mais aberta eventualmente, percebendo a si mesma pelo olhar dos outros — e chegando em um texto sincero e corajoso sobre a raiva existente na relação entre uma mãe e seus filhos.

O desabafo é construído pela costura de pequenos trechos, que intercalam os relatos de situações, acontecimentos e eventos (como a do mercado) com reflexões mais específicas ou até bem abstratas. Estes trechos trazem a busca da própria narradora pelo seu vocabulário, em busca de construir uma narrativa que explique por que sente tanta raiva — e de fundo, a pergunta tem um tom de expectativa versus realidade. Afinal, por que se sente assim quando a expectativa e os discursos dominantes dizem que a maternidade é uma das maiores alegrias da vida? Que tipo de mãe ela é se sente tanta raiva dos pequenos acontecimentos cotidianos?

É claro que muitas vezes esse discurso está centrado naquele momento quase transcendental para as pessoas que tiveram um filho — o parto. Mas a narradora não está pensando nisso. Está pensando no dia a dia, no cotidiano massacrante de uma mãe de três crianças, que toma a forma de uma eterna lista de coisas para se fazer. E esse é um aspecto muito bem-construído do texto: a raiva não deriva de um momento apoteótico, assim como um momento incrível não apaga o resto. A vida, e o texto de Isakstuen, é construída do acúmulo das pequenas coisas do cotidiano, e a raiva explode quando a filha derruba o leite na mesa ou qualquer outro episódio tão pequeno quanto.

Voz da narradora

Outro aspecto muito bem-construído do livro é a voz da narradora. Pouco interessada em admitir sua raiva e em negação, para nós e para si mesma, deixa transparecer já muito cedo o sentimento de culpa atrelado à raiva que sente da maternidade. Esses desvios — e os momentos em que nos damos conta deles — são feitos principalmente por duas estratégias: a repetição de uma mesma história com alterações e o contato com outras personagens, colocando a própria narradora em perspectiva.

Vamos falar primeiro sobre as repetições com mudanças. Algumas alterações são mais substanciais, mas em geral é apenas o acréscimo de um determinado detalhe que já muda significativamente o ocorrido e nos mostra o quando ela não estava deixando transparecer antes. Isso ocorre, por exemplo, em uma situação em que machuca um dos filhos, um pouco por descuido, um pouco por negligência, um pouco por violência. Se da primeira vez que o episódio é narrado ele parece ter sido um completo acidente (o que não deixa de ter uma parcela de verdade) e em negativa (“não esmaguei os dedos dele na porta, estão inteiros”), nas próximas vezes ele recebe outros contornos e detalhes até ser apresentado como uma situação pela qual ela assume toda a culpa, o que vai para o pólo extremo.

A outra estratégia usada por Isakstuen é mostrar o quanto a narradora está em negação pela comparação de suas atitudes com a reação de outras personagens, ou ainda colocar as informações na voz dos outros. É nesse contato com o marido, com o vizinho, com a pessoa na fila do mercado ou com o terapeuta que muitas de suas ações são relativizadas para nós, como leitores, e para ela mesma. Fica evidente, por exemplo, quando ela é abordada por um vizinho preocupado, o que nos revela também como a situação é vista de fora.

O fato de a autora intercalar momentos mais narrativos com as reflexões, sem nenhuma ordem cronológica evidente, faz com que não tenhamos acesso rápido e seguro a informações factuais da vida da narradora. Isso só chega em partes e de maneira difusa, o que acrescenta ao clima de indefinição da vida da narradora e a falta de clareza em relação aos seus próprios sentimentos.

TRECHO**Raiva**

Suponha que eu estivesse errada. Imagine se eu estivesse no lugar dela. Imagine se lá dentro as pessoas perceberam outra coisa, pense na cena tendo múltiplas interpretações, imagine se eu fosse tal como ela disse. Simpática apenas quando convém, intolerante com quem quer que se intrometa no meu caminho ou contrarie minha vontade. Como é mesmo que eu tratava as pessoas? Como é que eu me comportava em relação aos meus filhos? Que espécie de ser humano eu era, afinal?

O que sabemos, porém, é que a filha mais velha, de oito anos, vem de um relacionamento anterior. Depois de achar que não teria mais filhos, se apaixona e engravida novamente, desta vez de gêmeos (que têm quatro anos no presente da narrativa).

Em outro ponto alto da construção da narrativa, não se sabe com clareza o status atual do relacionamento — afinal, apesar de uma separação não ser mencionada explicitamente no texto, a ausência da figura paterna é sentida no texto e mais evidente conforme nos aproximamos do momento atual.

Ligando tudo isso, Isakstuen se mostra como uma grande autora na construção deste desabafo da maternidade. Ligando com maestria a forma e o conteúdo, apresenta uma mulher que se descontrola em sua maternidade e acumula em si vários sentimentos de culpa. De já ter feito um aborto quando era mais nova. De ter tido gêmeos que prejudicaram a vida tão tranquila de sua primogênita, a obrigando a lidar com uma nova família. De perder a paciência em episódios pequenos do dia a dia. A culpa de ter machucado um dos filhos em um acidente. De nem sempre tratá-los com o amor que gostaria de sentir com mais frequência. Afinal, a própria narradora afirma: “Ninguém se pergunta como você vai conseguir amar tanta gente”. **1**

Filling

Variations on emptiness
clutter my mind, a clot of thought, of bubble wrap,
frogspawn.
It seems the story of the man
whose jaw like a sphincter closed around a pool ball
is a lie but I want to believe it,
plenitude, true.

Preenchimento

Variações sobre o vazio
obstruem minha mente, coágulos de pensamento, de plástico bolha,
ovos de sapo.
É como a história do homem
cuja mandíbula como um esfíncter fechado em torno de uma bola de bilhar
é uma mentira, mas eu quero acreditar,
plenitude, verdade.

RUFO QUINTAVALLE

Tradução e seleção: **Elton Uliana**

Because the night

Because the night
surrounds us,
because the cold
has got up
through our feet,
because the street
curves gently,
because in the dark
neon and an odor
of felt, because
the cellar door,
because the night,
despite the heart's
imperative, thins,
because the distant
sky, the stairwell,
because the boat,
the shifty moon,
because the pollen
is a dusty glove
on tarmac, because
the crab is inside
out, because want
warmth, comfort
despair, hessian
and a smell of clay
in rain, because,
despite it all,
a pillow, despite
the streetlights
sleep, despite
the jackhammers
dawn, because
the night, because
the hell of appetite,
because the damp
sand on an empty
beach, because
a quickening, as if
that were enough,
is enough, because,
despite it all,
a lumbering sound,
an odor of fat
on the foggy air,
smoke, the smell
of cows, of grass,
of prehistoric
ferns, because,
despite it all,
a moon like
a membrane, rubber
valve through which
the weather comes,
because the cold,
because the pull
of underearth,
because the endless
weather, because,
despite it all
despite it all
the weather.

Porque a noite

Porque a noite
nos rodeia,
porque o frio
sobe pelos nossos
pés, porque a rua
se curva suavemente,
porque no escuro
néon e um cheiro
de feltro, porque
a porta do porão,
porque a noite,
apesar do imperativo
do coração, se dilui,
porque o céu
distante, a escada,
porque o barco,
a lua mutante,
porque o pólen
é uma luva empoeirada
no asfalto, porque
o caranguejo está
do avesso, porque querer
calor, conforto
desânimo, sacos de estopa
e cheiro de barro
na chuva, porque,
apesar de tudo,
um travesseiro, apesar
das luzes da rua
o sono, apesar
das britadeiras
o amanhecer, porque
a noite, porque
o maldito do apetite,
porque a areia
úmida
na praia
vazia, porque
uma aceleração, como
se isto bastasse,
basta, porque,
apesar de tudo,
um som pesado,
um fedor de gordura
no ar nebuloso,
fumaça, cheiro
de vaca, de grama,
de samambaia
pré-histórica,
porque,
apesar de tudo,
a lua como
uma membrana, válvula
de borracha pela qual
o clima passa,
porque o frio,
porque o puxar
do subsolo,
porque o clima
infindável, porque,
apesar de tudo,
apesar de tudo
o clima.

**RUFO QUINTAVALLE**

Nasceu em Londres (Inglaterra), em 1978. Estudou em Oxford e na Universidade de Iowa e atualmente mora em Paris. É autor, entre outros, dos livros de poesia *hhereenow*, *Weather derivatives*, *Dog, cock, ape and viper*. Sua coleção mais recente, *Shelf*, é uma releitura de *Song of myself* de Walt Whitman. Dirigiu a série de leitura *Poets Live*, integrou o conselho editorial da revista literária *Upstairs at Duroc*, e por vários anos ensinou escrita criativa no campus da NYU em Paris.

teeth shook and jasmine

my teeth shook in
my skull and jasmine
edged distantly
it was far and away
the best we'd known
it incomparable
afternoon within a
mediocre year you
suggested a picnic
I stripped off
there & then celadon
sky and similar sea
and so much summer
to get ourselves into
cars like vultures
circling like
no tomorrow as if
no not like that
tutors rather
the learning curve
or the way a runner
bean turns to grip
and matte paint on
sun-laden walls
while everywhere
else is elsewhere
music of intimate
and anecdotal
life stuff she
screamed and
screamed and
no-one came the
day advanced
towards its horrible
end and anodyne
matter meant more
and more honey
suckle leaves
yellow and fall
and a tongue thick
from menthols dabs
at dry lips

dentês trêmulos e jasmim

meus dentes tremeram no
crânio e o jasmim
soprava à distância
de longe a melhor
de todas a mais
incomparável tarde
que tivemos neste
ano medíocre você
sugeriu um piquenique
eu tirei a roupa
ali mesmo céu cinza
esverdeado como o mar
e quanto verão
para desfrutarmos nós
de carro circulando
como abutres como
se não houvesse amanhã
como se não assim não
mentores seria melhor
curva de aprendizagem
ou o jeito da viagem
se enroscar e se prender
e uma tinta fosca nas
paredes ensolaradas
enquanto qualquer outro
lugar é um outro lugar
música intimista
e coisas circunstanciais
da vida ela
gritou e
gritou e
ninguém apareceu o
dia avançou em
direção ao seu terrível
fim e a matéria
anódina significava
cada vez mais folhas
de madressilva
amarelas e primavera
e a língua espessa
de mentolado roçando
os lábios secos



poesia brasileira

EDIÇÃO: MARIANA IANELLI

CLARISSA MACEDO

Decoro

*mulher precisa ser limpa muito limpa
mamãe dizia como se mulher já nascesse
suja*

Lilian Sais

Feche as pernas
use esmalte claro
desça as escadas sem olhar pra baixo
pegue os talheres de fora pra dentro
eleve a postura
não fale alto:

tudo isso mãe ensinava
quando eu, mocinha, não aprendia.

Mamãe, de outra época,
achava revolucionário usar minissaia
e ir à boate sozinha
— mas sempre de pernas fechadas, postura ereta
e um rombo farto no pulmão.

Curioso mamãe ascender sem o ar que tanto procurei.

Até hoje acredito que mamãe foi revolucionária,
afinal, forjou-me na farpa das que comem areia sem pedir licença,
sem nutrir um só perdão.

Do que é adiado

Minha mãe não me viu ir a Barcelona.
Ela, que me ajudou com a mala,
me viu partir
mas fui a outras terras;
talvez porque guardasse o desejo de que ela fosse comigo
talvez porque, enfeitado, o sonho aumenta moinhos
e passeia entre tristes cavaleiros.
Talvez eu nunca vá a Barcelona
e guarde a valsa-cisne que dançamos,
a mala e Gaudí
no fosso da memória,
essa cavalaria que grita enquanto de dor nos calamos.

Desposada

Quem poderia amar alguém assim
que usa meias compressivas
e seca num domingo à tarde.

Quem poderia cruzar a América
antes das navegações?

Quem, quem poderia
pegar num livro como fosse gente
armar ao sol uma lona
deixar virem os animais
e habitar todos,
como a rosa da infância
como a cúpula dos ancestrais
como sonhos que piscam
e nos acordam para o festim
para as meias compressivas
que não me deixam amar.

Capadócia

Ando a fim de todo mundo:
do motorista do uber
do ex-professor, do músico,
do médico, do porteiro,
de um de lá de São Paulo
do vizinho e do vendedor de carros.

Ando a fim de todo mundo
e, inúmero,
amo o planeta inteiro
essa sucursal
uma flor de bananeira
bem no pico do meu ventre —
a cortiça dessalgada
pela trompa de um incêndio.



CLARISSA MACEDO

Nasceu em Salvador (BA). Publicou **O trem vermelho que partiu das cinzas** (2014/2021), **Na pata do cavalo há sete abismos** (Prêmio Braskem Nacional da Academia de Letras da Bahia, 2014; traduzido ao espanhol, Madri, 2017, e Peru, 2021) e **O nome do mapa e outros mitos de um tempo chamado aflição** (2019). É a idealizadora do *Encontro de Autoras Baianas - Marcas Contemporâneas* do Sarau Cartografias. Gerencia o Portal da Palavra.

GILBERTO TADEU NABLE

O tratador de canários

Uma gaiola saiu à procura de um pássaro.
Franz Kafka

Homem distante o meu pai,
entanto gostava de pássaros.

(Comigo não se importava,
criança sem rima e canto.)

A mim, tratador de canários,
cabia limpar as gaiolas,

soprar as cascas do alpiste,
e pendurá-los, alegres, ao sol.

E eram vários, belos, coloridos,
os canários-belgas, os pintassilgos.

Solto o azulão voava rápido,
no próprio relâmpago das asas,

e pousava no dedo de meu pai,
como na mão de um mágico.

E meu peito de menino se acendia,
em pura admiração e espanto.

Homem distante o meu pai,
entanto gostava de pássaros.

(Comigo não se importava,
criança sem rima e canto.)

E minha surpresa hoje ao percebê-lo:
o moço com aquele pássaro na mão,

mais jovem que o filho que o sonha.
Então, dispersos a casa e os umbrais,

mesmo a longa mesa dos domingos,
e ainda a primeira ideia de família,

restaram uns poucos retratos na gaveta,
da infância, na memória, as imagens,

e da vida o voo rápido do azulão.

Chove lá fora

Chove lá fora sobre as serranias de Ayuruoca.
Chove lá fora sobre o gado em aboio.
Chove lá fora sobre os bambuzais e o rio.
Chove lá fora sobre antigos caminhos da minha infância,
com arapucas armadas e rolinhas,
e folhas úmidas nos pés descalços,
e lírios já orvalhados.
Chove sobre os pirilampos no escuro
em verde fosforescência.
Chove sobre o corpo de minha mãe doente,
exposto ao tempo e à febre.
Chove dentro do meu peito.

Chove uma chuva miúda e triste.
Chove, afinal, sobre os telhados do mundo.
Chove nos escombros do World Trade Center,
no Marco Zero da Grande América divinizada.
Chove sobre as mulheres palestinas orando e balindo.
Chove sobre os campos de refugiados na Jordânia,
em suas barracas esfarrapadas ventando,
como antes chovera nos campos de Sabra e Chatila,
e no Gueto de Varsóvia.

Chove na piazza de São Pedro, deserta,
e sobre os ombros encarquilhados do Papa.
Ouço a chuva caindo sobre minaretes e sinagogas
com seu ruído monótono.
Vejo a chuva molhando o corpo dilacerado de um
menino palestino,
com as mãos agarradas a uma pedra.
Chove nos capacetes metálicos dos soldados de Israel,
nas suas viseiras de aço e miras telescópicas.

Chove ainda hoje sobre mim,
bêbado, sozinho e urinando na chuva,
com um miserável soluço na garganta.
Eu sei que chove hoje e choverá para sempre,
em lento e definitivo dilúvio,
sem intervalo nem instante,
até que tudo esteja submerso sob as águas,
e na superfície nada,
nada respire sobre as ondas.



GILBERTO TADEU NABLE

Nasceu em Aiuruoca, pequena cidade do Sul de Minas, em 1954. Mora em Belo Horizonte (MG). É casado com a escritora Maria Célia Ferrarez. Publicou **Elegias urbanas e outros poemas** (1988) e **Menino abstrato** (contos, 1995), ambas edições do autor, em pequenas tiragens. Em 2006, publicou **Percursos da ausência** (poemas) e em 2008, **O mago sem pombos**. Em 2019, **Poemas do desalento & alguns elogios**.

DIVANIZE CARBONIERI**Intento**

a mão braquidátila
não mais datilografa
nem escreve à caneta
com caligrafia firme

a mão braquidátila
se estica sobre o teclado
seus dígitos encurtados
cobrem todos os caracteres

a mão braquidátila é como um cabo
que conecta o cérebro à máquina
instrumento que capta num átimo
o intento de uma arte máxima

Marca

a mão braquidátila
também é blasfema
emblema infame
de um daimon maldito

metacarpos retraídos
na metade das palmas
plasmando a marca
de um caim renascido

Mãos

o que mais sei de mim
são as mãos

conheço-as melhor do que a face
traduzida por superfícies
que a refletem sempre invertida

com as mãos sinto a vibração
das criaturas vivas

uma oscilação entre extremos
o que muito arde
e o que está gélido

portando armamentos
brandindo ferramentas

as mãos são a parte que nesse corpo mais vale

Indicador

o indicador
com seu papel de bússola

aponta rumos
sela pontos
perfura bolos

imprime no ar uma elipse
ao se mencionar o infinito

comenta-se que o segundo numeral
surgiu de uma ligação em v
delineada pelo índice
entre mim e você

**DIVANIZE CARBONIERI**

É autora dos livros de poesia **Entraves** (2017), Prêmio Mato Grosso de Literatura, **Grande depósito de bugigangas** (2018), **A ossatura do rinoceronte** (2020), Prêmio Filipoços, e **Furagem** (2020), além das coletâneas de contos **Passagem estreita** (2019), finalista do Prêmio Jabuti, e **Nojo** (2020). Foi finalista do Prêmio Guarulhos na categoria Escritor(a) do Ano em 2020 e segunda colocada no Prêmio Off Flip na categoria Conto em 2019. É editora das revistas *Ser MulherArte* e *Ruído Manifesto* e integra o *Coletivo Literário Maria Taquara*.

DIANA JUNKES**aniversário**

desabrochar a pele
correr o risco dos cortes
da ternura arrancada
pelo vento das mágoas

oferecer os cílios
à poda
entregues
livres

reerguer a corola dos sonhos
diante dos fósseis do tempo
com a bravura do barro
no chão vermelho

delicadeza insurgente I

recebo tuas cartas
sinto na pele
a pele das sílabas
a ânsia das vogais
a roçar-me os mamilos
os idílios

(daqui ouço o silêncio
este avesso de esperas
que cava melodias)

cada ponto final transporta o desejo
para o que é teu e tão íntimo:
espantos sussurros feridas abertas
mãos que vagarosamente
espalham sal

pelas calçadas
das cidades intangíveis
pelas veredas
do cerrado
onde

o sol.

**delicadeza insurgente II**

a dor vem quando tudo seca e esturricados
os sonhos incendeiam como o cerrado
por debaixo da terra ardem as raízes
as teias tênues das aranhas os bordados

por dentro quando ao cinza se ajusta a ruína
há sempre a ameaça de alguma árvore por tombar
e então as últimas ilusões soterrarão o ar
uma voz que nunca mais voltará a ser sua
inutilmente tentará calar chamas que rugem
feito perfuratrizes

tomara que nada tolha o seu direito de doer
a dor é oleosa são anos para tirar a graxa
de cada fibra do coração
as brasas dos pulmões

não posso lhe oferecer nada a não ser
detergentes e versos
um tanto do sangue pisado pela própria poesia
pois que a alegria só nasce daí
feito árvore retorcida
carregada da volúpia de existir
custe o que custar
doa a quem doer —
e demos amor

não posso lhe oferecer nada a não ser
linha agulhas suturas para os rasgos
que para sempre ficarão nas
trilhas ruas pés e rastros

até que no inverno um casaco
alaranjado
lembre você que um dia ainda

o sol

DIANA JUNKES

Nasceu em São Paulo (SP), em 1971. É poeta, crítica literária e professora de teoria literária na Universidade Federal de São Carlos, onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Poesia e Cultura. É autora de **As razões da máquina antropofágica: poesia e sincronia em Haroldo de Campos** (ensaio/crítica) e **clowns cronópios silêncios, sol quando agora, asas plumas macramê** (poesia).

LEILA MÍCCOLIS**Veganismo**

Num mundo em que nós,
bichos humanos,
matamos tudo o que comemos,
perfeição é ilusão,
sempre causamos danos;
e o mais evoluído dos seres
é apenas quem mata menos.

Terrorismo

No límpido céu azul
gaviões voando baixo.
No chão, galinhas aflitas.

Cabeça de mulher (*)

Como não sou fotogênica,
há fotos em que me acho
realmente parecida
às pinturas de Picasso.

* *Título da tela de Picasso retratando Dora-Maar, sua quarta mulher.*

Ready made / Objet trouvé ou A fonte

Marchel Duchamp me responda,
se não achar muito abuso:
na verdade foi você
o inventor do “multiuso”?...

Da farsa ao fogão

(Ciclo familiar)
Desconheço o que é ser Cinderela
mas conheço muito bem
como se sente uma abóbora...

Patinação artística

(Ciclo Olimpíadas)

Quantos tombos ela teve de cair
no treino inteiro,
até conseguir saltar com perfeição
nos braços do parceiro?... 🍷

**LEILA MÍCCOLIS**

É carioca e possui 30 livros editados (poesia e prosa). Com obras na França, México, Colômbia, África, Estados Unidos e Portugal. Publicou o **Catálogo da imprensa alternativa**, em 1986, e **Do poder ao poder - Alternativas na poesia e no jornalismo a partir de 1960**, em 1987. Elaborou verbetes sobre Literatura Alternativa e Poesia Independente para a **Enciclopédia de literatura brasileira** (MEC/OLAC, 1990).



AUSUSTIN

MARINA NAVARRO LINS

Ilustração: **Dê Almeida**

O garfo caiu da minha mão e quicou no prato. Grãosinhos de farofa espalhados pelo chão que eu tinha acabado de varrer. A velhice me irrita, onde já se viu ficar assustada com barulho de tiro?

Já ouvi tantos. Pei-pei-pei.

Antes, corria para o quarto com o terço de continhas rosa-claro escorregando na mão suada.

Não mais. Fico onde estou e espero passar, como se fossem apenas as badaladas do sino da igreja. Que já não badalam há anos.

Mas dessa vez foi diferente. Pei e pronto. Um só. E tão perto que cheguei a ver o sangue manchando a minha blusa.

Deixei a farofa no tapete e fui para a janela.

A galera do mexerico já em posição na porta do Castelinho azul. Que de castelinho não tem muita coisa, mas é azul. Eu, mais uma integrante do grupo dos alcoviteiros, perguntei logo:

— Quem é o presunto?

Seu Justino veio, a mão no peito fingindo-se de comovido.

Preparou a voz de William Bonner, mas saiu só aquele ganido de cachorro faminto que não combina em nada com a barriga, que dá para ver lá da Dutra.

— É o seu João, dona Ivone. Parece que foi assalto, a sala tá toda revirada. O cabra não tinha coragem de enfrentar aquele vagabundo do filho dele, mas parece que teve para botar banca para bandido. Deu no que deu.

Deu no que deu. Seu João do Castelinho quis proteger seu império para lá de duvidoso e acabou com a cara comida de bala. Um roteiro previsível, com lição de moral embutida. Mandem descer as cortinas. *The end.*

Acho que ninguém chegou a descobrir do que consiste o tal império. O homem mudou-se para o bairro com a mulher, o filho e uma aura de realeza que rapidamente se dissipou quando os dentes de ouro reluziram no seu sorriso de travessão.

Logo recebeu visitas das autoridades: o prefeito e a claque de vereadores, empresários e o che-

fe da boca. Seu Justino, dono da banca de jornal que há muito só vende *tupperwares* variados, tentou entrar no grupo, mas não passou da soleira da porta.

De início, não foi de todo mal. Dona Carmen, a senhora do Castelinho, distribuía sanduíches e doces para as crianças. Que comam bisnaguinhas!

Depois chegou a equipe da Secretaria de Obras Públicas e nosso asfalto perdeu o caráter de superfície lunar. Em dias de chuva, deixamos de caminhar com passo de astronauta, as sacolas do supermercado Vianense fazendo as vezes de botas espaciais.

Até uma viatura da polícia passou a embicar na nossa rua todas as manhãs. Os PMs vinham cautelosos, de início, temendo o terreno desconhecido. Logo passaram a zunir pelo asfalto lisinho, parando só para descer o cacete nos meninos que se escondem atrás do ponto de ônibus para limpar os bolsos de quem vai para o trabalho antes do nascer do sol.

Fazem ainda a escolta do filho do seu João, da delegacia, onde ele costuma parar após as noitadas no centro, até o Castelinho. Depositam o rapaz caindo de bêbado no sofá e saem satisfeitos, o pernil do natal garantido.

Pode-se dizer que a vida ali melhorou e, como cavalo dado não se olha os dentes, deixamos os molares reluzentes do seu João quietos.

Fora Dona Carmen, o resto da família real de Austin, Nova Iguaçu — que não é para confundir com Austin, Texas, que nem família real tem — só sai de casa dentro do casco reforçado de um blindado. Óculos escuros, estilo filme de espião.

A empregada e o motorista fazem, juntos, as compras do mês. Não dá nem tempo de decorar o nome deles e já aparecem outros em seus lugares. A rotatividade é tanta que até os fofoqueiros mais empenhados desistiram de acompanhar as mudanças.

Especulou-se muito, como era de se esperar. Contrabandista? Bicheiro? Político? Depois se especulou menos, até que a especulação parou de todo, porque, querendo ou não, as pessoas têm mais o que fazer.

Uma sirene invadiu a boia de tensão quase sólida que se formara ao redor do Castelinho. As vozes cessaram para dar lugar ao barulho que prenunciava uma solução. Se é que eles ficariam sabendo do desfecho.

Os policiais afastaram os vizinhos, que tentavam dar explicações que não foram pedidas, e cercaram o Castelinho com fita de isolamento. Começaria agora o entra e sai de PMs que não dizem nada, a retirada do corpo num saco preto e a caça aos bandidos que já devem estar em casa assistindo à Sessão da Tarde.

Peguei a vassoura para limpar a farofa do tapete e, com um garfo limpo, voltei ao meu almoço gelado. Não senti nada.

O corpo que não vi parecia ser só mais um, por mais que morasse de frente para mim, no Castelinho — chamado assim por causa das ameias e merlões no parapeito do segundo andar (palavras que só descobri depois de anos olhando o muro entrecortado sem saber como descrevê-lo).

Aquele homem com o rosto perfurado já era quase mítico em vida. Fazia parte do imaginário do bairro, das rodas de conversa em frente à padaria, das ameaças que pais cansados fazem aos filhos impossíveis:

— Vou te mandar lá pro Castelinho pra ver se você toma jeito!

Sua presença física é o de menos; sempre foi o de menos para nós. Seu corpo logo vai partir no rabeção e pouco mudará. A fábula ganhará novos contornos, talvez. Mas só.

Por isso, voltei aos meus afazeres. Tenho que passar pano na casa que é para quando a minha neta chegar não ficar espirrando.

Desde que meu marido morreu, ficou mais fácil limpar os móveis. Chorei uma perda, mas comemorei outras: a dos bibelôs que ocupavam cada centímetro das superfícies da sala.

Eram caixinhas, santos de madeira, passarinhos de vidro, bonecas russas e enfeites de plástico do Vasco. Joguei tudo num saco e guardei no fundo do armário, para o caso de bater nostalgia.

Minha neta diz que entendo de décor. Parece que sou minimalista.

Dei uma espiada pela janela e vi os carros da imprensa enfileirados no início da rua. Seu João devia ser peixe grande, vamos descobrir amanhã pelos jornais.

Dona Marisa me viu pela fresta da cortina e veio saber por que eu estou entocada justo hoje.

— E eu lá sou urubu pra ficar rondando defunto?

Abri a porta porque não tinha escapatória. Dona Marisa se apurou no meu sofá e seu Valdir veio atrás, como um cachorrinho embevecido. Um casal de velhotes sem senso do ridículo.

— Eu sempre soube que ia acontecer, era só questão de tempo. Não tem como viver nessa arrogância e escapar ileso. Tudo na vida tem um preço — filosofou dona Marisa.

— Ele foi burro. Se fosse eu, andava com segurança armado até dentro de casa. Não ia dar esse mole de ser pego desprevenido de cueca por uns bandidinhos — avaliou seu Valdir, que aplicava o mesmo diagnóstico para todos os casos: fulaninho foi burro.

— Ele estava de cueca?

— Samba-canção e meias. Não tinha nem roupão e o povo achando que ele era chique.

— É a família dele? — perguntei.

— Ninguém sabe, ninguém viu. O homem estava sozinho.

Livre-me dos dois faltando menos de meia hora para a novela das seis. Não admito para ninguém, mas morro se não assistir ao último capítulo hoje. E, quando chegar ao Juízo Final, vou dizer logo que pouco me importa descobrir o sentido da vida e o que vem depois.

Vou querer saber se Teresa terminou com Joaquim e quantos filhos eles tiveram. E se Otávio Augusto pagou seus pecados estatelado na base de um penhasco ou debaixo de um trem.

Adoro um romance açucarado e previsível. A previsibilidade é, sem dúvida, a condição mais subestimada que existe no mundo.

Pão francês torrado, café passado, eu a postos no sofá. Quando recomeça, pei-pei-pei. Não apenas um, mas uma dezena.

Minha porta é escancarada

e duas moças mergulham no meu tapete, tremendo da cabeça aos pés. O crachá que quase estranquila uma delas mostra que é jornalista. Estagiária, talvez.

— O que está acontecendo lá fora? — pergunto, segurando o controle remoto com força para dominar o tremor dos dedos.

Elas me olham pela primeira vez, quase surpresas por eu estar ali, dentro da minha própria casa.

— Tinha um cara andando pela mata, naquele moro atrás do Castelinho. Ele não quis se entregar e os PMs abriram fogo.

Ficamos mais um tempo num silêncio áspero, por longos minutos que na verdade foram apenas segundos.

Aproximamo-nos da janela e, aos poucos, o povo foi saindo dos esconderijos, como minhocas depois de uma chuvarada.

— Puta que pariu, irmão. Avisa antes de disparar.

— Já avisei que não é para vocês ficarem tão perto, porra. Ninguém se mexeu.

— Cadê o seu Justino?

Estranho, seu Justino jamais perderia esse show. É do tipo que passa a noite toda em claro para dar as notícias em primeira mão no grupo do zap, com direito a análises que mesclam crítica social e teorias da conspiração.

Não tardou para um corpo cravejado de balas aparecer, arrastado para fora da mata por um policial. A camiseta branca empapada de sangue arroxeadado, o rosto com uma máscara de terra e gravetos coletados no percurso.

A barriga não deixava enganar.

— Seu Justino tinha conluio com a bandidagem?

— Vai ver que era por isso que estava sempre bem informado.

— Vocês beberam? Seu Justino era honesto. Aposto que estava ajudando na investigação do caso.

— Ele foi burro. Pra que foi se meter na mata com esse bando de PM aqui?

— Deu no que deu.

Fechei a porta, com chave dessa vez. Sentei no sofá, mas não deu vontade de ligar a TV. As vozes entravam sem convite pelo vão da janela, que continuava aberto mesmo quando eu a fechava.

Coloquei a mão sobre os ouvidos e esperei. Às vezes, tenho vontade de fazer com os meus sentidos o que fiz com os bibelôs. Jogar tudo num saco, torcer as abas e colocar no fundo do armário.

Não escutar mais os estampidos, não cheirar podridão, não assistir a esse faroeste macabro, não sentir na boca o gosto metálico que não sai nem com pasta de dente.

Quero decorar meu corpo como decorei a minha casa. Sem sentidos e sem memória. Um minimalismo duro e reconfortante.



MARINA NAVARRO LINS

Nasceu no Rio de Janeiro (RJ). É jornalista e tradutora. Em 2017, foi para Londres, onde cursou mestrado em Comunicação e Desenvolvimento na London School of Economics (LSE). Vive em Marple, no norte da Inglaterra.

LEW WELCH

Tradução e seleção: **André Caramuru Aubert**

The basic con

Those who can't find anything to live for,
always invent something to die for.

Then they want the rest of us to
die for it, too.

O golpe básico

Os que não conseguem encontrar um motivo pelo qual viver,
sempre inventam algo pelo qual morrer.

E então eles querem que o resto de nós
morram por isso, também.

Not yet 40, my beard is already white

Not yet 40, my beard is already white.
Not yet awake, my eyes are puffy and red,
like a child who has cried too much.

What is more disagreeable
than last night wine?

I'll shave.
I'll stick my head in the cold spring and
look around at the pebbles.
Maybe I can eat a can of peaches.

Then I can finish the rest of the wine,
write poems till I'm drunk again,
and when the afternoon breeze comes up

I'll sleep until I see the moon
and the dark trees
and the nibbling deer

and hear
the quarreling coons

Nem cheguei aos 40, e minha barba já está branca

Nem cheguei aos 40, minha barba já está branca
Nem me levantei ainda, meus olhos estão vermelhos e inchados,
como os de uma criança que chorou muito.

O que é mais desagradável
do que o vinho da noite passada?

Vou me barbear.
Vou enfiar minha cabeça no riacho gelado e
e olhar os seixos em volta.
De repente eu como uns pêsegos em lata.

E depois eu posso beber o resto do vinho,
escrever poemas até ficar novamente bêbado,
e quando a brisa da tarde chegar,

vou dormir até ver a lua
e as árvores escuras
e o veado pastando

e ouvir
os quatis discutindo

I saw myself

I saw myself
a ring of bone
in the clear stream
of all of it

and vowed,
always to be open to it
that all of it
might flow through

and then heard
"ring of bone" where
ring is what a

bell does

Eu me vi

Eu me vi
um anel de ossos
no riacho límpido
de tudo isso

e jurei
estar sempre aberto
a isso, que tudo isso
deveria fluir livremente

e então ouvi
"anel de ossos", onde
anel é o que

um sino faz

The image, as in a Hexagram

The image, as in a Hexagram:

The hermit locks his door against the blizzard.
He keeps the cabin warm.

All winter long he sorts out all he has.
What was well started shall be finished.
What was not, should be thrown away.

In spring he emerges with one garment
and a single book.

The cabin is very clean.

Except for that, you'd never guess
anyone lived there.

A imagem, como num Hexagrama

A imagem, como num Hexagrama:

O eremita tranca sua porta contra a nevasca.
Mantém o chalé aquecido.

Ao longo do inverno ele classifica tudo o que tem.
O que teve um bom começo deverá ser finalizado.
O que não, deverá ser jogado fora.

Na primavera, ele surge com uma peça de roupa
e um único livro.

O chalé está bem limpo.

Exceto por isso, você jamais imaginaria
que alguém viveu ali.

After Anacreon

When I drive a cab
I am moved by strange whistles and wear a hat.

When I drive a cab
I am the hunter. My prey leaps out from where it hid, beguiling me with gestures.

When I drive a cab
all may command me, yet I am in command of all who do.

When I drive a cab
I am guided by voices descending from the naked air.

When I drive a cab
A revelation of movement comes to me. They wake now. Now they want to work or look around. Now they want drunkenness and heavy food. Now they contrive to love.

When I drive a cab
I bring the sailor home from the sea. In the back of my car he fingers the pelt of his maiden.

When I drive a cab
I watch for stragglers in the urban order of things.

When I drive a cab
I end the only lit and waitful thing in miles of darkened houses.

Whenever I make a new poem

Whenever I make a new poem,
the old ones sound like gibberish.
How can they ever make sense in a book?

Let them say:

“He seems to have lived in the mountains.
He traveled now and then.
When he appeared in cities,
he was almost always drunk.

“Most of his poems are lost.
Many of those we have were found in
letters to his friends.

He had a very large number of friends.”

Toda vez que crio um novo poema

Toda vez que crio um novo poema
os antigos soam como bobagens.
Como poderiam eles fazer sentido em um livro?

Deixe que digam:

“Ele parece ter vivido nas montanhas.
Ele viajou vez ou outra.
Quando aparecia nas cidades,
estava quase sempre bêbado.

“A maior parte de seus poemas se perdeu.
Muitos dos que temos foram encontrados em
cartas aos amigos.

Ele tinha um grande número de amigos.”

Depois de Anacreonte

Quando eu dirijo um táxi
me comovo com assobios estranhos e uso um chapéu.

Quando eu dirijo um táxi
sou o caçador. Minha presa salta de onde havia se escondido, me seduzindo com seus gestos.

Quando eu dirijo um táxi
todos podem me comandar, mas estou no comando de tudo.

Quando eu dirijo um táxi
Sou guiado por vozes vindas do ar aberto.

Quando eu dirijo um táxi
Uma revelação sobre o movimento vem a mim. De repente acordam. Querem trabalhar ou xeretar por aí. Agora querem bebedeiras e comida pesada. E agora planejam amar.

Quando eu dirijo um táxi
Levo para casa o marinheiro que veio do mar. No banco de trás do meu carro ele acarícia a pele de sua donzela.

Quando eu dirijo um táxi
Fico atento aos retardatários na ordem urbana das coisas.

Quando eu dirijo um táxi
Termino a única coisa acesa e esperançosa em milhas de casas escuras.

The Empress herself served tea to Su Tung Po

The Empress herself served tea to Su Tung Po,
And ordered him escorted home by
Ladies of the Palace, with torches.

I have forgotten my flashlight.
Drunk, I'll never get across this
Rickety bridge!

Even the Lady in the Sky abandons me!

A própria Imperatriz serviu chá a Su Tung Po

A própria Imperatriz serviu chá a Su Tung Po,
E mandou que ele fosse escoltado para casa
Pelas Damas do Palácio, com tochas.

Eu esqueci minha lanterna.
Bêbado, eu nunca conseguirei atravessar esta
Frágil ponte!

Até mesmo a Senhora no Céu me abandonou! 🗣️

LEW WELCH

Nasceu em Phoenix (EUA), em 1926. Identificado como o personagem Dave Wain no romance **Big Sur**, de Jack Kerouac, é o beat desaparecido, literal e simbolicamente. Em termos materiais, porque deixou uma nota de suicídio, em 1971, levou um rifle e sumiu na mata, sem que seu corpo tenha sido jamais encontrado; e simbolicamente, porque cada vez menos seu nome é citado entre os poetas beat — ainda que, sem dúvida, ele tenha sido um dos melhores.



ozias filho
 QUEM EU VEJO QUANDO LEIO

FLÁVIA ROCHA



Veja mais em
rascunho.com.br

FLÁVIA ROCHA

Nasceu em São Paulo (SP), em 1974. É jornalista, poeta e roteirista. Livros de poemas: **Exosfera** (Nós, 2021), **Quartos habitáveis** (Confraria do Vento, 2011), **A casa azul ao meio-dia** (Travessa dos Editores, 2009) e **Um país** (Confraria do Vento, 2005). Seus poemas, traduções e ensaios foram publicados em diversas revistas brasileiras e internacionais. Por 13 anos foi editora da revista literária americana *Rattapallax*. Trabalhou nas revistas *Carta Capital*, *Bravo!*, *Casa Vogue* e *República*. É fundadora e diretora de comunicação da Academia Internacional de Cinema (AIC), e roteirista, com Steven Richter, do longa-metragem *Birds of Neptune* (EUA, 2015). Vive em Lisboa (Portugal). www.flaviarochoa.com





rogério pereira

SUJEITO OCULTO

O SUBMARINO

Estou na areia a caminho do mar. Nas ondas suas, avisto minha filha brincando com uma amiga. Duas crianças a escancarar um amor de causar inveja: sem cobranças ou ressentimentos. Divertem-se sob o sol do meio-dia. Tenho a missão de tirá-las das labaredas. O calor promete sapear a carne ainda frágil e sensível. Sei das dificuldades que me aguardam. Elaboro argumentos contra a costumeira birra. Decido por um simples grito: “Vamos, garotas”. Do marulhar chega-me apenas a indiferença juvenil. Sempre evitei o sol, o mar, a areia. Triade capaz de derreter cérebros e dissimular olhares. Diante do duplo menosprezo, o desânimo enlaça-me numa previsível indolência. Olho ao redor: a praia semideserta me contempla. Sou uma formiga à beira de um vulcão.

O mar — e tudo o que ele representa — apavora-me desde quando tentei desafiar-lo num fim de tarde de uma juventude a cada dia mais longínqua.

Adentro as ondas envolto pelas mãos brancas, lisas e, sobretudo, jovens e bonitas. A imensidão de cor indefinida aos olhos de um daltônico me assustava quando os pés apenas roçavam a parte mais rasa e ínfima deste Ciclope líquido que tenta abocanhar o mundo. O choro estrangulado, mesmo com a mãe a conduzir-me pelo pulso frágil como a espuma salgada que agora se infiltra por entre os dedos dos meus pés. O pai assistia a tudo sentado tranquilo na areia, indiferente à descoberta do filho de que a morte está sempre à espreita.

Mas agora é diferente. Tenho estas mãos sobre a minha, o que dificulta nossos movimentos. No horizonte, o sol simula um suicídio. O frio faz a pele rejuvenescer, tenta ocultar uma idade inexistente. A velhice ainda não nos preocupa. O vento espalha os cabelos, as ondas roçam nossos corpos. Estão próximas aos joelhos. O frio parece aumentar a cada passo. Na praia, as pessoas batem as toalhas, recolhem os guarda-sóis, tiram a areia do corpo, catam os filhos perdidos entre gritos e correria. Vão para casa pensar no jantar e no resto da noite. As mães sempre são as últimas a deixar as marcas na areia. Caminham atentas aos passos desajeitados dos filhos e aos apressados dos maridos.

Um moleque passa numa bicicleta, empinando uma pipa. Equilibra as duas rodas, o guidão, as mãos no fio e o olhar na bunda da mulher que agora passa os dois braços em volta do meu corpo. Sinto-me orgulhoso e sorrio. O menino — um libidinoso equilibrista — já vai longe, meus olhos o acompanham até que se fecham para sentir a língua quente passeando pelo meu pescoço. O corpo todo se agita. Tudo não passa de um breve instante. A carne arrefece e o vento fica ainda mais frio.

O sol, há algum tempo, afogou-se na linha que divide o mundo. Quietos, olhamos tudo em volta: a praia, um pequeno barco ao longe que parece perdido (mosca pousada numa toalha infinita), as pequenas casas próximas à areia, o mar. Principalmente o mar. Ao mesmo tempo em que me assustam, as águas verdes ou azuis me enchem de uma vontade

de descobrir os mistérios escondidos naquela imensidão. Quando criança, apesar do medo, sonhava construir um submarino para viajar o mundo e desvendar a vida entre tubarões, baleias e arraias — um zoológico, cujo guardião era Aquaman. Sonhava com o mar, com peixes enormes me carregando pelas entranhas da terra. Eu, um Ahab a caçar uma Moby Dick em miniatura. Acordava assustado, mas estranhamente feliz.

Hoje, não tenho muito tempo para sonhar coisas esquisitas; multiplico-me em maneiras de tornar a vida menos estranha. Desenho planos em guardanapos. Carrego sempre um guardanapo no bolso direito da calça. Alguns projetos me satisfazem. Mas, às vezes, tenho vontade de descobrir o que existe no fundo do mar. Quando meu filho nasceu, pensei em batizá-lo Netuno. Hoje, um menino espigado e tímido, ele também evita o mar.

Uma curiosidade inunda o corpo e impulsiona os meus pés. E as mãos. Acaricio os lábios dela com a ponta enrugada dos dedos. Beijo-os. São quentes e salgados como a água do mar, que já ronda nossas cinturas. Beijo-a cada vez com mais intensidade e tento caminhar. Dançamos abraçados, em desajeitada harmonia com o balanço das águas. Bailarinos aquáticos. Insanos filhos de Poseidon. O calor de seu corpo é gostoso. No entanto, sinto muita vontade de ter um submarino e viajar longas distâncias. Tento esquecer, encosto os cabelos molhados em seus seios; a água se desprende e rola tranquila rumo ao umbigo da mulher de mãos brancas. Sei que estou fazendo a coisa certa. Ela sussurra qualquer coisa em meu

ouvido, faço de conta que não escuto e continuo ali, aninhado.

Já é tarde e ninguém se preocupa mais com as ondas que visitam a praia. Não sei que horas são. Sei apenas que estou sozinho entre a solidão do mar e os seios da mulher de mãos brancas. Sei também que quero descobrir o que existe do outro lado do mundo. Desprendo-me do abraço e caminho com dificuldade em busca do sol, que deixou apenas uma réstia sobre a água. Caminho decidido, sei que vou encontrá-lo. Ouço alguns gritos atrás de mim. Na areia, curiosos. Sinto um gosto salgado invadir a minha boca. Tento voltar, mas tudo é muito difícil. Não faz diferença. Estou a bordo do meu submarino. Rumo em direção ao fim do mundo; vou encontrar o sol, minha mãe e meu pai sorrindo sentados na areia. Enfim, nado a favor das ondas, a imensidão desaparece. Na areia, alguém me espera.

“Papai, você precisa entrar no mar, descarregar a energia negativa”, diz minha filha com uma caricata sabedoria adulta. Na mão direita, um baldinho de plástico amarelo a transbordar. Na esquerda, a amiga. Preciso tirá-las do sol, protegê-las. “Não gosto de praia, não sei nadar”, digo. A frase parece soar como uma piada, um sarcasmo escaldante. O que elas entendem como uma autorização para despejar toda a água sobre um pai de bermuda, camiseta e boné — vestimenta medieval, um verdadeiro ultraje aos corpos nus e tostados esparramados na areia.

Sou uma formiga encharcada à beira de um vulcão. Às vezes, sinto saudade de um submarino que nunca tive. 🐛



MINISTÉRIO DO TURISMO APRESENTA

paioi
LITERÁRIO



palco de grandes ideias



10ª temporada



Julián Fuks



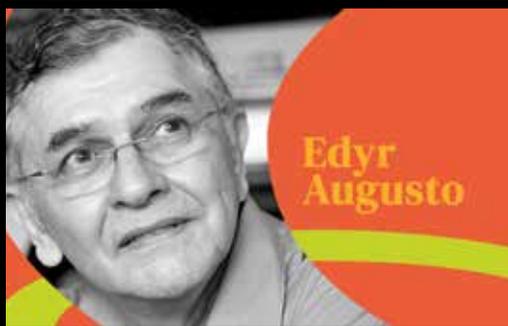
Marília Garcia



Paulo Scott



Veronica Stigger



Edyr Augusto



Patrícia Melo



Cida Pedrosa



Assista no canal do
 **YouTube** do Paioi Literário
a todos os encontros.
No site paiolliterario.com.br,
leia as transcrições
das conversas.



Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

